

A Nação em *A Violeta*:
um roteiro de leitura

MARIA INÊS PAROLIN ALMEIDA
Mestrado IEL/UNICAMP

MARIA INÊS PAROLIN ALMEIDA

A Nação em A Violeta:
um roteiro de leitura

Dissertação apresentada ao curso de Teoria e História Literária, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria e Crítica Literária.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Berta Waldman
IEL/UNICAMP

Banca Examinadora: Prof^ª Dr^ª Emília Amaral
Prof. Dr. Hélio S. Guimarães

UNICAMP
2003

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

AL64n Almeida, Maria Inês Parolin.
A Nação em A Violeta : um roteiro de leitura / Maria Inês Parolin Almeida. - - Campinas, SP : [s.n.], 2003. -

Orientador : Berta Waldman
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Periódicos. 2. Vida intelectual - Mato Grosso. 3. Leitores. 4. Leitura e sociedade. I. Waldman, Berta. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: The Nation in *The Violet*: a guide of reading.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Literature and periodic; Nationalism and women`s education; Intellectual life - Mato Grosso.

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Prof. Dr. Hélio Guimarães e Profa. Dra. Emília Amaral.

Data da defesa: 28/02/2003.

Para minha mãe.

Para Giulia e Giovana, minhas
companheiras, que tantas vezes
irromperam porta adentro em meu
espaço de estudo. “Suas
interrupções foram insubstituíveis.”

AGRADECIMENTOS

À professora Berta,
pelo respeito ao meu ritmo e limite de elaboração,
pelo voto de confiança.

Ao Berriel,
pelo mapa das cidades de Campinas, Roma, Florença e Rio de Janeiro,
pela acolhida generosa na Unicamp.

À Eni,
pela Berta,
pela acolhida afetuosa na Unicamp,
pela torcida,
pela abertura.

Ao Mário,
por ser sempre o meu porto seguro.

À Nana,
por se manter minha amiga,
apesar de nós mesmas.

À Beth,
por ser mais que irmã, cunhada ou tia, ao colocar suas realizações em suspenso para que eu
pudesse ir ao encontro das minhas.

A Késia e ao Hélivio, meusamô,
pela amizade reencontrada na mão estendida e na torcida sincera.

Aos professores
Paulo Franchetti e Vilma Arêas,
pela abertura que me permitiu pensar o objeto desta pesquisa durante seus cursos em 1999.

Aos professores
Hélio Guimarães e Emília Amaral,
por terem aceito o convite para compor a banca,
pelas sugestões e críticas,
pelo voto de confiança em meu trabalho.

À Belelei, Vera Maquêa, Selma, Geth, pelo respeito ao meu trabalho, à minha pessoa, às
minhas limitações.

À Élcia,
pelas promessas.

A CAPES e UNEMAT – Campus Universitário de Pontes e Lacerda – MT,
pelo apoio material que possibilitou minha estada em Campinas e a realização final deste
trabalho.

*Ceguei na beira do porto
Onde as onda se espáia
As garça dá meia volta
E senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia*

*Ai quando eu vim da minha terra
E despedi da parentaia
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaia
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes batáia*

*(Cuitelinho - recolhido por Paulo
Vanzolini e Antônio Xandó)*

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT	09
I. Considerações Preliminares	10
II. <i>A Violeta</i> em cena	15
III. Figurações	61
IV. Considerações Finais	90
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	92
APÊNDICES	96

RESUMO

A Violeta configura-se como um periódico de variedades que circulou em Cuiabá e no Estado de Mato Grosso durante a primeira metade do século XX (de 1916 a 1950), fruto do Grêmio Literário Feminino, o Júlia Lopes de Almeida, que fomentou parte da vida literária e intelectual da capital e do Estado durante o mesmo período. Este trabalho busca estudar a relação entre esse periódico e o Grêmio que o manteve, na medida em que estuda a relação de ambos com o seu contexto de produção cultural. Na tentativa de marcar a especificidade de *A Violeta* nesse contexto, buscamos em nossa análise discutir as implicações do agenciamento das tópicas do Nacionalismo e da Educação de Mulheres enquanto parte de um programa ideológico-cultural cuja ambigüidade se revela no tutelamento da leitora potencial da Revista, na constituição das heroínas das narrativas (enquanto *exemplum*) e da paisagem mato-grossense figurada síntese do Brasil.

ABSTRACT

A Violeta is constituted as a varieties periodical that was in circulation in Cuiabá and in the State of Mato Grosso during the first half of the 20th Century (from 1916 to 1950), a product of the Grêmio Literário Feminino “Júlia Lopes de Almeida”, an association that stimulated part of the literary and intellectual life of both capital and state during the same period. This work is intended to study the relation between the periodical and the association by which it was maintained, to the extent that it studies the relation of both and their background of cultural production. In the attempt of establishing the specificity of *A Violeta* in this context, we tried, in our analysis, to discuss the implications of the management of the topics related to Nationalism and the Education of Women as parts of an ideological-cultural program, which ambiguity is revealed in the care of the potential reader of the Magazine, in the

characterization of the heroines in the narratives (as *exemplum*) and in the representation of the landscape of Mato Grosso as a synthesis of Brasil.

I. Considerações Preliminares

...a ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra – de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador.

(Antonio Candido)

Este trabalho tem como objetivo trazer à cena de uma discussão acadêmica o periódico mato-grossense de variedades *A Violeta*, que circulou pela capital e interior do Estado, bem como por algumas localidades do Brasil, continuamente entre 1916 e 1950.

Criado e mantido por uma associação literária feminina, o Grêmio Júlia Lopes de Almeida, a revista *A Violeta* participou e coordenou a maior parte dos acontecimentos que envolveram a vida cultural e literária de Cuiabá, capital do Mato Grosso ainda unificado.

Pensar a produção desse periódico vem ao encontro de nossos anseios ainda quando da elaboração do projeto de pesquisa para o mestrado, visto que desde lá incomodava-nos a parca bibliografia que trata da produção cultural que se realizou fora do sudeste do Brasil no início do XX.

Esta bibliografia que, quando tratou do Grêmio ou de sua Revista, o fez de forma esquemática e com o objetivo de registro historiográfico, não optando por trazer à tona questões que se abstraíssem de uma análise mínima que fosse dos textos e que

poderiam em muito contribuir com o estudo da vida cultural e literária do Estado e de sua capital, o que com certeza ocorreria, haja vista a predominância das atividades de publicação e circulação de periódicos no decorrer de toda a República Velha no Brasil.

Magalhães (2001:36), por exemplo, ao ensinar recentemente uma *História da Literatura de Mato Grosso*, trata de *A Violeta* como um elemento a mais que compõe uma lista geral dos periódicos que circularam no início do XX no Estado, apenas, isto sem maiores comentários ou análises:

No que respeita aos jornais e revistas literárias, dentre os vários surgidos nas décadas de 1910 e 1920, destacamos o Automatismo; O Colibri – órgão noticioso humorístico e literário; O Cruzeiro – órgão dedicado às letras, pilhérico e noticioso; Escola – folha literária jovial e crítica; A Juventude – periódico literário, crítico, esportivo e noticioso; A Letra – órgão da Sociedade Literária Rui Barbosa; O Mato Grosso – revista mensal de Ciências, Letras e variedades; O Pharol – órgão literário, crítico e noticioso; A Violeta – órgão do Grêmio Literário Júlia Lopes; A Imprensa – periódico literário, crítico e noticioso; e O Ferrão – critica, dá notícia e faz literatura.¹

Portanto, tentamos realizar uma aproximação de *A Violeta*, buscando pensar essa produção cultural realizada longe dos centros hegemônicos do país, para, talvez, nesse exercício de perspectiva deslocada, podermos apreender seu modo de produzir sentidos em relação às questões estéticas e históricas de seu tempo de circulação: Como se viam as intelectuais que produziam nosso periódico? Como encenavam as questões de seu tempo em seus textos? Como viam ao seu momento?

Nesse sentido, a coleta de dados foi realizada nos três primeiros anos do mestrado, posto que não dominávamos todo o *corpus* que compõe a coleção de por

¹ MAGALHÃES, Hilda. *História da Literatura de Mato Grosso. Século XX*. Cuiabá-MT: UNICEN, 2001.

volta de 300 exemplares, arquivados quase que em sua totalidade no setor de periódicos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Após o conhecimento geral de toda a coleção disponível, no contato com a qual não tivemos preocupação quantitativa, fizemos o recorte que tangencia temporalmente a produção do periódico, objetivando a partir disso interpretar os movimentos de sentidos sobre aquelas questões e performatizados em várias direções que marcam os exemplares nos primeiros anos de sua circulação, os quais se estendem do número 01, de dezembro de 1916, ao número 142, de dezembro de 1926.

E buscamos ainda perceber a relação instaurada entre textos produzidos nesse período e seu contexto de produção cultural e literária, circunscrito ao Mato Grosso do início do século XX e ao do período respectivo a nível brasileiro, ou ainda, ao nível da então capital federal, o Rio de Janeiro, referência em muitos sentidos para a intelectualidade iniciante no Estado de Mato Grosso.

Assim, o nosso trabalho escrito final encontra-se dividido em duas partes gerais, nas quais buscamos desenvolver uma escrita que vá ao encontro da direção que a pesquisa de campo e bibliográfica tomou:

Na primeira delas, sofrendo todas as angústias de mobilização de registro dos dados coletados, tentamos apresentar o periódico em sua constituição (desde a divisão das seções, as relações entre as mesmas, os escritores que publicaram em suas páginas, a relação de constituição mútua estabelecida entre o Grêmio e o periódico desde sua fundação) até ampliar suas questões internas para o contexto que as produziu, apresentando no geral quais as problemáticas centrais que envolvem as tensões encenadas nos textos, no sentido de pensar quais as apostas feitas pelos escritores/editores do periódico.

Na segunda, num gesto mais restrito, permitimo-nos pinçar de *A Violeta* alguns textos que nos chamaram a atenção durante a leitura da sua coleção, para a partir dos mesmos procedermos a uma análise mais detida de três aspectos que para nós estão no bojo da configuração da Revista, constituindo a especificidade do seu diálogo com seu público e com seu momento.

Acreditamos que o Nacionalismo é a tônica que permeia toda o projeto de construção e atuação do Grêmio Júlia Lopes de Almeida e da revista *A Violeta*, e estes possuem um objetivo programático de formação de público leitor para a sociedade mato-grossense, e ainda para a sociedade feminina letranda.

Nos textos em que nos detivemos, a partir do agenciamento dessas *tópicas*, a do Nacionalismo e da Educação de Mulheres, percebemos um ideal de pátria funcionando fortíssimo no sentido de a ele impingir um papel para a mulher mato-grossense, o que é também declarado continuamente na *performance* que o periódico assume diante de suas leitoras.

Antes de introduzir nossa discussão, gostaríamos de tecer observações sobre nossas opções metodológicas quando procedemos ao registro dos textos e exemplares no interior deste trabalho:

- a. Mantivemos a ortografia e pontuação conforme o que registramos em nossa coleta dos mesmos.
- b. Mantivemos a configuração espacial dos textos, tais como os sinais de intervalo, sinalizações de “continuação”, de “conclusão”. Quando não nos foi possível a manutenção, assinalamos no corpo do texto.

- c. Entretanto, quando fizemos apenas referência, no corpo de nossas discussões, às seções e textos da Revista, optamos pelo uso de nossa ortografia atual.
- d. O pseudônimo das autoras foi mantido.
- e. Os dados referentes à circulação do periódico sob os quais não há referência de outra fonte no interior do trabalho foram extraídos de nossas anotações de campo.
- f. A maioria dos textos e trechos que utilizamos em nossa análise foi copiada manualmente, o que justifica sua digitação para posterior inclusão no corpo dos apêndices. A transcrição manual deveu-se à impossibilidade técnica e financeira para a realização de cópias eletrostáticas dos exemplares originais.

II. *A Violeta em cena*

Poucos motivos de sedução retórica marcaram tanto a vocação hegemônica das nossas elites quanto a idéia de pátria. (Arnoni Prado)

... A nação que quiser progredir deve educar as mulheres. (Arinapi. *A Violeta* 59: 2, de 30 de outubro de 1919. *Chronica*)

O trabalho intelectual sobre periódicos se permite prazeroso e fascinante à medida que nos revela vários pontos de entrada que correspondem, por sua feita, às multifaces que o objeto de pesquisa revela enquanto possibilidade de enfoque.

Dentre essas possibilidades, o estudioso da literatura pode optar por vários caminhos de leitura, seja buscando pensar o objeto em relação à sua significação para a história literária; seja dissecando as partes de sua composição a fim de detectar o projeto de atuação do periódico em questão; ou ainda tentando compreender as apostas dos escritores em suas páginas.

Além disso, pode pensar todas essas possibilidades de discussão em conjunto a partir da seleção de traços largos para análise, colocando essas operações em relação uma à outra.

Seja qual for sua opção, cujas alternativas implicariam raciocinar outros modos de se acercar do *corpus* e dele pinçar outras problemáticas, conceber a literatura que habita o espaço material do periódico inclui necessariamente pensá-la levando em consideração a materialidade de sua publicação, na relação que estabelece com os

outros registros que co-habitam o espaço que a formata, com o horizonte de leitura para o qual se projeta e que implica em sua composição, e ainda com o contexto imediato ou não de sua produção.

Assim é que conceber a literatura que habita o periódico é, *pari passo*, pensar na sua significação e constituição relativizada pelo corpo textual maior que ela habita. O que para nós implica em “abrir” o sentido do texto para os lados, para a frente e para trás em árduo movimento interpretativo: no espaço das páginas, dos exemplares, e no diálogo que o texto estabelece com a tradição.

Quando se trata de um periódico publicado fora dos grandes centros do país - no nosso caso, no Mato Grosso ainda rural do início do século XX - a partir de um horizonte de produção cultural ainda pouco tomado, as considerações sobre o objeto se tornam duplamente apaixonantes, à medida que se configuram mais complexas, posto que qualquer exercício de análise impostará o caráter de apresentação inicial do *corpus* e, conseqüentemente, da responsabilidade e intuição (tendo em vista a parca bibliografia) do olhar que o compôs e sobre ele fez inferências.

É nesse sentido que neste trabalho pretendemos trazer à cena uma discussão, ainda que limitada por nossas condições de iniciante, sobre *A Violeta*, uma revista feminina de variedades publicada durante o período de 1916 a 1950, em Cuiabá, Mato Grosso, fruto do Grêmio Literário Júlia Lopes de Almeida, cujo registro de existência acompanha o da Revista.²

Sobre ela gostaríamos de pensar algumas questões, motivados por nossa preocupação em perceber como essa Revista articula-se com o grupo de mulheres – em sua maioria letradas, no sentido *lato* do termo - que a manteve, se estão e como estão

² O Grêmio foi criado em 26 de novembro de 1916 e o primeiro número de *A Violeta* foi publicado em 16 de dezembro do mesmo ano, em Cuiabá. (*A Violeta* 224: 2-5, de 31 de maio de 1935)

articulados os registros de linguagem entre si e com seu modo e momento histórico de produção/circulação.

Ou seja: nosso objetivo geral está em buscar compreender como esse periódico pensava a si e ao seu momento, o que nos leva a raciocinar sobre outras implicações, tais como a natureza da inserção desse pensamento se ligado às opções estéticas agenciadas pela Revista; como se caracterizou a vida cultural na capital do Estado de Mato Grosso na primeira metade do XX (cuja existência é praticamente colada à dos periódicos); o tipo e o nível de relação que a Revista estabeleceu com uma parcela dos letrados do restante do país.

Tentaremos raciocinar a partir da produção escrita/inscrita da Revista, entendida aqui como todo o corpo material da mesma, o que inclui desde os provérbios e máximas inscritos ao pé das páginas até os títulos e os textos de maior extensão que os seguem, às vezes publicados em três *capítulos*.

O que inclui também pensar a linguagem no periódico de uma forma bastante ampla, ancorados no pressuposto de que a organização material desse veículo se conforma a um texto, na medida mesma em que produz sentidos a partir de sua apresentação/distribuição no corpo do impresso, na direção do que pensa Chartier (1993:96), quando diz que

(...) *Mas essas primeiras instruções [ele está falando da importância da observação, pelo historiador, dos protocolos de leitura que o autor de um texto impõe ao leitor] são cruzadas com outras, trazidas pelas próprias formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididos pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto.*

O que interessa ressaltar no trecho e que nos serve quanto ao nosso trabalho, está ligado à amplitude dada para a significação textual, que é o fato de que *os procedimentos de produção textual* ultrapassam a consideração ao “conteúdo” dos textos, e se voltam para sua impressão tipográfica, que atende a objetivos ligados ao seu tipo de circulação/recepção previstas, se em jornal, revista ou livro. Isto posto, podemos dizer que para nós, na análise, a recepção do texto é significativa, ou seja, que o texto e sua configuração também funcionam a partir de seu público-alvo.

A nossa leitura de *A Violeta* tangencia a sua produção, circunscrevendo nossa análise mais profunda aos anos iniciais de sua circulação, desde seu primeiro número, de 16 de dezembro de 1916, até o número 142, de 25 de dezembro de 1926.

Embora muitas vezes nos utilizemos de exemplos de outros números cuja data ultrapassa esse ano de 26 do século passado, é interessante ressaltarmos que nosso estudo (e conseqüentemente as nossas interpretações) obtém sua força dos dados coletados sistematicamente dos exemplares que compõem a coleção no tocante a essas duas décadas.

O corte temporal deu-se devido a imposições de várias naturezas, que se ligam em primeira instância a uma necessidade de catalização da nossa parte, diante de uma produção tão longeva da qual desejávamos consolidar uma leitura o mais verticalizada possível.

Em segunda instância liga-se a limites temporais de trabalho para efeitos de uma dissertação de mestrado, visto que só a leitura total do *corpus* e a seleção e coleta de dados, na maioria copiados manualmente, exigiu de nossa parte várias incursões à Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, bem como ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso – NDIHR – e

ainda ao Arquivo Público do Estado, em Cuiabá, nos anos de 2000 e 2001, conforme já expusemos.

Mas, uma questão que desde cedo afluía ao pensarmos um recorte para o trabalho é aquela mesma, com que abríamos o projeto para a seleção de 1998: *o que adviria de uma proposição de pesquisa que se propusesse a pensar a literatura mato-grossense do início do século XX, que circulava essencialmente por periódicos e que resistiu até 1939 às questões postas pelo modernismo paulista?*

Quer dizer, pensar uma literatura, e alguns aspectos da vida cultural que a enformam, longe dos centros hegemônicos da produção intelectual mais festejada pela crítica que se ocupa do período em questão – lê-se modernismo - sempre nos pareceu muito proveitoso, tanto pelo que adviesse do ato, que seria o contato com uma perspectiva ainda pouco pensada academicamente, ao nosso ver; como pelo ato em si, ao trazer à tona uma produção que poderia mostrar novos dados e sentidos para a produção literária e cultural do Mato Grosso e, num certo sentido, do Brasil.

Nadaf (1993), em um estudo catalográfico pormenorizado do nosso periódico, e que nos serviu de base material para a localização da maioria dos dados que obtivemos, enseja uma interpretação bastante generalizada da Revista, à medida que sua preocupação é apenas descritiva, o que se depreende facilmente se observarmos apenas a apresentação de sua obra³, dividida em duas partes: *Catálogo da Revista e Índice*.

Seu objetivo declarado é o de localizar toda a coleção, e disponibilizar uma descrição sobre a mesma, inclusive com fins didáticos. (p.18)

Entretanto, a precisão de seu registro é quase perfeita, como longa é a descrição que faz das seções de *A Violeta*, da composição detalhada da galeria dos

³ Cf. NADAF, Yasmim Jamil.. *Sob o signo de uma flor. Estudo da Revista A Violeta, publicação do Grêmio “Júlia Lopes” – 1916 a 1950*. RJ: Sette Letras, 1993. p. 18-19.

escritores/escritoras que nela publicaram, da constituição do Grêmio que a manteve e por ela foi mantido.

Um estudo de referência, como já afirmamos, mas do qual saltam algumas questões, vácuos que uma análise ou um estudo que “desrespeitasse” a organicidade dos textos enfileirados pelas suas temáticas talvez dessem conta de preencher.

Podemos perceber melhor, à guisa de exemplo, o exposto à p. 37:

*No tocante à produção literária regional de autoria feminina impressa em suas páginas,... A Violeta seguiu os cânones do Movimento Literário Romântico no Brasil, em seus diversificados grupos do século XIX. A começar **pelos temas** eleitos por essas escritoras para a composição de seus escritos, relacionamos: o amor, a pátria, a natureza expressiva, a religião, como fé e valor espiritual, a morte, a noite, o luar, o desejo de evasão, a valorização da história, do passado nacional e da vida simples, em natureza, o anseio de progresso e a preocupação social. Tudo isso aliado ainda a um estado de espírito ora melancólico e pessimista, ora terno e singelo, e ora ufanista e ousado. Sentimentos idênticos àqueles experimentados pelos nossos expressivos escritores do Romantismo. (grifo nosso)*

Para nós, esta leitura talvez pudesse trazer à tona questões muito produtivas para se pensar *A Violeta*, se junto com ela se pensasse nas motivações que fizeram emergir os mesmos temas nos textos da Revista, ou ainda se pensasse a partir de qual perspectiva de leitura tais temas afluíram num periódico feminino do Mato Grosso da primeira metade do século XX.

Enfim, porque a classe letrada feminina, que se dispôs a fazer e publicar literatura naquele contexto teria optado por esses e não outros temas, pelo Romantismo e não por outro movimento estético da história de nossa literatura?

De saída, pra ensaiar uma resposta, é importante dizer do modo de ser “violeta”, ou seja, de como essa Revista se configurou em sua existência, trazer suas peculiaridades à tona, seu projeto, declarado ou não – nos termos de Chiapini (1988:144) e a partir daí, cremos, “enredar” alguns fios com aspectos que envolveram a vida intelectual e literária no Mato Grosso à época, “esticando” pelos centros culturais outros do Brasil no mesmo período. Esta talvez se afigure a forma mais adequada pra construirmos nossa argumentação diante dessas questões e de outras, sempre em volta e de volta aos textos da Revista, o que fazemos na segunda parte deste trabalho.

Enveredar por esse caminho significa fazer algumas opções de leitura e concepção do trabalho com periódicos e com o período que corresponde ao nosso recorte.

Assim, neste trabalho procuramos conceber as questões que envolvem a literatura publicada nos periódicos que circularam mais ou menos à época d’A *Violeta* a partir de algumas provocações colocadas por Süsskind (1987), no que tange a sua discussão a partir das relações entre a literatura e a modernização técnica conseqüente do processo de urbanização do Rio de Janeiro como capital da República. Uma de suas questões nos serviu de verdadeira provocação: em que medida a literatura do período inicial do século XX foi “contaminada” pela modernização técnica e sua presença ostensiva?

Em sua conclusão, a autora defende que já não é mais o caso de buscar uma representação dos *media* e de sua linguagem nos textos literários do período que tratamos, antes é uma questão de formatação: a literatura toma forma de crônica

circunstancial, assume chistes e se profissionaliza nas páginas dos periódicos, de formas diferentes e às vezes contraditórias entre si, como no caso de Olavo Bilac, às vezes co-habitando o mesmo espaço, como no caso de João do Rio.

Diz a autora (p.100), ao iniciar seu comentário a propósito de um soneto de Bilac, publicado em *Tarde*, para depois tratar da concepção temporal imbutida no gesto de *alienação parnasiana* lá presente:

*Exibem-se transitoriedades. Guerras, epidemias, raças, amores, religiões passam. Um elemento aparentemente imperecível persiste, no entanto: o cometa. Indicando a tentativa de, frente à ação do tempo-corrosão, Bilac se **armar com múltiplas representações do eterno,tranqüilizadoras sobretudo para leitores que ainda não automatizaram os sustos impostos pela modernização, pela paisagem urbana remodelada e pela interferência cada vez mais forte dos artefatos técnicos industriais em seu cotidiano.*** (o grifo é nosso).

A preocupação da estudiosa recai antes na interpretação do gesto significativo do poeta ao encenar a *Eternidade*, em vez de tentar explicar o soneto como mera repetição da fórmula parnasiana. Sendo isto o que nos interessa fazer em relação aos textos que se colocam à nossa frente para a análise.

Ainda, buscamos pensar um pouco a partir do que fez Dimas (1983) em sua análise da Revista *Kosmos* (1904-1909), onde, a partir do mapeamento das seções que compunham o periódico, sua leitura se equilibra numa hipótese bastante profícua que relaciona a produção/circulação de *Kosmos* à reforma civilizatória impingida à população do Rio de Janeiro nos últimos anos do dezenove e primeiros do vinte.

Neste sentido conclui Dimas (p. 133-136) que *Kosmos é a referência concreta e globalizadora de um período eufórico e ingênuo. Kosmos e a Avenida Central beneficiam-se e complementam-se. Esta prolonga-se naquela.*

Quer dizer, ele mostra como *Kosmos* metaforiza uma forma contraditória de significar o seu tempo e o seu espaço de produção, no caso, personificando (desde o seu visual de formato grande, ilustrado por fotografias, sofisticado e desejando um ar parisiense) toda a carga ideológica que vai ao encontro da modernização realizada a duras penas no centro do Rio desde o fim do dezenove – a derrubada dos prédios antigos e a “limpeza” executada no centro, no sentido de expulsar de lá os pobres, mendigos ou desocupados.

A passarela da Avenida Brasil, alargada, duplicada, é transformada em vitrine para os turistas europeus: a Avenida Central. Enquanto *Kosmos é casca vistosa de modernidade que queria impor-se à custa de notícias ficcionalizadas como recurso de abrandamento (...).*

Na mesma medida, este trabalho tenta dialogar com uma concepção do período final da Primeira República como produtivo e não apenas *repetidor de fórmulas estéticas esgotadas de sentido.*

Assim, na esteira de uma revisão dos acontecimentos que molduraram o cenário artístico das décadas de 10 e 20 encontram-se para nós algumas das possibilidades para se pensar *A Violeta*, no sentido proposto por Arnoni Prado (1994)⁴, qual seja, como um dos momentos nos quais o *velho mote de celebração nacionalista reaparece*, atrelado ao cosmopolitismo, numa relação contraditória, mas ao mesmo tempo esclarecedora das ambigüidades pressentidas no desejo de “universalidade nacional”, e tão grata ao interesse das elites brasileiras no decorrer de nossa história.

⁴ Cf. PRADO, Antonio Arnoni. “Nacionalismo literário e cosmopolitismo”. In: PIZARRO, Ana (org). *América Latina. Palavra, literatura e cultura..* p. 598-613

Diz o autor (p. 599) que *Nacionalismo e cosmopolitismo combinam-se aí como duas faces de um mesmo projeto reformista, interessado na articulação ideológica de um novo tempo de unidade nacional voltado para a afirmação da soberania.*

No intuito de *estudar a fisionomia literária do período*, de onde o autor escolhe os escritores João do Rio e Lima Barreto, Arnoni Prado faz colocações ainda mais produtivas no decorrer de suas explanações, porque pensa esses autores a partir de suas personificação literárias: a dos dândis, em João do Rio, e dos párias, em Lima Barreto, como *radicalizações dos extremos que caracterizou o período.* (p. 608)

Já Luca (1999) contribui com nosso raciocínio porque elabora uma análise primorosa do primeiro decênio da *Revista do Brasil*, fazendo uma leitura das representações históricas que habitaram as páginas dos inúmeros ensaios, correspondências e discursos publicados nos anos iniciais do periódico, de 1916 a 1925.

Ao fazer a revisão do enfoque histórico dado ao período em questão, a certa altura declara (p. 23) que

A visão a respeito das décadas anteriores a 1922 tem sido determinada, em larga medida, pelo discurso dos modernistas: suas opiniões, testemunhos e análises, não raro deslocadas e isoladas do seu momento de produção, foram tomadas como parâmetro de avaliação da época.

E conclui o raciocínio à mesma página, com uma colocação que muito nos interessa pra pensarmos *A Violeta*:

A luta entre os ditos passadistas e modernos, travada pela hegemonia do campo intelectual, foi subestimada – quando não esquecida – resultando daí uma

homogeneização que apaga diferenças de intenções e estratégias, permitindo lançar todos os inimigos na vala comum.

Outra proposição que nos ajuda a situar a nossa discussão está colocada em Miceli (2001), no que tange ao estudo sobre as relações entre a intelectualidade e as classes dirigentes dos anos de 1920 a 1945, em São Paulo e no Brasil.

Os capítulos 1 e 3 de seu trabalho demonstram uma discussão altamente esclarecedora de como uma parcela dos intelectuais do período de nossa Revista se associaram e formaram o contingente do funcionalismo público aliado ao Estado, de maneira geral, e ainda situa o periodismo como uma forma altamente significativa de circulação da literatura e da produção escrita como um todo, dada a pouca publicação em livros e a emergência de um público leitor feminino, cuja quantidade se tornou grande rapidamente, por causa das reformas escolares republicanas que envolveram a formação das *professoras primárias* para a consolidação das campanhas contra o analfabetismo, o qual prendia nossos pés em direção a um salto efetivo para a civilidade desejada.

Estabelecidas as balizas principais que norteiam nossas preocupações ao refletirmos sobre *A Violeta* em nosso trabalho, começemos por desmembrar a afirmação geral sobre a Revista feita por nós a alguns parágrafos anteriores.

A Violeta é uma Revista de variedades criada, dirigida e editada por mulheres que fundaram e compuseram o Grêmio Literário Júlia Lopes de Almeida, na então capital do Mato Grosso unificado – Cuiabá.

No seu primeiro número, de 16 de dezembro de 1916, na primeira página, a articulista apresentava o objetivo da publicação:

[ser] *o escrínio singelo que encerrará em cada uma das suas páginas os nossos primeiros ensaios na vida jornalística (...)*

[destinada] *a todas que conosco quiserem colaborar para o engrandecimento moral da nossa estremecida terra.*⁵

Isto posto, entendemos que o nosso periódico possui um projeto externo a ele, ideológico-cultural, e que, se este projeto se liga a *A Violeta* enquanto esta se configura como um espaço para as escritoras iniciarem-se na profissão, na mesma medida também liga-se profundamente ao objetivo de *engrandecer moralmente a estremecida terra*.

Este é um dos veios pelos quais, na nossa interpretação, *A Violeta* mantém sua existência ligada ao Grêmio feminino e literário que a criou, e que foi fundado apenas 20 dias antes da circulação do seu primeiro exemplar.

A iniciativa da criação de ambos, segundo Nadaf (op.cit., 23), deveu-se a um grupo de estudantes normalistas, da “Escola Normal de Mato Grosso”, em Cuiabá. Escola Normal (posteriormente nomeada “Pedro Celestino”) que significativamente havia sido instalada em 1910, correspondendo ao ciclo de atividades reformatórias do ensino público em todo o Brasil, por parte do governo federal republicano.

Essas estudantes, ligadas a algumas senhoras e senhoritas da sociedade cuiabana, desejavam *cultivar as letras femininas e patricias*, segundo declaração contida no mesmo número, logo após o conteúdo da citação anterior.

Já em sua fundação, portanto, liga-se a sua existência ao público leitor feminino e escolar, além de uma parcela também feminina da sociedade cuiabana do início do século, para juntas *cultivar as letras*.

⁵ Cf. NADAF. Op.cit., p. 23.

Inicialmente, a proposta de circulação de *A violeta* foi bimensal, mas com o decorrer do tempo oscilou para a mensal (todo o ano de 1919), e após breve retorno à circulação de um número a cada quinzena, por fim se definir, a partir de 1920, pela circulação mensal, havendo desde aí dois números referentes ao mesmo mês somente nos casos de falhas de produção em algum mês anterior.

Esses casos de interrupção foram muito raros de início, começando a acontecer a partir do número 63, de janeiro de 1920.⁶ Entretanto, nos anos subseqüentes sempre há o registro de no mínimo uma falha, chegando ao máximo de quatro, sendo este o caso do ano de 1942, em que a Revista circulou apenas por oito meses.

Essa espantosa manutenção de circulação, dada a sua longevidade – que para nós vem caracterizar um modo de circulação de *A Violeta* - coloca nossa Revista como o único periódico que se manteve nesses termos na primeira metade do século em Mato Grosso.

Uma pesquisa que realizamos junto à hemeroteca do Estado e em Calháo (1994), faz-nos crer que entre 1915 e 1950 circularam 35 periódicos em Mato Grosso. Destes, em 23 não havia a proposição da circulação do que nomeavam como produção literária em suas páginas. Apenas em treze deles, incluindo *A Violeta*, essa proposição se fez presente.

A preocupação em declarar a tipologia de cada periódico e sua matéria de publicação era praxe, vinha sempre nomeando os próprios periódicos, tal como vemos em *O Colibri, órgão noticioso humorístico e literário* (1902), ou em *A Cruz, órgão da Liga Social Católica Brasileira* (1910 – 1965-1969). Este último é o exemplo, ainda, do único periódico de vida tão ou mais longa que *A Violeta*, sintomaticamente também fruto de uma agremiação, e católica.

⁶ Cf. NADAF.Op.cit., p.511.

Tendo, portanto, sua fundação e existência ligadas ao público leitor feminino e escolar, ainda as mulheres que compunham o Grêmio escreviam, liam e editavam o nosso periódico.

Uma de nossas hipóteses para sua longevidade, trinta e quatro anos ⁷, está nesta caracterização predominante do público-alvo, haja vista que as leitoras que inicialmente estudavam na Escola Normal transformavam-se potencialmente em escritoras da Revista. Esse é um dos objetivos declarados e que podemos confirmar se nos ativermos a pensar numa breve exposição sobre as quatro principais escritoras das quais selecionamos alguns textos em nossa análise:

1. Ana Luiza da Silva Prado (1898 a 1986), que assinou na Revista como *Zilah Donato*, *A. L.*, e com seu próprio nome, formou-se pela Escola Normal e fez parte do grupo das fundadoras do Grêmio, posteriormente tornando-se membro da Academia Mato-Grossense de Letras, fundada em 1919 em Cuiabá.
2. Amélia de Arruda Lobo (1898 a 1977), que assinou na Revista como *Solange*, *Aurora*, *A. Lobo* e ainda com seu nome real, era professora de História da Educação e Geografia na Escola Normal. Publicou quatro livros ainda em vida, cuja utilidade pedagógica, títulos e temáticas em muito se assemelham ao estilo das publicações de Olavo Bilac associado a Manoel Bomfim ou a Coelho Neto, no início do século no Rio de Janeiro: *Noções de Corografia de Mato Grosso* (1930); *Minha Cartilha* (1938);

⁷ O fato de considerarmos o número 333b, de 31 de março de 1950 como o último a circular, explica-se por que o mesmo se constitui do último número de que temos registro.

Tesouros de Minha Terra (s.d.) e *O Município de Cuiabá – Terceiro Livro de Leitura* (s.d.).

3. Maria Dimpina Lobo (1891 a 1966), que assinou na Revista com seu próprio nome, como *D. Marta, Arinapi e M.D.*, bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano, em 1909, era professora e diretora escolar. Uma das fundadoras do Grêmio, da Escola Doméstica D. Júlia Lopes, foi a primeira diretora de *A Violeta*, na qual possuía uma seção fixa, a *Correspondencia de D. Marta*, e assinou quase a totalidade da seção *Chronica*. Era funcionária dos Correios e Telégrafos, em cujo concurso para o ingresso foi aprovada em primeiro lugar ao nível de Brasil⁸.

4. Maria Ponce de Arruda Müller (1898 a 2001), que assinou na Revista como *Mary, Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrecia, Ofélia e Vespertina*, além de *Maria Müller*. Também era professora formada pela Escola Normal, onde lecionou música e desenho posteriormente. Uma das fundadoras do Grêmio,

⁸ Esse dado nos parece muito importante, à medida em que percebemos uma forte identificação da escritora com Berta Lutz, uma das fundadoras e coordenadoras do chamado primeiro movimento feminista no Brasil, e que foi a primeira mulher a ser admitida como funcionária do Museu Nacional, no Rio, através de concurso público em que foi aprovada em primeiro lugar, tal como Maria Dimpina o foi, para exercer cargo nos Correios. Em *A Violeta* 60:7-8, de 15 de novembro de 1919, nossa escritora registra a aprovação de Berta transcrevendo o artigo da *Revista Femmenina* que trata do assunto. Ao final do mesmo, Maria Dimpina ressalta o grande valor social do trabalho empreendido por Berta Lutz, visto ser o mesmo de um *feminismo pacífico e ordeiro*.

colaborou em vários outros periódicos da capital e fora dela, ou ainda fora do Estado, restritos ao interior do Brasil⁹.

Esse intento também vai ao encontro dos cinco objetivos previstos para a atuação social do Grêmio Literário Júlia Lopes:

1. *Promover o desenvolvimento intelectual das suas associadas, por meio de conferências, discussões de teses sobre assuntos cívicos, morais e instrutivos;*
2. *Manter uma revista de publicação bimensal onde colaborem as suas associadas ou qualquer outra escritora desde que não trate de questões políticas, religiosas ou animosidades particulares;*
3. *Promover festas litero-musicais com o fim de desenvolver o gosto pelas artes entre as associadas;*
4. *Manter uma biblioteca composta de obras de literatura, jornais e revistas nacionais e estrangeiras;*
5. *Criar, quando a diretoria julgar conveniente, tudo o que for necessário para o desenvolvimento intelectual da mulher matogrossense.*

(A *Violeta* 30:9, de 15 de abril de 1918)

⁹ As escritoras que assinaram com os pseudônimos *Lair, Cecy, Déa, Irmã Plawasky, Fada, Ísis e Lily, M.C.M, Namira, Tarly e Tavy e Magnolia* não foram possíveis de se localizar. Neste sentido, cf. NADAF. Op.cit.,79.

Logo de saída, o que percebemos ao contato com os exemplares é a abrangência e profundidade com que o primeiro objetivo é levado a cabo na realização de *A Violeta*, em vários aspectos, se relacionados ao direcionamento *moral e instrutivo*, verdadeiro roteiro de leitura impostado ao principal público leitor objetivado – feminino e em formação.

Seja nas epígrafes escolhidas para ensejar ou fechar a publicação dos textos e dos números da Revista, tal como a escolhida para dar início a esta parte de nosso trabalho; seja na seleção dos textos a serem publicados e por conseguinte, dos autores; na crítica ou homenagem feita aos textos e aos autores; e até no formato da Revista,¹⁰ o que inclui considerar suas molduras de páginas, ilustrações e dimensão de tamanho.

Pensar em alguns textos e autores publicados até à década de 30 compõe uma pequena amostra de seleção e intenção de formação de gosto, à medida em que neste período predominam os nomes canonizados por uma determinada leitura da estética romântica ou parnasiana, tais como Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, cujos sonetos *As Árvores e Almas que se procuram* foram publicados em 1919¹¹ - e há que se ressaltar a presença marcante de máximas e poesias bilacianas na Revista.

Ou ainda a de Victor Hugo, outra presença bem reiterada¹², sempre através de um recorte que ressalta o exemplar em seus textos, tal como *O homem e a mulher*, onde, por comparação, o poeta alterna os deveres e características *inerentes* a um e a outro ao mesmo tempo em que tece, no jogo dos paralelismos, a identidade do que para ele faz com que os dois entes se combinem e completem.

¹⁰ Cf. Apêndices, onde anexamos a cópia xerográfica de um dos exemplares: 139, de 28 de agosto de 1926.

¹¹ *A Violeta* 44:3, de 20 de janeiro de 1919 e *A Violeta* 50:8, de 15 de junho de 1919.

¹² *A Violeta* 69:8-9, de 17 de julho de 1920 e, como exemplo de reiteração, cf. ainda *A Violeta* 41:9, de 18 de outubro de 1918.

Nesse texto, ao longo dos 29 versos, a cada par o poeta vai estabelecendo semelhanças e diferenças entre homem e mulher, à medida que vai fechando os pares comparativos um a um, como nos versos 4 e 5, a seguir:

(...)

O homem é o cérebro, a mulher é o coração.

O cérebro produz a luz, o coração o amor.

(...)

Mulher é coração e coração é amor, e isso aparece como prescrição sentimental para ela, a pensarmos o texto funcionando em relação a todo o resto, parte do programa de leitura.

E isso confirma-se no mesmo sentido, a pensarmos na associação possível ao último par de versos que conclui a poesia: *Enfim, o homem está collocado onde termina a Terra/A mulher onde começa o Céu.*

Os versos que concluem de certa maneira fecham tudo que se impingiu de valor idealizado para a mulher, que é *rouxinol que canta; esperança que salva; digna de um altar; invencível pelas lágrimas.* Esse lugar assume o lugar “violeta” de ser.

Já Coelho Neto tem seu soneto *Ser Mãe* publicado por duas vezes, em dois anos seguidos.¹³ O último verso dessa poesia também encaminha para uma máxima – aliás, muito repetida ainda nos dias de hoje: *Ser mãe é padecer num paraíso.*

De Machado de Assis é publicado apenas um texto em todo o período,¹⁴ e a seleção se dá pelo caráter sugestivo da data, visto que aparece no número de final de ano de 1925 o *Soneto de Natal.*

¹³ *A Violeta* 102:8, de 27 de fevereiro de 1923 e *A Violeta* 113:8, de 30 de janeiro de 1924.

Na homenagem póstuma feita a Bilac, no número em que se publica *As Árvores*, o elogio é feito ao poeta pela utilidade de sua poesia *haja vista a campanha militarista da qual foi elle a tres annos o apostolo impregnado de fé*.

Não só podemos perceber nessa colocação uma seleção de determinados textos do poeta (realizada pelo critério da *mensagem* que o poema pode trazer em relação à vida) , como o elogio feito às suas ações sociais, no sentido de valoizar a campanha cívica encampada pelo poeta em seus últimos anos de vida, e que aparece no elogio feito como um ato semelhante ao dos apóstolos cristãos, trazendo à tona uma interpretação utilitária e ao mesmo tempo elevada e nobre para a atividade literária.

Ainda, em relação a Júlia Lopes de Almeida – outra autora cuja presença preceptora merecerá à frente um estudo mais detalhado - o que se ressalta na crítica feita por Arinapi a um dos livros da escritora é que

*É esta a nobre tarefa dos bons escritores, espalhar conhecimentos, engrandecer a patria, instruir deleitando e fazer da mocidade o que o lavrador faz do campo que deseja fértil – preparal-a por meio de conhecimentos reaes para ser o amigo e defensor da terra patricia.*¹⁵

Instruir deleitando e através de conhecimentos reaes (já que a obra de Júlia Lopes em questão, *Jornadas pelo meu país* – de 1921 – conta as aventuras de uma narradora que viaja para conhecer *realmente* as peculiaridades geográficas do Brasil) soa-nos como a proposta de atuação da própria Revista e do Grêmio, perfigurada naquele objetivo primeiro.

¹⁴ *A Violeta* 131:8, de 25 de dezembro de 1925.

¹⁵ *A Violeta* 82:1-2, de 18 de junho de 1921.

Proposta que alia o *engrandecimento moral da estremecida terra ao desenvolvimento intelectual da mulher matogrossense*, este que abre e fecha a exposição dos objetivos prescritos pelo Grêmio para sua atuação.

No que tange à apresentação material dos exemplares o projeto configura-se da mesma forma, a nosso ver, posto que *A Violeta* em seu pequeno formato de brochura, 15x 23cm, em muito se assemelha a um caderno escolar, livro de lições ou ainda a um diário íntimo, de uso muito comum das moças da época, em alguns dos quais elas não raro registravam poesias, provérbios e máximas de sua autoria ou de seus autores de preferência, material hoje estudado por pesquisadores que se interessam pela literatura produzida em regiões e períodos nos quais havia ainda pouca inserção da imprensa e ainda menos circulação livresca.

Outro fator que vem contribuir com esta impressão de caderno, ligada ao cotidiano e à rotina privada de estudo, leitura ou “tarefa” são as molduras das páginas, desde a capa, que lembram as contemporâneas molduras das páginas de álbuns de fotografia.

A este aspecto de familiaridade e impressão de fácil e costumeiro manuseio também está ligada a uniformidade do número de páginas que compõe os exemplares, sempre mantido entre a média de doze a quinze.

Esta invariabilidade chegou a sacrificar a extensão dos textos à década de 20, quando os anúncios de publicidade se tornaram mais presentes em número e tamanho.

A ilustração, que só veio figurar nas páginas de *A Violeta* a partir do número 25 (quando revela fotografia de uma parte das associadas ao Grêmio, à p. 7), manteve-se pouco presente no decorrer dos outros.

Via de regra, apareceu sempre com sentido documental, para nós como sinônimo daquele *real instrutivo* de que falava Arinapi no número 82, na medida em

que a ilustração trazia sempre à capa ou nas primeiras páginas fotografias de Júlia Lopes, nos números publicados em setembro de cada ano, ocasião de seu aniversário.

Ou ainda publicavam-se fotos de autoridades estaduais, em ocasião de datas cívicas que se remetessem aos cargos exercidos pelas mesmas, em ocasião de suas visitas a Cuiabá ou também de seus aniversários.

Além desta configuração, mas funcionando no mesmo sentido instrutivo e útil e oficial, a ilustração também mostrava localidades públicas da cidade, como o Porto, as igrejas, escolas, biblioteca e praças.

Quando pensamos essas questões de apresentação material relacionadas a outros periódicos de variedades coexistentes ao espírito de *A Violeta*, tal como *Kosmos*, estudada por Dimas em obra já citada, percebemos que a nossa Revista enveredou-se realmente por outros caminhos de significação para os seus leitores, pois não tinha a diagramação sofisticada, abundância de ilustrações ou tamanho grande como aquela.

Ainda, se nos colocarmos a pensar sob a operação crítica do mesmo autor, à medida que *Kosmos* revelava seu anseio parisiense (e portanto de universalidade para os valores de então) já em seu formato e apresentação, *A Violeta* o negava para si em sua apresentação material, revelando aí uma ambigüidade que lhe será constitutiva em sua existência, posto que o desejo de universalidade, o mesmo, também lhe era caro desde o início, quando ainda no número 02, na *Chronica*, Magnolia lamenta *a tristeza do Natal na Europa por causa da Guerra* – referindo-se à Primeira Guerra Mundial. (*A Violeta* 2:10, de 25 de dezembro de 1916)

Ainda na *Chronica* de 30 de agosto de 1917, contida nos apêndices, Mary comenta o sucesso do *Sarau Kaki*, festival que o Grêmio Júlia Lopes de Almeida promoveu em benefício da Cruz Vermelha Portuguesa. (*A Violeta* 17:1-2, de 30 de agosto de 1917)

Esta ambigüidade, consequência do espírito conciliador que de saída juntou os dois objetivos de atuação do Grêmio e da Revista já expostos, vai trazer à tona uma outra formatação para a significação do papel da mulher, não mais restrito à esfera privada do lar, da intimidade familiar e conjugal, mas associado à esfera pública da sociedade. Será essa uma das formas de *A Violeta* Agenciar discursivamente questões de seu tempo.

Será sempre visto esse papel como uma extensão de seu lugar maternal, é certo, mas isso para a Revista parecia consistir em um ponto positivo, posto que as tarefas socialmente designadas para a mulher sempre foram tratadas como a ela inerentes, e por isso mesmo elevadas ao ideal de mãe, esposa ou filha.

Os dois sentidos vão coexistir, configurando-se como uma das chaves de interpretação da Revista em vários aspectos de sua composição: não só na escrita ou seleção de textos como na figuração das heroínas, dos heróis, nos epítetos aos vultos da história, nas ações elogiadas pelas crônicas.

Assim é que é possível que a mesma *A Violeta* que publicou aqueles textos de Bilac ou Victor Hugo, em outra ocasião publique:

Lucto pela existencia da revista porque, si é a mulher àquela a quem cabe grande responsabilidade social como educadora, ella não póde assistir impassivel a lucta de reformas social e phisica desta terra benedicta...(Maria Dimpina. A Violeta 62:5-6, de 25 de dezembro de 1919. Carta aberta de Maria Dimpina)

Ou ainda que, na *Chronica* sem assinatura de 1918, ao noticiar a saída das normalistas pelo interior do Estado numa campanha contra o analfabetismo, a articulista trate das moças como *heroínas da civilização*. (*A Violeta* 34:1, de 15 de junho de 1918)

O fato de que esses fatores se apresentem relacionados entre si e aos objetivos do Grêmio e da Revista, numa relação de ambigüidade, é que nos faz pensar como o projeto de formação de gosto, de audiência e de público leitor cola-se ao objetivo de proporcionar *o desenvolvimento intelectual da mulher matogrossense*.

É neste sentido que pensamos neste projeto como uniforme, à medida que ele vai se costurando e se constituindo nos vários espaços de configuração que enformam o nosso periódico.

Para nós, este é mais um dos aspectos que justificam a longevidade de *A Violeta*: o fato de que os seus objetivos são confirmados a cada espaço possível de leitura, como uma estratégia para se manter a mesma interpretação do *real*, esforço de manter a uniformidade.

É claro que os sentidos vazam, escapam a esse controle e revelam a ambigüidade que os constitui, mas as estratégias para mantê-los funcionando em uma direção – conciliadora - são eficientes.

A divisão e apresentação das seções mantiveram-se firmes em relação à caracterização da *Chronica*, que é circunstancial, mas assume feição histórica¹⁶ quando em época de datas oficiais comemorativas para o Estado ou para o Brasil, sempre abrindo os números da Revista, à página 1.

Também é significativo o fato de que todos os números se fecham com a seção *Noticiario*, que cumpre o roteiro fixo de elencar acontecimentos sociais da capital e do Estado, tais como casamentos, visitas ilustres à redação da Revista, nascimentos e mortes etc.

¹⁶ Essas classificações ficam por nossa conta, dado que no corpo da Revista não há nenhuma divisão ou adjetivação quanto a tipologias textuais. As poucas indicações que existem, quando existem, são referentes ao autor dos textos ou ao local de sua origem, tal como *Conto de mary*, *conto Mensal*, *Conto de Lair*, ou ainda *Conto Gaúcho*, *Novella Matogrossense*. Cf. os títulos dos textos contidos nos anexos.

É significativo porque a vida *real e concreta* aparece tematizada na abertura e fechamento de cada número, isto se pensarmos a disposição espacial entre a *Chronica* e o *Noticiario* e se pensarmos o movimento de cada uma também, porque enquanto a *Chronica* vai tematizar reivindicações de progresso, o *Noticiario* vai *ficcionalizar* o *real*, assumindo a performance da linguagem das efemérides.

Assim, aquela já citada *Chronica* de 30 de agosto de 1917, de Mary, resume os últimos acontecimentos sociais do mês na capital em uma linguagem rápida e fluida, começando pelo *slogan* “Cuiabá diverte-se!,”¹⁷ em seguida comentando alegremente os acontecimentos que justificam a frase, personificando na linguagem um período chamado pela cronista como *temporada festiva*.

E, em outro número pode *A Violeta* trazer no *Noticiario* o comentário sobre a morte de alguém com a expressão *evolou-se para a mansão celeste*.¹⁸

No intervalo de espaço entre essas duas seções a variedade é grande. Gostaríamos de ressaltar que nesta variedade, circunscrita ao risco delimitatório inicial e final de cada exemplar, sustentamos uma terceira hipótese para a longevidade e assiduidade de circulação de *A Violeta*, visto que o *mesmo* sempre é confirmado ao final de cada leitura.

A natureza da maioria das seções móveis é “mundana”, porque se refere a aspectos da vida social de Cuiabá, como *Na hora do footing*, que circulou do número 08 ao 140, e que, a despeito do título em inglês, comentava o passeio dos jovens no jardim do Palácio Alencastro em meio à frequência maciça de termos em francês, tais como:

affair; mignon, bouquet; pompadour; soirée; demoiselle.

¹⁷ Sobre esse *slogan* é interessante concebê-lo à medida que repete outro, dos anos mais iniciais do século XX, proferido por Figueiredo Pimentel na coluna intitulada “Binóculo”, da Gazeta de Notícias, referindo-se ao progresso do Rio de Janeiro durante a euforia que caracterizou a *Belle Époque* carioca: “O Rio Civiliza-se”. Cf. BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. RJ: José Olympio, 1960. p. 4. Em *A Violeta* tal *slogan* aparece ainda outras vezes, dedobrado: “Podemos dizer hoje que Cuiabá progride”. Cf. *A Violeta* 53:2, de 31 de julho de 1919. Arinapi, *Chronica*.

¹⁸ *A Violeta* 85:10, de 27 de setembro de 1921.

É importante ressaltar que esses termos e outros, quase sempre os mesmos, aparecem de modo geral e reiterativo na Revista, em vários momentos da sua existência.

Álbum da Violeta é uma outra seção digna de nota, tendo em vista sua longevidade - que vai do número 13 ao 85, trocando de título algumas vezes (*Página Especial* ou *Florilégio* – este último homônimo ao de uma seção da revista *Selecta*, que circulou no Rio de Janeiro por um período coincidente ao de *A Violeta*), mas sempre cumprindo com o objetivo de publicar as respostas dadas por alguns leitores a perguntas feitas pela direção da Revista.

Acompanhando o desenvolvimento desta seção foi-nos possível perceber que o público leitor masculino também lia o periódico.

No número 85¹⁹, logo após o citado encontramos o registro de um leitor masculino, Plácido Curvo. Seus autores preferidos são Afonso Celso, Coelho Neto e João do Rio, na prosa; e Guerra Junqueiro, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, na poesia.

Se, por um lado, o que se demonstra aqui é uma leitura bastante fundada no ufanismo que caracterizou a *Belle Époque*, no Rio de Janeiro, é importante pensarmos, neste mesmo sentido, que essa lista de preferência pode ajudar a discutir algumas coisas sobre a leitura literária do público da Revista, aquele que sempre devemos pensar como o potencial escritor de outros textos, conforme nossa argumentação anterior.

No momento, gostaria de pensar em apenas uma das opções do leitor, o escritor Afonso Celso (1860 – 1938), que publicou em 1900 o seu *Porque me ufano do meu país*, o qual Dimas²⁰ definiu como *cartilha cívica*, visto que *repunha em trânsito um tipo de discurso laudatório amplamente utilizado pelos românticos e cuja raiz primeira pode ser entrevista na literatura informativa dos cronistas de nossa*

¹⁹ Um texto da seção *Album de A Violeta* encontra-se nos apêndices. Cf. *A Violeta* 51:4, de 26 de junho de 1919.

²⁰ DIMAS, Antonio. “A encruzilhada do fim do século”. In: PIZARRO, Ana. Id., p. 535 a 5574.

Descoberta, aquela que insistia em edenizar a terra nova, em contraste flagrante com a decrepitude do Velho Mundo. (p. 542)

A relacionarmos essa mentalidade circulante nos meios intelectuais do período ao fato de que a própria Revista em tom de lamento noticia ainda o falecimento do conde Afonso Celso²¹, podemos afirmar, como Arnoni Prado (op.cit., p.601), que em *A Violeta* estamos por dentro do funcionamento do *programa civilizatório proposto pelo ufanismo das elites*.

Este programa civilizatório, que significativamente teve em Bilac e em Júlia Lopes de Almeida seus propagadores pelo Brasil e são presença forte no nosso periódico, vai tomar muitas feições na Revista, conforme já vimos também em relação ao declarado por Arinapi sobre o trabalho das normalistas adentrando no Estado para alfabetizar a população do interior.

Em determinado momento, Júlia Lopes diz o mesmo sobre o trabalho do Grêmio e da própria Revista, em uma de suas correspondências para Maria Dimpina: que esses teriam uma *missão civilisadora e patriótica*. (*A Violeta* 86:3, de 27 de outubro de 1921)

E ainda podemos ver funcionar o mesmo programa em outro momento de prenúncio do leitor masculino, no apelo rápido salpicado ao pé das páginas ou entre artigos:²² *Alistae-vos na Linha de Tiro “Baptista das Neves”*.

Ou bem mais enunciado²³:

Todo brasileiro deve pensar como o jovem catharinense Luiz Arruda de Carvalho – tornando-se o pioneiro da cruzada nobilissima em prol do livro e do fuzil,

²¹ *A Violeta* 240, 241, 242:20-25, de 31 de julho de 1938. O título de conde, atribuído ao escritor e ressaltado na notícia da Revista, foi obtido de PioX após a publicação de *Porque me ufano do meu país*, onde, ainda segundo Dimas, o autor deixou fluir sua crença religiosa.

²² *A Violeta* 28:6, de 02 de março de 1918.

²³ *A Violeta* 25:9, de 24 de janeiro de 1918.

porque aquella é um companheiro que nos ilumina o cerebro e este o instrumento que nos ensina a defender a Patria.

Alistai-vos pois no “Trio Babtista das Neves”.

O anúncio é quase citação de Bilac, pois o livro e o fuzil funcionam como aliados para defender a Patria. A voz que o enuncia é uma voz officiosa e formal, como de uma convocação.

As seções *De tudo para todos* e *Correspondencia de D. Marta* são também exemplos desse espírito.

A primeira, porque nela se publicou receitas, dicas de higiene e limpeza da casa, dos filhos, dos livros às leitoras, e a segunda porque nela *D. Marta* editava suas cartas ficcionais dirigidas às leitoras, *Minhas Amiguinhas*, e tomava a feição de uma correspondente velha e professoral ao tratar de conselhos às *amáveis leitoras*.

O aparecimento da seção *De tudo para todos* (que assumiu outras feições depois, com outros títulos, como *Útil e Agradável* e *Matiz para todos os gostos*) é um exemplo admirável da relação preceptora da patrona do Grêmio para com os seus membros e para com a Revista.

Após uma correspondência sua para Maria Dimpina, publicada no número 44, às páginas 8 e 9, na qual Júlia Lopes expõe a sua opinião sobre o programa das disciplinas para a Escola Doméstica que o Grêmio desejava à época criar, a seção parece a cada número de *A Violeta* desempenhar um papel daqueles desejados pela escritora para o programa escolar anual, que consistia de 08 matérias – os quais se tornaram assuntos para a seção, indo ao encontro da Revista como representação de um caderno escolar para a leitora, tal qual falávamos no início: *Higiene; Gynástica Sueca,*

Jardinagem, Puericultura, Costura, noções de Química, Economia, Lavagem de roupas.

Ensinaamentos todos muito práticos para o exercício eficiente do trabalho de administração doméstica.

Concluindo a mesma carta, Júlia Lopes cita as obras que está doando, como podemos ver nos apêndices. Todas obras também muito ilustrativas (inclusive uma em francês) das áreas que correspondem às funções destinadas à mulher, no lar.

Para pensarmos o grau de recepção de Júlia Lopes em *A Violeta*, é interessante revelar que a escritora Júlia Lopes teve vários capítulos de seus romances selecionados e publicados nas páginas de *A Violeta*, além da correspondência que mantinha ativa com a direção.

Os títulos dos livros doados não raro pela autora eram sempre listados e esses lidos, pois constavam sempre das listas de apelo que a direção do Grêmio publicava dirigida às leitoras, para que devolvessem os exemplares emprestados.

São os emprestados que observamos: *Historias de nossa terra; Livro das noivas; Correio da roça e Donas e donzelas*. Mas há ainda outros na listagem daqueles doados pela autora: *Familia Medeiros e Elles e Ellas*.

Na relação estabelecida entre a escritora e o Grêmio ainda se encontra algo bastante produtivo a se pensar: Júlia Lopes fazia verdadeiros laboratórios de recepção e leitura da sua obra em *A Violeta*.

Publicou em nosso periódico capítulos inéditos de seus romances ainda no prelo. Isso se dá no ano de 1920, com *O lote 587*²⁴, e em 1933, com *Era a fome*,

²⁴ *A Violeta* 66: 4, de 21 de abril de 1920.

capítulo depois incluído no *Páginas Curtas II*²⁵. Ao final dos trechos publicados, a direção da Revista registrava *Inedito*.

A nossa hipótese para o motivo que levava à publicação dos trechos das obras da escritora (a única reconhecida a nível nacional que teve esse privilégio em nosso periódico) é de que tinha a finalidade de que as leitoras tivessem acesso aos trechos (visto que não se chegava a completar nenhum romance inteiro) e, a partir disso, se sentissem estimuladas a dar continuidade à leitura, posto que era doado apenas um exemplar de cada título.

Um outro objetivo pedagógico, de formação de gosto, e que retoma os objetivos iniciais de atuação. Objetivo que nos parece ter sido duplamente atingido, uma vez que sempre estavam os títulos naquela lista a ser devolvida – na certa para que se pudessem emprestar novamente.

Voltando a tratar das seções, a de *Poesia* era destinada à publicação de sonetos, em sua maioria, de autores variados, mato-grossenses ou não. É onde figurou maciçamente Olavo Bilac e onde houve maior participação dos escritores homens de Mato Grosso, tais como D. Francisco de Aquino Corrêa (1885-1956), que foi arcebispo da igreja católica em Cuiabá, presidente do Estado entre 1918 e 1922 e primeiro mato-grossense a se tornar membro da Academia Brasileira de Letras em 1929. Publicou em *A Violeta* quase que todos os seus discursos retórico-religiosos e políticos, depois transformados em livro.

Ou ainda José de Mesquita (1891-1961), fundador da Academia Mato-Grossense de Letras, tendo sido seu primeiro presidente e que tem vasta obra publicada, tanto em poesia como em prosa, esta de cunho regionalista.

²⁵ *A Violeta* 290: 3, de 24 de setembro de 1933.

E como Franklim Cassiano da Silva (1891-1940), que foi teatrólogo (*O Noticiario de A Violeta* muitas vezes anuncia a apresentação de suas peças, sempre sob a alcunha de *infantis* ou de *Revista*)²⁶, poeta e também membro da Academia Mato-Grossense de Letras.

As poesias publicadas por esses autores nessa seção tematizavam muito o amor à pátria e a idealização da mulher. Isto supõe o mesmo critério de seleção anterior para a publicação dos textos, ou seja, para o atendimento daqueles dois objetivos.

Já a prosa curta era publicada na maioria das vezes em apenas um tomo de no máximo duas páginas, e sua seção não recebia título. Os títulos dos textos encabeçavam as páginas, como já afirmamos, e durante o recorte de nosso período de leitura sistemática da nossa Revista, que vai até o final da década de 20, o texto de maior extensão que localizamos foi *Rosalia, Conto de Lair*²⁷, inserido nos apêndices, cuja publicação em três números seguidos não se configura como os cortes feitos aos folhetins que povoaram os periódicos do Brasil no século XIX, analisados por Meyer.²⁸

Os procedimentos de corte folhetinesco, tal como a manutenção um suspense que delimita o corte entre os episódios da narrativa, de que trata Meyer, não foram observados para a divisão em três episódios, sendo que nos parece mais provável que a narrativa tenha sido publicada em partes apenas para agenciar a questão do espaço de publicação, dando-nos a impressão de ter sido composta em um bloco, dividida posteriormente à composição.

De certa forma essa característica contribui para a manutenção do número de páginas de cada exemplar, o que nos faz pensar na hipótese que trabalharemos mais

²⁶ *A Violeta* 55: 5, de 30 de agosto de 1919. A peça intitula-se *O progresso na zona*.

²⁷ *A Violeta* 141: 9-10, de 31 de outubro de 1926; *A Violeta* 142:9-11, de 25 de dezembro de 1926 e *A Violeta* 143: 6e7, de 30 de janeiro de 1927.

²⁸ Cf. MEYER, Marlise. "Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica". In CANDIDO, Antonio (et alii). *A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/RJ: EDUNICAMP/Casa de Rui Barbosa, 1992. p.93-133.

adiante, em relação à circulação do nosso periódico, que, a nosso ver, não teria o caráter comercial ou empresarial.

Na verdade, a influência do Grêmio Júlia Lopes e de *A Violeta* na sociedade letrada (ou letranda) de Cuiabá e de Mato Grosso espalhou em muitos sentidos os objetivos a que se dispuseram seus colaboradores e associadas.

Até a criação do Instituto Histórico de Mato Grosso, em 1919, o Grêmio não só registrou como fomentou muito da vida cultural cuiabana e no Estado. Depois, como a própria Revista noticia por várias vezes, o Instituto primeiro e o Centro de Letras depois, a partir de 1921, também promoveram ações e eventos culturais, associados ou não ao Grêmio e à Revista.

Por exemplo, o Júlia Lopes foi a agremiação pioneira na capital no século XX, depois da qual se encaminhou uma série, inclusive a se ressaltar que eram agremiações masculinas, o que nos leva a pensar que o Júlia Lopes abarcava a maioria da população feminina letrada, porque não houve a fundação de nenhum outro.

Nadaf (op.cit., 28) cita as outras agremiações, todas com nomes de escritores também: em 1925, foi criado o “Castro Alves”; em 1936 o “José de Mesquita”; em 1937 o “Álvares de Azevedo”; por fim, em 1940, o “Machado de Assis”.

Em *A Violeta* de 15 de maio de 1918 o Grêmio publica o número das associadas contribuintes, 100 ao todo. Nadaf (op.cit., 78) listou cerca de 250 nomes de mulheres, grande parte delas professoras, que fizeram parte do Grêmio em toda a sua história e por todo o Estado, e ainda declara que a maioria colaborou na redação de *A Violeta*.

A produção da Revista nunca teve o caráter empresarial, visando ao lucro, pois o valor, tanto da assinatura mensal como do número avulso (que começou a ser expedido pelo correio a partir de maio de 1918, do número 32, conforme se noticia no

próprio) manteve-se o mesmo desde a fundação até junho de 1935: 1\$000 para a capital do Estado, 1\$200 para as outras localidades e 1\$200 pelo exemplar avulso. Depois desta data, como deixou-se de anunciar o valor dos exemplares nas capas, julgamos, como Nadaf, que os mesmos tenham começado a circular gratuitamente.

Desde o início o Grêmio e a Revista mantêm-se mutuamente, o que reforça ainda mais os laços entre um e outro. E isso se dá também pelo fato de que membros mais abastados da sociedade cuiabana, as *colaboradoras*, aparecem sempre na Revista em demonstrações de gratidão por parte das redatoras, pela colaboração recebida.

A Violeta dá notícias por muitas vezes desta mútua sobrevivência também ao elencar os eventos beneficentes que realizava em prol do Grêmio, e que revertiam em benefício próprio. Na maioria das vezes eram realizados *festivals litero-musicais* no Cine Parisien ou no próprio Palácio da Instrução, ambos localizados no antigo centro da cidade.

Esses saraus consistiam em execuções de canto lírico e de músicas ao piano, pelas próprias associadas ou convidados, e declamações de poesia. E há o caso dos saraus realizados em benefício de entidades filantrópicas da capital, como aquele em benefício da Santa Casa de Misericórdia, cujo sucesso é noticiado em *A Violeta* de 15 de abril de 1917. Neste ano em especial, *A Violeta* noticiou a realização de um evento cultural por mês, e durante o ano de 18 quase a mesma quantia, dez.

Se observarmos os programas executados nesses eventos, o que é uma ótima fonte de informação sobre o gosto da sociedade de então, perceberemos a existência de uma certa linha de costura entre eles, que seleciona um programa que contém peças da tradição romântica brasileira ao lado de estrangeiras, não por acaso francesas e castelhanas, e ainda seleciona *films*, alguns encenados pelas próprias associadas do Grêmio.

O sarau noticiado pela articulista em *A Violeta* de 28 de fevereiro de 1917, número 6, por exemplo, teve a declamação de duas poesias românticas brasileiras, *Navio Negreiro* e *Cruz da Estrada*; execução ao piano de *canções castelhanas* (e cita o exemplo de *Ojos Criollos*) e *francesas* (e cita o exemplo de *Toujours ou Jamais*).

E há o caso do concerto de Mme. Komor, uma cantora lírica americana que residiu em Cuiabá por certo período, conforme informa a própria *A Violeta* de 19 de julho de 1917, número 14, e que no citado evento no Cine Parisien interpretou trecho da ópera de Carlos Gomes, *O Guarany*. Na certa, a seleção da peça foi do gosto do público presente, pois a execução foi reprisada em outros dois concertos da *soprano ligeiro*.

Um gosto bem diversificado, visto que o noticiário termina informando da exibição de um *film cômico*, no encerramento do evento, que demonstra o efetivo anseio de aglutinação.

O Grêmio e a Revista também realizavam *Conferencias Litterarias*, bem à moda do que uma parte da intelectualidade da capital da República fazia, tal como João do Rio e Olavo Bilac. Mesmo que não tenhamos dados para inferir se tais *conferencias* eram pagas (as proferidas pelos autores da capital federal e fora dela o eram), o espírito retórico era o mesmo, sem dúvida.

A primeira proferida por uma mulher no Estado de Mato Grosso, segundo Nadaf, foi promovida pelo Grêmio, por D. Andradina de Andrade e Oliveira, poetisa gaúcha que também residiu em Cuiabá por uma temporada, com sua filha também poetisa Lola de Oliveira. Foi anunciada em *A Violeta* de 15 de setembro de 1919, número 56.

Não só o ato de realizar *Conferencias Litterarias* era significativo, no que vai ao encontro de uma tipologia de evento cultivada por aquela mesma parcela letrada da sociedade, mas também o tema dessa é de se notar: *Patria e Bilac*. Neste sentido, a

relação do escritor com sua pátria está colada e lhe é conseqüente constituidora daquela para com ele, à medida que estão associados metonimicamente um a outro.

Ao resumir o conteúdo da *Conferencia* de duas horas de duração para a seção *Noticiário*²⁹, a articulista emblematicamente define o que é *pátria*, para o que se interpretava do poeta e para o que se desejava que os ouvintes interpretassem:

3º. Decreve-se ou define o que é a pátria: lar, terra, céu, historia, lendas, tradições, reliquias, arte, sciencias, lingua etc.

A pátria é, assim, um todo, um conjunto de elementos materiais e ao mesmo tempo abstratos elencados em seqüência, e que nos parece ter sido extraído das conferências que o próprio poeta expunha publicamente.

Numa dessas³⁰, *Instrução e Patriotismo*, o poeta afirma sobre a pátria na sua relação com a língua nacional, apenas um dos itens elencados pela conferencista como formadores do *conjunto* chamado pátria:

A pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo. Um povo só começa a perder a sua independência, a sua dignidade, a sua existência autônoma, quando começa a perder o amor do idioma natal.

²⁹ *A Violeta* 57:9-10, de 24 de setembro de 1919. O texto da notícia citada encontra-se em anexo.

³⁰ BILAC, Olavo. "Instrução e Patriotismo". In: *Conferencias Literarias*. RJ: Francisco Alves, 1930. p.301.

E os outros elementos trabalhados por Andradina de Andrade e Oliveira aparecem também em outros discursos e conferências do autor, se verificarmos a mesma obra citada.

Além desse tipo de promoção, que fomentava a vida cultural da capital em vários sentidos - visto seu caráter aglutinador de público, para o qual era oferecido o *clássico* e o *moderno* numa mesma seção - a Revista divulgava outros eventos que faziam parte de festejos da comunidade em geral. Sempre os *úteis* e *instrutivos*, a não perder de vista.

Esses anúncios nos dão notícias de uma Cuiabá movimentada, a despeito da estrutura ainda agrária da economia e do fato de a energia elétrica (a motor) ter sido instalada apenas em 1919.

Entre 1917 e 1921 foi-nos possível registrar, via anúncios no *Noticiario*, apresentações de cinco naturezas e por cinco *companhias* diferentes³¹, incluindo longa temporada (seis meses) de uma companhia lusitana, a *Companhia Popular Portuguesa*.

As companhias anunciadas são *Elvira Beneventi*, que no Cine Parisien apresentava às terças e quartas *cantos, fados e comédias*.

Alzira Leão, que encena em julho de 19 *A cabana do pae Thomaz* e recita a poesia *O corvo*.

Companhia Theatral Portuguesa, caracterizada como *Theatro de Revista*.

Companhia Salvaterra de Teatro.

E *The Great Richard*, um ventríloco que fazia comédias de costumes, imitando as personalidades locais.

Em se tratando do seu desenvolvimento temporal podemos afirmar que *A Violeta* passou por três fases em sua produção.

³¹ *A Violeta* 57: 12, de 25 de dezembro de 1919. *A Violeta* 52: 11, de 15 de julho de 1919. *A Violeta* 19: 12, de 05 de julho de 1917. *A Violeta* 82:11, de 18 de junho de 1921.

Uma primeira, bastante eufórica e com anseio cosmopolita, que vai mais ou menos de 1916 a 1920.

Uma segunda, um pouco mais doméstica e muito provinciana ao final, que se estende por todo o decênio de 20 até os iniciais de 30.

E ainda uma terceira, de 30 a 50, quando foi localizado seu último número por Nadaf. Nesta, o pacto com o Estado Novo de Getúlio Vargas parece ter sido levado a sérias conseqüências, a julgar pela publicação dos encartes oficiais do próprio governo que foram anexados em alguns números.

Tais fases, caracteristicamente, coincidem com alguns acontecimentos culturais e/ou históricos do Estado e até do Brasil, o que nos faz desconfiar que, se *A Violeta* de certa forma alienou-se de alguns acontecimentos desses foi voluntariamente para atender ao seu programa de atuação, naquele anseio homogeneizador que vemos em suas ações e composição.

Ao se propor o desenvolvimento de uma linha determinada de produção textual e cultural, tudo que ameaçasse a inserção de outros dizeres sobre o *real* foi excluído pela direção do nosso periódico.

Por exemplo, ao desejo de *modernidade* prescrito em todas essas ações culturais, teatrais que promovia estavam aliados apenas atos que viessem ao encontro da conservação de uma determinada tradição, tanto como valor (devido à eleição de uma determinada leitura do Romantismo e do Parnasianismo enquanto matrizes de sentidos), como possibilidade de existência material, numa sociedade ainda agrária, em grande parte iletrada, predominantemente de domínio católico e como fruto de um Grêmio de mulheres em sua maioria escritoras neófitas ou damas da sociedade e funcionárias públicas.

O Grêmio já foi instalado no Palácio da Instrução do Governo Estadual desde sua fundação, e localizado a duas quadras da Escola Normal “Pedro Celestino”.

É verdade que Cuiabá passava por reformas culturais e de infra-estrutura sérias, desde 1918 – quando D. Aquino assumiu o governo – até os anos 30, quando foram iniciadas as atividades pecuárias e colonizadoras por toda a parte norte do Estado.

Mas em *A Violeta* nos parece que esses fatores significavam um motivo de identificação em miniatura com o Rio de Janeiro do início do século, somente há uma ou duas décadas antes, quando as reformas de infra-estrutura produziram efeitos semelhantes em alguns intelectuais e em seus textos, efeitos esses chamados de *delírios* por Dimas (op.cit.).

Póvoas³² define o período histórico de 1916 a 1930 no Mato Grosso como o de *consolidação dos ideais republicanos*. Sua longa lista de reformas realizadas para esse intento demonstra um pouco essa consolidação agindo.

Com Dom Aquino escolhido em 17 para a Presidência do Estado, e eleito em 18, é dado início ao *interregno de paz* (p.94). Neste momento são apaziguadas algumas revoltas ao sul, que tinham causado muitas mortes desde 1900 e exigido a intervenção federal por duas vezes. Os partidos Conservador e Republicano encontram em D. Aquino, *pela sua neutralidade política* (p.100), um candidato do consenso.

Este é o período dos primeiros dez anos de circulação da Revista.

Os fatos que dão a largada para o desenvolvimento do Estado e da capital acontecem em 1919, durante o ano em que se comemorava o bicentenário de Cuiabá e do *descobrimento* de Mato Grosso. Foi o ano da instalação de iluminação elétrica na capital e quando a mesma teve as *ruas* alargadas para o trânsito dos primeiros automóveis.

³² PÓVOAS, Lenine. *Síntese da História de Mato Grosso*. 2ed. SP: Resenha, 1992. p. 41-91.

As *Chronicas* e os *Noticiarios* de *A Violeta* reiteradamente propagam as mudanças, seja lamentando o atropelamento de uma criança durante os festejos de carnaval no passeio do Palácio Alencastro, seja Maria Dimpina falando de suas primeiras impressões visuais com a iluminação *da encosta virente do outeiro* da Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho (*A Violeta* 54:8-9, de 15 de agosto de 1919).

Um período em que as agremiações (e eram várias na capital, conforme citamos) significavam uma administração burguesa das atividades literárias e culturais, a partir da mesma atitude no Rio de Janeiro, desencadeada com a fundação da Academia Brasileira de Letras, em julho de 1897.

Na capital do Mato Grosso o fato repercutiu também na criação do Instituto Histórico do Estado, em 1919, em consonância com os objetivos nacionais para esse tipo de organização, como discute Luca (op.cit.), ao expor como a criação desse tipo de entidade e as próprias expedições de Rondon pelo Mato Grosso e pelo norte do Brasil representam a necessidade à época de se mensurar e conhecer a *nação* brasileira, para que se tornasse mais fácil homogeneizar as diferenças políticas, étnicas e sociais e administrar o vasto território.

Em comparação ao número de livros cujos lançamentos foram anunciados em *A Violeta*, um total de apenas quatro entre 1917 a 1921 (sempre de autores homens e de poesias), fica bem demonstrado como o número de periódicos, frutos das agremiações (aqueles trinta e cinco), representa um pouco como esse tipo de atividade cultural catalizou os anseios da classe letrada na capital.

Magalhães (2001) afirma que os periódicos e as agremiações literárias tiveram no Estado, nas primeiras décadas do século XX, a mesma importância cultural que a atividade teatral nos séculos anteriores.

O Estado, na década de 20, ao passar por uma crise financeira ainda conseqüente da mudança do regime e das atividades econômicas (quando a sua base passa a ser de extração do mate e pecuária, substituindo as minas de garimpo), significativamente, no governo de Mario Correa da Costa (1926-1930) empresta dinheiro da atividade empresarial e particular ainda iniciante, a Cia. Mate Laranjeiras, para realizar as obras de desenvolvimento necessárias, as quais Póvoas (p. 95) enumera:

A Capital sofreu verdadeira remodelação. A Praça da República, tal qual se encontra hoje, foi construída em sua administração; a catedral reformada em sua fachada; a Praça Alencastro renovada; o Palácio Alencastro totalmente reformado; (...) aberta a Avenida no Porto[que liga ao extremo da cidade, hoje],o sistema de água foi inteiramente reformado [criação de um pavilhão para as mulheres e instalação de aparelho para raio x] (...)

Essas reformas surtem efeitos na visão de mundo dos habitantes, e, mais ainda, o imaginário que se propaga junto com elas. No nosso caso, o de *progresso merecido, por sermos herdeiros dos bandeirantes portugueses*.

Mudam a visão de mundo, conforme bem exemplifica aquela menção de D. Marta na *Correspondencia*, e favorecem as condições de produção intelectual, visto que, se *A Violeta* foi impressa por onze tipografias diferentes em toda a sua existência, é porque havia a demanda, o que justifica a existência numerosa.

Não é de se estranhar, portanto, que o imaginário provindo de uma determinada leitura eufórica do Rio de Janeiro como referência cultural seja o desejado.

São de lá os escritores lidos e comentados no *Álbum de A Violeta*, para lá os leitores desejam viajar em férias³³, de lá provêm os nomes dos periódicos que circulam na nossa capital, de lá são os lugares citados em impressões de viagens.

Assim, no *Noticiario* de 28 de maio de 1926, *A Violeta* anuncia o recebimento do primeiro número do periódico mato-grossense intitulado *Matto-Grosso Illustrado*, homônimo ao que circulava na capital da República.

Também, encontramos o seguinte anúncio numa das páginas de 1917:

“Pensão Velloso” de Celina Rebuá Candia:

Única no Rio de Janeiro que oferece aos srs. Hospedes mattogrossenses passadio correspondente ao da terra a par de uma diaria razoavel e acessivel, sita á rua Marquez de Alçantes n. 92, proxima á praia Flamengo³⁴.

E ainda em 1917, no mesmo número em que consta a propaganda da “Pensão Velloso”, às páginas 4 e 5 há a publicação de *Impressões de Viagem*, de Lizeron, um texto em que a narradora conta as impressões de sua viagem no percurso entre o Rio de Janeiro e São Paulo, e logo de início, enumera os prazeres de seus passeios e brincadeiras na “praia do Leme”, na “poetica Tijuca” e nas “aguas da cascatinha”. Todos lugares turísticos da “capital carioca” do início do século, que povoam as crônicas de João do Rio, por exemplo.

No início do século, até 1929, o transporte mais rápido para fora do Estado era preferencialmente o fluvial, através do qual, após atravessar trechos da Bolívia, Paraguai e Uruguai, chegava-se primeiro ao Rio de Janeiro, após três meses de

³³ *A Violeta* 51:4, de 26 de junho de 1919.

³⁴ *A Violeta* 10:12, de 30 de abril de 1917.

viagem.³⁵ Isso reforça a nossa interpretação sobre a predominância da referência cultural carioca sobre a cuiabana.

Aquela curva exponencial que refletiu uma mudança no trajeto interno de *A Violeta*, a nosso ver, significa muito em relação a esses acontecimentos.

Por um lado, a partir de 1920 há uma presença e variedade muito maior de produtos de consumo anunciados em suas páginas. Do tímido anúncio de xarope contra tosse e da *loção brilhante*, sempre na contracapa (parte externa) dos exemplares que circularam de 1916 a 1930, espalha-se o reclame por dentro de cada exemplar e por todo o decênio de 20, inclusive ampliando o tamanho dos textos que anunciam.

A Livraria Globo, que até então anunciava livros e almanaques, passa a anunciar *Postaes de artistas americanos* e aparecem os primeiros comerciais de fábricas de jóias.

Começa a divulgação da atividade profissional liberal, como a prestação de serviços de escritórios de advocacia, dentistas, farmacêuticos e médicos para *moças, crianças e senhoras*.

Começam a aparecer produtos de higiene feminina em geral e maquiagem, tintura de cabelo, convivendo curiosamente com o anúncio de máquinas de escrever e *almanaks* de leitura.

Ao mesmo tempo, a capa da Revista recebe tons mais fortes de vermelho, amarelo e outras cores em tons vibrantes.

A extensão dos mesmos anúncios se alarga, assim como sua linguagem torna-se mais direta. Eles recebem um tom menos oficial, menos documental que antes, em pequenos toques que interpelam a leitura nos intervalos dos textos:

³⁵ Cf. MAGALHÃES, Hilda Gomes. *História da Literatura de Mato Grosso. Século XX*. Op. Cit, p. 36.

QUEREIS TER A PELLE FINA?

Usae sem demora a pomada 'WITHERS', que faz desaparecer sardas e espinhas, deixando a pelle completamente fina e avelludada.

Na Livraria Globo: 6\$000.

Rua 13 de Junho 13³⁶.

Acirra-se a correspondência com outros periódicos do interior, tanto do Estado como do Brasil, à medida que aumentam as possibilidades de transporte terrestre. E o recebimento de tais periódicos é sempre acusado na seção *Noticiario*.

Numa listagem publicada em *A Violeta* de 25 de dezembro de 1921, é possível aquilatar a numerosa quantia de quatorze periódicos do interior do Brasil, quatro da própria Cuiabá e dois de São Paulo.

São os primeiros: *A Gazeta do Norte, Penha Jornal, Gazeta Suburbana, Oraculo, Brazil Charada, O São Paulo dos Agudos, A Notícia, Gazeta do Commercio, O Correio do Sul, O Corymbo, O Juvenil, A Bigorna, Poliantéia, O Farol.*

De Cuiabá: *O Republicano, A Cruz, O Cacete, A Bayoneta.*

E de São Paulo: *O Espelho* e a *Revista Femmenina*, sendo esta a principal referência para os textos que discutem o feminismo em *A Violeta*.

Essa correspondência com periódicos em sua maioria do interior é um dos fatores que para nós delimita o contato forte com um imaginário idealizado sobre a capital do Brasil, que corresponde, por sua vez, ao imaginário que aparece de seu lugar e de si próprias nos textos escritos e/ou selecionados para a publicação de nosso periódico.

³⁶ *A Violeta* 65:s.p., de 19 de março de 1920.

De maneira bastante geral, registramos a publicação de textos das nossas autoras em outros periódicos do interior do Brasil, tal como em *O São Paulo dos Agudos*, que *A Violeta* anuncia ter publicado *A Caridade* de Silvia Pompeu, e em *O Corymbo*, que *A Violeta* noticia ter publicado *Historia de um leque*, de Aurora³⁷. Isso nos indica que o intercâmbio era ativo.

De certa maneira, é neste período que a linguagem em *A Violeta* consolida uma cisão, pois se até então o mundo das efemérides contribuía para uma *Chronica* caracteristicamente histórica e que remontava a uma origem gloriosa para o Mato Grosso e o Brasil, a partir de 20 aparece um outro movimento para os sentidos, paralelo a este, que separa em um certo raciocínio os mundos tratados nos textos: uma *Chronica* atualizada, de linguagem rápida e reivindicatória de progresso, passa a ocupar o mesmo espaço de edição que narrativas passadistas, ambientadas no século XIX ou ainda antes, em vários sentidos.

É possível perceber uma infiltração de leve em outros textos, além da *Chronica* e dos textos narrativos de maior fôlego. *Cuiabaninha*, por exemplo, é uma poesia publicada em 1925³⁸ e que chama a atenção por conta de uma leveza maior em sua composição: fugindo da forma do soneto, que abarcava quase a totalidade da produção poética do periódico até então.

Chama a atenção não só a leveza do *tic tic* da *Cuiabaninha*, como o cenário da poesia: a Avenida Central, no Rio de Janeiro, passarela da moda daquele período e onde se juntava a juventude de então para freqüentar o cinema ou o teatro.

A *Cuiabaninha* encanta a Avenida, encanta os rapazes encantaria Paris, se a visse e, significativamente, reconhece o dono dos versos enquanto passa, *tic tic*, pela *tarde chic*.

³⁷ *A Violeta* 71: 7-12, de 16 de setembro de 1920.

³⁸ *A Violeta* 125: 4-5, de 30 de maio de 1925. O texto *Cuiabaninha* encontra-se entre os apêndices.

Parece-nos mais uma vez, pelo que vínhamos argumentando, que o espírito conciliador se faz presente, para agenciar o conflito histórico da produção literária moderna³⁹ no Brasil: como imitar e ao mesmo tempo singularizar?

O conflito aparece na reencenação contínua das mesmas tensões, nas narrativas, nas *Chronicas* e entre um e outro tipo de registro.

E tal como o tratado por Sússekind (op.cit., 471), ousamos pensar ser esta uma atitude de linguagem própria das consciências à beira do dilaceramento, *e por isso mesmo, ao que parece, obrigada a reencenar tantas vezes as mesmas tensões.*⁴⁰

Para nós um dilaceramento que tem sua base na forma com que agencia aqueles dois objetivos, prefigurados para o nosso Grêmio e a Revista, e ligados à elevação intelectual e moral da mulher *nessa terra benedicta*.

Um dilaceramento inescapável a partir do roteiro de leitura e formação daí para a frente seguido à risca, que herdava as contradições de nossa tradição cultural e literária, a qual historicamente se constituiu de estratégias para se contornar a dualidade entre ser nacional e universal, rural e urbano, moderno e tradicional, pessimista ou de um otimismo voluntário, se continuarmos a interpretar na linha de Sússekind.

Uma consciência que se liga, em nosso periódico, à ambigüidade instaurada entre o cosmopolitismo e o nacionalismo, que assumiu muitas feições durante a primeira metade do século XX e que se encena em *A Violeta* nesse contínuo repetitivo de temas e tensões, seja entre os mesmos registros de linguagem ou não.

As imagens são reduplicadas, em um certo sentido, e ciclicamente as mesmas datas repetidas, seção a seção, ano a ano. Quando não se referem a datas oficiais,

³⁹ O uso do termo aqui refere-se a *moderno* enquanto o momento histórico da ascensão do sujeito burguês, jurídico, opondo-se a *medieval*, no sentido em que este era religioso e submisso à igreja. Cf. Orlandi, Eni. *Discurso e Leitura*. SP: Vozes, 1985.

⁴⁰ SÜSSEKIND, Flora. "O escritor como genealogista". In *América Latina. Palavra, Literatura e Cultura*. PIZARRO, Ana (org). Id., Ib., p. 451-485.

referem-se a uma mesma história de leitura que se repete e refaz a cada nova publicação.

Por exemplo, o acontecimento da Abolição da Escravatura no Brasil, em 13 de maio, é tema em 1917 e em 1939. O 15 de novembro, data oficial da Proclamação da República, é tema em 1917 e 1924. O 13 de Junho, data em que se comemora o término da Guerra do Paraguai, é tema em 1917, 1926 e 1927, em tipologias de registro diferentes, a *Novella* e a *Chronica*.

Da mesma forma, um verso de Lamartine que aparece dentro de um texto narrativo (de gênero não especificado) de Arinapi, em 1917, torna-se epígrafe de um *Conto de Dolores*, em 1929⁴¹.

Ao tratar da ambigüidade que de certa forma caracteriza a literatura no período, numa tentativa de configuração da produção literária do Rio Grande do Sul durante o mesmo período do início do XX, Zilberman⁴² parece estar falando do mesmo, e sintetisa muitas questões que envolvem a nossa tentativa de discussão.

O cosmopolitismo, para a autora, vem conciliar o desejo contraditório de ser *nacional à francesa* porque *ele pode servir como imagem da modernização sem que fosse imperioso abrir mão da postura aristocratizante e refinada trazida da vida cortesã desde a monarquia*.

Assim, ele representa uma saída que aglutina os interesses de reforma urbana (e aqui entra a publicação nos *media*) e ao mesmo possibilita que a literatura seja vista como *atividade com status nobre e elevado*, e assim (...) *Justifica-se porque os homens participam da Academia Brasileira de Letras e escrevem livros escolares*.

⁴¹ Os textos aqui citados estão contidos nos números 11; 252;22; 120; 12; 140; 148 de *A Violeta*. Alguns estão contidos nos apêndices, por constituírem objeto de nossa análise na segunda parte do trabalho.

⁴² ZILBERMAN, Regina. "Regionalismo e Pré-Modernismo". In: *Sobre o Pré-Modernismo*. CARVALHO, José Murilo de (et alii). RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. p. 131-140.

Em nosso Grêmio e sua Revista essa questão aparece fortemente colocada, porque a *nação* à francesa que se precisa configurar, afirmar e homogeneizar, está ligada ao que este o periódico e sua associação desejam para si e para a formação e atuação da mulher.

III. Figurações

(...) Isto porque a unidade política da nação consiste em um deslocamento contínuo da ansiedade do espaço moderno irremediavelmente plural – a representação da territorialidade moderna da nação se transforma na temporalidade arcaica, atávica, do tradicionalismo. A diferença do espaço retorna como a Mesmice do tempo, convertendo Território em Tradição, convertendo o Povo em Um.

(Homi Bhabha)

...Enfim, julgo que rara é a brasileira que não seja a protagonista dum heroísmo e de uma abnegação, nessa patria pequenina que é o seio da família.

(Pequenina Mendes. *A Violeta* 59:7-8, de 30 de outubro de 1919. *Chronica*)

Se é verdade que em seu programa de atuação *A Violeta* e o Grêmio Literário Júlia Lopes de Almeida objetivaram a *elevação da mulher matogrossense ... nesta terra benedicta*, conforme estamos argumentando desde a primeira parte deste trabalho, gostaríamos de pensar um pouco em como isso se dá em suas publicações de uma forma mais profunda.

No nosso ponto de vista, a especificidade de nosso periódico vai circunscrever-se às várias estratégias que se fizeram presentes em sua configuração a fim de atingir esses dois objetivos.

Com isso, o que estamos querendo dizer é que dadas as condições de produção cultural e contextuais que já colocamos, tais estratégias apresentam-se articuladas no corpo da Revista de forma específica, respondendo *A Violeta* simbolicamente a tais condições, como pensa Candido no trecho que apresentamos na epígrafe que introduziu este trabalho, afirmando que as condições de produção históricas se tornam material de criação.

Assim, gostaríamos de pensar mais fundo como *A violeta* respondeu às questões de seu tempo, de que forma esse diálogo interferiu em sua constituição.

É um anseio que busca entabular um diálogo com pelo menos mais um trabalho que problematiza escritores e escritos desse período tão mal-tratado pela crítica que é o nomeado *Pré-Modernismo*.

Levin (1996) ao tratar da escrita literária de João do Rio vê na figura do *dândi* – performatizada pelo próprio autor e por seus personagens – uma construção estética possível com a qual o escritor responde aos impasses de seu contexto cultural e literário. Impasses que se ligam ao conflito entre a modernidade artística e o passadismo eleito pelas elites.

O nosso entendimento é que o Nacionalismo (em suas várias nuances) é a tônica que perpassa a construção e a projeção dos textos que circulavam na Revista, e isto inclui pensar também que esse Nacionalismo perpassa a relação entre os textos publicados, daí o nosso anseio em analisar o corpo do periódico em vários aspectos anteriormente.

O Nacionalismo responde ao ideal de pátria a ser construído para aquele contexto de consolidação dos ideais burgueses republicanos, e assume em *A Violeta* uma feição de civismo, ligada diretamente ao papel social que esta idealiza para a

mulher, em se tratando de *sua pequenina pátria* – a família – ou de sua grande pátria, o país.

Ao ideal de Nação desejado pelas narrativas corresponde um ideal de mulher em sua base, como principal construtora. Esta questão vai assumir proporção de programa e vai agir diretamente na produção dos textos e na relação que os mesmos estabelecem entre si e com o contexto.

É nas estratégias para tutelar a leitora feminina que se dá o encontro entre o ideal de Nação e o ideal de Mulher.

A atitude romântica que idealiza a pátria e a mulher aparece ressignificada e a ela incorporados outros conflitos, quando agenciadas para responder ao seu tempo.

Assim, pensamos em *A Violeta* realmente como um caderno de lições, uma cartilha, e gostaríamos de refletir agora como se dá o agenciamento das tópicas do Nacionalismo e da Educação da Mulher dentro da Revista, a partir do pinçamento em alguns textos, que são:

A Patria (Mary. *A Violeta* 29:3-4, de 23 de março de 1918).

Chronica (Mary. *A Violeta* 22: 1-2, de 15 de novembro de 1917).

Chronica (Arinapi. *A Violeta* 97: 1-3, de 07 de setembro de 1922).

13 de Maio (Genir. *A Violeta* 11: s.p., de 22 de maio de 1917).

A Primeira Missa (Magnolia. *A Violeta* 6: 5-6, de 28 de fevereiro de 1917).

06 de Março (Maria Dimpina. *A Violeta* 6: 2-3, de 28 de fevereiro de 1917).

O Guarany (Dolores. 6: 6-9, de 28 de fevereiro de 1917).

A Retomada de Corumbá (Magnolia. 12: 3-5, de 15 de junho de 1917).

Novella Matogrossense – conto de Mary (Mary. 140:9-13, de 24 de dezembro de 1926).

O Ultimo Dia de Juracy (Esora. *A Violeta* 7: 8-10, de 23 de março de 1917).

Chronica (Magnolia. *A Violeta* 47:1-3, de 08 de abril de 1919).

Rosalia – conto de Lair (*A Violeta* 141: 9-10, de 31 de outubro de 1926)⁴³.

Pensamos em termos de Tópica porque, como em Aristóteles⁴⁴, estamos entendendo o Nacionalismo e a Educação de Mulheres como *lugares discursivos recorrentes*, ou seja, como temáticas que assumem determinada forma reiterada em textos diversos, *lugares-comuns* discursivos, que povoam os textos de diferentes registros e que eram roteiro obrigatório de citação até o século XVII. O *locus amoenus*, por exemplo, é uma Tópica bastante recorrente na poesia e na pintura do XVI.

Quando pensamos assim, estamos justificando o nosso entendimento para o que gostaríamos de montar como raciocínio válido em relação a esses textos de *A Violeta*.

Desse raciocínio se depreende uma conseqüência, pelo menos: de os textos literários dialogarem com a tradição que adotam para si, o que vem formatar a visão de mundo que se instaura neles, sendo, portanto o *real* lá instalado um *efeito* de linguagem que não se relaciona só com os dados empíricos que se colocam, mas mediados por uma determinada leitura da tradição.

Assim, para nós, muito mais produtivo que constatar a que estética se deve a filiação temática e formal dos textos⁴⁵ é tentar raciocinar de que ponto partem suas opções de filiação e que interpretação desta se apresenta.

⁴³ Todos os textos fazem parte dos apêndices, os mesmos foram escolhidos por se tratarem, a partir de nossa hipótese de leitura, de paradigmas para se discutir movimentos de sentidos para a Nação, os quais percebemos no corpo articulado da Revista.

⁴⁴ ARISTÓTELES. *Arte Poética e Arte Retórica*. Trad. Antônio P. de Carvalho. SP: Ediouro, 1989.

⁴⁵ Cf. NADAF. op. cit., que traz interpretação que discutimos na primeira parte do trabalho.

Por isso acreditamos que a especificidade de *A Violeta* está na forma como articula o Nacionalismo e a Educação de Mulheres e como essa articulação funciona para realizar seu projeto de produção e atuação.

O modo como é realizado esse agenciamento está ligado diretamente ao que gostaríamos de pensar: em *A Violeta*, o que se quer integrar como Nacional? Como a narrativa da Nação se constrói na Revista? Quais os motivos eleitos para constituir o padrão de Nacional?

Quando falamos de narrativa da Nação estamos buscando diálogo com o entendimento de Bhabha (1998), que pensa em narrativa em termos mais amplos do que se referem ao texto escrito, em conformidade com sua linha discursiva de raciocínio.

Para o autor, a narrativa é um *discurso sobre*, ligada à narratividade e às práticas culturais em geral. Bhabha considera narrativa da Nação os hinos nacionais, as bandeiras nacionais, as narrativas orais que tematizam a Nação, configurando uma prática discursiva mais ampla que ligada apenas à letra escrita. Ele pensa essa narrativa da Nação enquanto *estratégia discursiva que se constrói e que produz efeitos* em comunidades e leitores da modernidade.⁴⁶

Em consequência disso é que pensamos a narrativa da Nação se perfazendo nos vários caminhos possíveis de se trilhar em *A Violeta*: na composição dos textos; na relação entre eles e no modo como esta se estabelece; na disposição e diagramação da Revista; pensando no funcionamento dessa narrativa *costurando* um ideal de lugar (Brasil e Mato Grosso) a um ideal de ser feminino para esse lugar (mulher e leitora).

Para Anderson (1989) também, pensando numa abordagem mais histórica, a Nação moderna, o Estado-Nação, configura-se como *desejo* de unidade e *desejo de* soberania das comunidades que se libertaram do colonialismo, a partir do XIX.

⁴⁶ Bhabha, Homi. "DissemiNação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna". In: *O local da cultura*. BH: Editora da UFMG, 1998. p. 198-291.

Esse *desejo* de unidade dessas comunidades homogeneiza as diferenças étnicas, sociais e de classe, criando nos sujeitos um também *efeito* de Nação, visto que as nações-estados modernas *construídas* em sua maioria após o colonialismo precisavam afirmar-se para dentro e para fora de suas fronteiras enquanto indivisíveis e soberanas, significando aí a *comunidade imaginada*, ou seja, pondo em trânsito um dos significados modernos para “povo”: uma comunidade imaginada como tal, a partir de uma demarcação territorial (que traz à cena moderna a questão da fronteira) ligada ao efeito de soberania (que traz à cena moderna a questão da independência da metrópole, em se tratando da América Colonial)⁴⁷.

O sentido de Nação moderna, portanto, está intimamente ligado à demarcação e ocupação de espaço territorial e de independência do colonizador, e para esta Nação se firmar será necessário, no gesto romântico de interpretação, buscar uma origem que unifique a comunidade imaginada como uma só Nação.

Em Bhabha, essa comunidade imaginada configura-se discursivamente, enquanto pedagogia e enquanto evento performático.

Pedagogia porque assume a feição de um programa, sendo um ideal a ser *ensinado* pela criação e incorporação de símbolos como naturais, de um investimento na linha de uma *invenção de tradição*⁴⁸, quando nações jovens se firmam para si ou para as outras a partir de verdadeiras cartilhas, as quais ensinam hinos, poesias e lendas sobre feitos grandiosos de antepassados, e que incorporam como nacional *especificidades* locais que, paradoxalmente, apenas mudam a roupagem de nação para nação.

⁴⁷ ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. SP: Ática, 1989. p.47 a 168.

⁴⁸ HOBBSAWN & RANGER, Eric & Terence. *A invenção das tradições*. RJ: Paz e Terra, 2002. No último capítulo desse texto, Hobsbawn faz uma apresentação e análise da *máquina* de tradições de que se investiram alguns países europeus até o início do XX, a fim de consolidar os seus ideais de nação: estatutário, construção de locais públicos, retrospectivas históricas, apresentando as opções de alguns países para construir seu *imaginário* nacional.

Evento performático porque tais símbolos assumem espaços e vozes no cotidiano das populações, no dia-a-dia dos sujeitos, firmando-se a cada instante para as consciências.

Em relação a *A Violeta* esses dois movimentos que a narrativa da Nação assume significam muito, em primeiro lugar porque ela se configura como um periódico, tipo de publicação que tem os pés presos ao cotidiano, às datas, às circunstâncias temporais.

E ainda, tendo em vista que nosso periódico se organiza cronologicamente, no seu interior, a partir da comemoração de datas cívicas do Estado e do país, publicado como um calendário comemorativo da Nação: 15 de Novembro, 07 de Setembro, 13 de Maio, 13 de Junho, e outras, são todas datas que significam investimento para o nosso periódico, como vimos na primeira parte do trabalho e como podemos confirmar quando nos detemos nos textos que recortamos para essa discussão.

Nesse sentido interpretamos a narrativa da Nação em *A Violeta* como uma prática discursiva que agencia a formação e atuação da mulher para a configuração da pátria, investida de performances em relação à leitora prevista para os textos, aquela que se precisa formar o gosto e ilustrar.

Eco (2001: 7) afirma que

Mas numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história.

Essa leitora, no caso de nossa Revista, é que ultrapassa a recepção implícita, ela faz parte de como as narrativas são construídas e publicadas.

Há todo um investimento na figura da mulher (personagem das narrativas ou leitora prevista) como símbolo do desejo de unidade nacional que permeia a Revista: a figuração da mulher assume a personificação do anseio de *todos como um* que caracteriza a narrativa nacional de Bhabha.

O que se quer incorporar como nacional, todo o tempo, é um ideal de mulher para essa Nação.

Aí vazam as contradições da proposição, posto que à medida mesma em que o *local* aparece como sinônimo de nacional e ao mesmo tempo cosmopolita, corresponde o desejo de uma mulher que se desenha culta porém submissa, como é o caso de Mercedes, heroína de *Novella Matogrossense*.

À medida que a narrativa das crônicas prescreve um ideal de progresso cosmopolita, ambientam-se outras narrativas no meio rural, como é o caso da própria Mercedes, cujo cenário predominante é o da *villa* de Corumbá, ou como acontece com *Rosalía – conto de Lair*, em que predomina o cenário rural da fazenda à beira do rio Aricá.

Há pelo menos quatro movimentos que direcionam os sentidos para a Nação na Revista.

A tópica da Nação aparece como um mote recorrente, sendo a paisagem local e seus elementos uma das figurações. E a estratégia de apresentação dos elementos que compõem essa paisagem é excessiva, sempre.

A descrição é sempre minuciosa e seus efeitos sobrepõem o motivo descrito. O investimento maior é feito para se montar os quadros, pois os mesmos justificarão as ações posteriores dos personagens.

Neste sentido, na *Novella* e em *Rosalía*, por exemplo, o que se incorpora à paisagem são os elementos naturais, da fauna e da flora regionais, humanizados e

investidos de sabedoria, por um lado, e de valor simbólico, por outro, visto que estarão ligados à caracterização interior dos personagens e chegam a substituir sua presença nos relatos.

Rosália é a própria orquídea silvestre e ao final toma a forma dessa flor que é seu índice desde sua primeira aparição no texto. Nesse início está com a orquídea nos lábios, e no desfecho, a flor vai simbolizar a heroína e se metamorfosear em seus lábios, quando Rosália lamenta a Laurindo:

Do fundo da corolla, Rosallia olhava mansamente, e os labios da flor diziam bem baixinho e num tom de infinita saudade;

Sim, Laurindo, Sou eu...

Rosália surge apenas ao final da primeira parte do texto, de dentro da mata que beira o rio. Após longa descrição da paisagem local (marcada pelas queimadas), montando um quadro com os elementos regionais que a compõem, tal como o pássaro pantaneiro martim pescador, a garça e o coqueiro babaçu ou o jatobá, todos apresentados em estado de equilíbrio inicial, surge em suspense a heroína, e numa ação de salvamento de um rapaz, só no segundo episódio apresentado como o seu amor Laurindo.

O João-de-Barro é apresentado como um engenheiro eficaz e trabalhador, o que lhe dará índice de sabedoria mais tarde; o Caitetu (porco do mato) é apresentado como ladrão das plantações; a Jaó (pássaro característico de pio noturno) é apresentada como uma esposa à espera do *companheiro boêmio*; todos humanizados e exemplares, habitantes típicos da região e tornados símbolos da natureza e ao mesmo tempo idealizados em situação familiar humana.

Rosália tomará as feições dessa natureza descrita como naturalmente sábia e ativa, ao “vingar-se” de Laurindo e transplantar a orquídea silvestre que a simbolizava e ao seu amor para debaixo da janela do quarto onde Laurindo dormirá com a esposa recente, D. Amélia, que em contraposição a Rosália, não por acaso é da cidade, como o marido.

Pensamos nesse primeiro movimento para os sentidos do *local* na Revista com um significado muito semelhante ao atribuído por Dimas (op.cit., 548) quando trata de *Através do Brasil*, obra publicada por Olavo Bilac e Manoel Bomfim em 1910.

Nessa, o crítico afirma que a *circunstância geográfica modela o ser humano que nela se instala*. No nosso caso, a descrição feita da paisagem natural e rural a coloca como determinante dos seres, a ponto de Rosália se misturar com o seu lugar e com os elementos do mesmo.

Como exemplo marcante nesse sentido é o trecho em que o narrador fala da orfandade da heroína, na segunda parte:

Só conheceu as carícias do sol cuiabano. Só ganhou os beijos das petalas silvestres com que enflorava a sua negra cabelereira. Sua melhor amiga foi a lua, surgindo dilatada por detraz do cerrado (...) Aprendeu a cantar com as colleiras e o canários. Seu primeiro peccado de vaidade, foi no espelho das aguas do remanso dormido da imensa bahia, coalhada de camalotes.

E continua o narrador, à medida que descreve a natureza e constrói o perfil da heroína, entrelaçando os dois atos. A relação de Rosália com sua imagem nas águas do rio é de espelhamento.

E isso acontece também em relação a Laurindo e sua noiva, pois que são da cidade e urbanos, por isso apresentados como malvados, sempre em oposição ao ideal de pureza e sabedoria santificada e natural de Rosália.

No plano da narrativa, Laurindo deixa o amor verdadeiro da *sertaneja* Rosália para concluir o curso de direito em São Paulo e casar-se com D. Amélia. Ele se arrepende, e o primeiro índice da lembrança triste de Rosália é a garça, que *meditava melancolicamente junto ao rio*. É a presença melancólica da garça na beira do rio que nos remete, na narrativa, à tristeza que Rosália sentia e ao mesmo tempo, prenuncia o arrependimento que Laurindo ainda sentiria.

Em outro momento, na *Conclusão*, é a garça o novo índice ligado ao meio natural e local, quando o narrador se mantém colado à cena e descreve a passagem das estações no pantanal, significando a espera de Rosália pelo seu amor:

As garças emigraram rumo aos pantanaes. O sol estua nas charneças. As queimadas asfixiam o ambiente e Laurindo não escreve, e Rosalia espera inutilmente, por uma palavra de saudade.

As garças emigraram para onde estava Laurindo, que as via à beira do pantanal. E era com Laurindo que a narrativa nos faz pensar que estava o pensamento de Rosália.

Na *Novella*, a garça é também um elemento que compõe a paisagem e se relaciona à *pureza e inocência* de Mercedes no primeiro parágrafo, quando as roupas brancas lavadas no coaradouro, numa clara manhã de dezembro, são comparadas à

garça branca e relacionadas à agilidade grácil da heroína de dezessete anos, ao realizar as tarefas domésticas abnegadamente⁴⁹.

Na ânsia de se construir um lugar de desejo para o Mato Grosso - o *local* em relação em relação à Nação Brasil - a paisagem caracterizada é um elemento que ultrapassa a simples ambientação, e figura-se ligada à composição das personagens, personificando-as inclusive através da voz excessivamente descritiva do narrador, que cola essas personagens ao seu espaço.

Num outro movimento de sentidos para a narrativa da Nação em *A Violeta*, podemos perceber o esforço para a construção de uma especificidade para o Mato Grosso no concerto dos Estados da República.

Este é um movimento indicado pelo gesto de integrar como *nacional* uma ação ocorrida no cenário de Mato Grosso, através de narrativas de cunho histórico (sempre em digressão) que ambientam no Estado os mesmos acontecimentos que marcaram a história oficial do Brasil.

Nesse sentido, o que percebemos é um deslocamento da tensão romântica do XIX e abordada por Sússekind (op.cit., 452-485).

Enquanto os escritores românticos buscavam uma integração da jovem nação Brasil ao mundo ocidental através de encenações textuais repetitivas em busca de uma *genealogia* específica para nossa cultura, língua e literatura, a narrativa da Nação em *A Violeta* busca mostrar em relação ao Mato Grosso, como Estado representativo para a nação Brasil.

⁴⁹ A garça enquanto símbolo ligado à caracterização da cena local aparece em outros momentos na Revista, tal como em *Poesia Feminina*, de *A Violeta* 133:4-6, de 28 de março de 1926, no qual a articulista faz uma crítica aos textos poéticos da escritora Lola de Oliveira, na ocasião da publicação da segunda edição de sua obra *Esmeraldas* (1925). No texto, a crítica é favorável ao poema da escritora, intitulado *As Garças*, junto a uma série de outros que Lola de Oliveira intitulou de “As mattogrossenses”. O texto da crítica encontra-se na íntegra, nos apêndices deste trabalho. Além disso, também no cancionário popular a garça aparece como elemento ligado à caracterização espacial do Mato Grosso, como no exemplo recolhido e divulgado por Paulo Vanzolini, cujos versos estão na epígrafe inicial do nosso trabalho.

Assim, a tensão colônia/metrópole – instalada entre Brasil pós-colonial e Portugal no XIX - se desloca para o interior do país, na luta constante para se integrar a periferia (*sertão*) ao centro (região sudeste), em detrimento de outros Estados ou regiões da federação republicana.

Daí provém mais um motivo eleito para a Nação, que é o esforço de se narrar sobre um passado lendário ou mítico, tendo o Mato Grosso por cenário.

Isto se dá, por exemplo, em *A Primeira Missa*, de Genir.

Pelo título, à primeira vista temos a impressão de que se falará da primeira missa do Brasil, oficialmente datada em 1500 e realizada onde é hoje Porto Seguro, na Bahia.

Mas a narrativa trata da primeira missa em Mato Grosso e o cenário eleito é o da beira do rio Coxipó, que já no início do século cortava o município de Cuiabá, capital do Estado.

Na cena discursiva está o gesto de transportar para o Mato Grosso uma cena fundadora da narrativa oficial da Nação Brasil.

O espaço descrito como então selvagem do Estado torna-se também fundador da civilização brasileira, com o endosso dos *paulistas ousados e empreendedores* - os bandeirantes, do frei Jeronymo Botelho (que fez parte da expedição de Pascoal Moreira Cabral ao Estado), e das *populações nascentes* (que não são definidas pelo narrador).

Como na narrativa oficial da história, a religião cristã é o elemento agregador da população e o bandeirante caracterizado como o herói cristão que tirou o Estado da fase pré-civilizatória, como opção de uma matriz narrativa que não podia mesmo ser outra diferente da oficial, dada a necessidade de incluir o Mato Grosso como cenário e elemento da história do Brasil.

Como estratégia narrativa aparecem dados como datas (a oficial da primeira missa rezada no Estado), nomes dos vultos (frei Jeronymo Botelho) e lugares (margens do Coxipó, Arraial da Forquilha – que foi, conforme a narrativa historiográfica oficial, o primeiro nome dado a Cuiabá) já fixados pela narrativa livresca como fundantes do Brasil-Nação.

Como mais uma forma de inclusão, a paisagem descrita como pura e selvagem, abençoada desde sempre pelo cruzeiro. E o espírito cristão se avultando na mesma medida em que se avultava a civilização.

Um outro gesto de configuração da narrativa da Nação Brasil instaurada no cenário de Mato Grosso são *A Retomada de Corumbá* e a *Chronica* de 08 de abril de 1919.

Nesses textos, o Mato Grosso assume o lugar do Brasil, e o acontecimento histórico narrado assume a feição de nacional, tratando por ações de caráter geral aquilo que seria de caráter particular.

A retomada de Corumbá, episódio da Guerra do Paraguai, é tratada como da história brasileira, transforma-se em data do calendário comemorativo e merece um texto que a retome; e o inimigo ditador não invadiu Mato Grosso (não é usado sequer o advérbio “também”) quando invadiu a fronteira (o Mato Grosso não é citado nesse momento, só a partir da digressão, na segunda parte do texto), mas sim, *tentou apoderar-se do Brasil*. Assim como o ditador Solano Lopes, com a invasão, *veio offender os nossos brios de povo civilizado*.

“Nossos”, no texto, refere-se ao que é do Mato Grosso e do Brasil, posto que o segundo é tomado pelo primeiro na narrativa desde a primeira linha, quando o narrador afirma a tentativa de entrada no Mato Grosso como de *apoderar-se do Brasil*. De novo presente a estratégia narrativa que dá veracidade aos fatos: as datas, os nomes dos

vultos, a citação dos locais já oficializados da história, colaborando com a construção do efeito de fundação da Nação Brasil pela fundação do Mato Grosso.

É de se ressaltar o quarto parágrafo de *A Retomada...*, pois neste a narrativa em digressão expõe uma galeria de nomes dos vultos da historiografia, que se consolidaram como brasileiros que lutaram pela *liberdade e independência*, e de forma gradativa a voz do narrador vai chegando até o episódio que está sendo narrado, inserindo-o no contexto das *batalhas* do passado grandioso: *O Brasil que, quando colonia, ... patria emfim de um povo livre e independente, não podia tolerar o egoísmo de um homem como Solano Lopes.*

E a narrativa é construída com o mesmo maniqueísmo como base, pela perspectiva dos *martyres* inocentes que matam para se defender do *dictador e tirano* Solano Lopes.

Nas cenas montadas, a paisagem que circunda as ações também as personifica, e, após o conflito final, *as aguas* do Rio Paraguai estão *calmas e tranquilas*, por onde *deslizam as canôas* dos brasileiros.

De novo no texto a paisagem *local* é cúmplice dos feitos heróicos e dos heróis, à medida que denota seu estado de tranqüilidade após a luta vencida.

No décimo parágrafo aparece o desejo de unidade interna para a Nação Brasil e Mato Grosso, quando se narra que o exército brasileiro estava em pouco número devido às lutas internas ocorridas no Brasil logo após a Independência, *lutas internas que se tinham extinguido havia pouco, graças á bravura do Duque de Caxias.*

Pacificar as lutas internas é um valor, e é investido na figura de um herói romantizado, aquele que com muito sacrifício liderou e venceu a guerra que vitimava seu povo, aquele que oficialmente pacificou o conflito e, portanto, merece a citação de seu nome na narrativa.

Na *Chronica* de 08 de abril de 19 reaparece o mesmo gesto, agora em se tratando da ocasião da comemoração do bicentenário da *descoberta* de Mato Grosso. O Estado, desde a primeira linha da narrativa, é identificado à Nação Brasil, visto que ele também é *descoberto*, o gesto que o funda é o da descoberta de todo um potencial já lá, inerente a ele, apenas *descoberto*.

Em contrapartida, o sul do Estado, que no período lutou para que a capital lá se instalasse – conforme dá notícia a própria *Chronica* – na narrativa encenada teve seu progresso e desenvolvimento *levado* pela estrada de ferro, o que não lhe dá qualidades inerentes.

A linha da argumentação baseia-se no fato de que na parte norte do Estado, onde se localiza Cuiabá, estaria o significado da origem da pátria Mato Grosso, e isto porque foi lá que houve a primeira missa, o primeiro povoado cristão e civilizado.

O Mato Grosso, que é miniatura da pátria Brasil desde sempre, desde a sua descoberta, é o *coração do Brasil*, tal como Cuiabá é o *coração do Matto-Grosso*:

E como esse órgão da machina humana, escondido no peito alimenta o organismo, dando-lhe toda a energia vital, assim tambem nossa cidade é o centro da vida do Estado, como o Estado será o vasto celleiro onde poderão alimentar se milhões e milhões de habitantes.(O grifo é nosso)

A relação metonímica entre parte e todo, a nível do *local* em relação a Cuiabá e Mato Grosso, dá-se também a nível nacional, que é ampliada na relação entre o Mato Grosso e o Brasil.

Desse modo, o efeito de unidade que a narrativa da Nação constrói funciona nas duas escalas, menor e maior, incorporando Cuiabá de modo *natural* à origem do Estado, como esse está à origem do Brasil.

E, mais ainda, quem fez a afirmação, segundo a cronista, foi Júlia Lopes de Almeida. O endosso é suficiente se o relacionamos à influência dessa escritora sobre a atuação do Grêmio e da Revista.

O curioso é que esse efeito é construído também na *Chronica* circunstancial, de caráter mais mundano e datado que as narrativas que analisadas até aqui.

Nessa outra forma de registro textual, que obrigatoriamente abria todos os números da Revista e assumia o caráter de editorial dirigido declaradamente aos leitores, há a presença forte de temáticas ligadas atualidade do período e da Cidade ou do país.

Essa atualidade que recorta e comenta os assuntos *da hora* de certa maneira é evitada nos outros tipos de registro textual da Revista, tal como em *Rosalina* e na *Novella* ou ainda na *Chronica* de 08 de março.

O que acontece nas narrativas que tematizam e se ambientam no passado é que a atualidade vaza por sob a opção pela nostalgia, quando, por exemplo, Duque de Caxias é valorizado pelos seus feitos heróicos, entre eles citando a pacificação das revoltas regionalizadas no tempo do Império.

O período de consolidação dos ideais republicanos não foi nada pacífico também, e era esse o contexto dessas publicações.

Mato Grosso, à época, tinha recém-saído de um período de intervenção federal, e o governo atual era o de D. Aquino, que foi escolhido candidato consensual entre o presidente do Brasil e os partidos políticos líderes no Estado, como já dissemos.

Historicamente, os anos que recortamos para o estudo de *A Violeta* são os anos em que se centra e finaliza o período da República Velha. Quando o Nacionalismo emerge com uma dicção cívica, no qual o escritor Olavo Bilac e outros realizam uma campanha civilista a nível nacional, e quando o serviço militar e o ensino da língua portuguesa e da literatura se configuram como fatores de unidade nacional e fundamentais para se alcançar o progresso e para a construção do ideal de cidadão republicano.

Nos textos *atuais* de *A Violeta*, além de a linguagem sofrer uma cisão verdadeira em relação àquela das narrativas de cunho histórico – sendo mais direta e mais rápida, cujo objetivo nos parece ser o de resumo dos últimos fatos desde a publicação anterior - há uma opção pela temática da atualidade, pela problematização da vida urbana, por exemplo, através das reivindicações de saneamento, coleta de lixo, recolha de menores abandonados das ruas, abertura de ruas para que se transitem automóveis.

Este seria um outro movimento nos sentidos que interpretamos para a narrativa da Nação em *A Violeta*.

A tentativa de incorporar o *local* como nacional agora se dá pela inserção direta – não mais via invocação do passado - de Cuiabá e do Mato Grosso no cenário cosmopolita e republicano.

Um gesto de leitura que de novo vai ao encontro de Bhabha (op. cit.), quando este teoriza que a narrativa da Nação simultaneamente remete a um passado que a comunidade deseja para si como tradicional, original e verificável – que transforma *território em tradição e o povo em um só*, como ele diz no trecho escolhido para nossa penúltima epígrafe - e a um futuro, que a mesma comunidade, sob o *efeito* de unidade, deseja para si como grandioso.

Na *Correspondencia de D. Marta em A Violeta* de 28 de março de 1924, Maria Dimpina escreve à página 05:

(...)

Approveito da ocasião, para vos dizer, amigas minhas, que, em palestra com outro engenheiro, paulista tão nosso conhecido, disse me elle, ser bem facil a construção de uma estrada de autos desta capital para a Chapada, a Petropolis cuiabana.

(...)

Aqui, a construção de uma identidade com o nacional passa primeiro pela identificação de Cuiabá com a capital da República, o Rio de Janeiro.

A inserção do *local* ao nacional dá-se pela similitude entre espaços urbanos, Cuiabá e Rio de Janeiro, o que coloca o Mato Grosso na posição de República em miniatura, em correspondência com a Nação Brasil.

O eixo metonímico acontece entre *Chapada* dos Guimarães e *Petropolis*. Chapada é nomeada de *Petropolis cuiabana*. E, também interessante, *D. Marta* dá voz a essa afirmação: é de um engenheiro paulista.

Não é uma idéia dela, não é seu o raciocínio, mas de um engenheiro, profissional que deve entender de estradas e de localização espacial.

Süssekind (op.cit:20) verifica uma tensão entre os textos de cunho jornalístico (as *crônicas mundanas*, como ela diz) e os textos de cunho literário no período que vai do final do XIX aos anos iniciais do XX.

A autora analisa exatamente esse movimento que gera a ambigüidade entre as encenações da literatura do período, porque enquanto escritores como Olavo Bilac

negavam a qualidade dos textos das notícias e reclames e continuavam a escrever nessas tipologias com investimentos textuais diferentes de quando produziam a literatura que publicavam em livros, João do Rio incorporava a escrita da crônica na literatura que produzia, dizendo a pesquisadora que houve uma *contaminação* do estilo mundano da crônica em suas peças e romances.

Ela detecta, então, a partir dessa análise, que a literatura do período em certo sentido vai se configurar nessa ambigüidade em relação à dicção da crônica, mesmo que alguns não admitam, como Bilac.

Diríamos que há em *A Violeta* dois tipos de diálogo instaurado a partir daí. Há uma romantização da linguagem da crônica, conforme já vimos nas narrativas anteriormente, porque elas buscam incorporar o nacional ao *local* através do efeito de origem e passado grandioso para o Mato Grosso, alçado à condição de pátria Brasil pela narrativa de cunho histórico.

É importante ressaltar também, ao tratarmos da extensão desse efeito no corpo do periódico, que o mesmo movimento se dá em relação à composição da notícia, algo que apenas enunciamos na primeira parte do nosso trabalho.

Na seção *Noticiario* de 28 de junho de 1926 há um exemplo de texto que nos serve :

Com muito garbo este importante estabelecimento de educação, festejou a 13 do corrente o Santo padroeiro daquela casa.

Desde as primeiras horas do dia era extraordinária a romaria, que se dirigia ao Coxipó. Autos repletos de passageiros, romeiros a pé e a cavallo, todos convergindo áquelle pittoresco local.

Num ambiente de alegria íntima, respirando ar puro, deleitamo-nos á sombra do laranjal de fructos, não sabemos o que mais nos deleitava....

O trecho acima assemelha-se aos procedimentos de uma narrativa romanesca, não só no sentido da presença das adjetivações – *allegria íntima, laranjal de fructos* – como pelo corte efetuado para compor o texto: da composição de um cenário montado a partir de detalhes de descrição para montá-lo, numa atmosfera de sentimentalismo, em que vale mais as impressões do narrador do que o conteúdo noticiado: *deleitamo-nos....não sabemos o que mais nos deleitava.*

A contaminação se faz ao revés do que o pensado por Sússekind, a partir de seu material. NA *Violeta* há uma dicção literária para a crônica de notícias.

Dicção literária a partir do padrão de arte anunciado pela própria Revista. Em *A Violeta* não há uma seção nomeada *Literatura*, como há para outros registros, no caso da crônica.

Entretanto, há as seções nomeadas separadamente, a partir da apresentação dos textos como *Poesia, Conto Mensal* ou *Conto de Mary, de Tarly, Novella Matogrossense.*

E há ainda os textos em prosa de curtíssima extensão – de uma coluna – que não recebem distinção, a não ser por que ocupam via de regra o mesmo espaço marcado em cada exemplar, por volta da terceira à quinta página.

Por isso podemos perceber o sentido que circula para a literatura em *A Violeta* a partir do índice dos textos de “crítica” que foram raras vezes publicados. Textos nos quais significativamente o enunciador introduz seu julgamento com muita modéstia. Vejamos *O Guarany*, de Dolores.

Nesse texto, o que se coloca é o Romantismo como matriz da *nossa literatura*, tendo em Alencar o seu fundador. Toda a crítica para demonstrar esse juízo é montada a partir do valor da obra em questão, que estaria ligado a três características de *O Guarany*: a descrição detalhada que Alencar faz da paisagem, o desenrolar dos episódios (cujo melhor seria a última parte do romance, quando Peri é convertido, capítulo chamado pelo crítico de *Christão*) e as virtudes dos personagens centrais: Peri, principalmente, Ceci e o seu pai.

A solução do conflito da obra com o casamento entre Ceci e Peri é mostrada como um valor, e Peri é um personagem exemplar, um modelo a ser copiado em suas virtudes.

A leitura da obra é maniqueísta, vendo em Peri todas as virtudes cristãs (abnegação, fidelidade, honra) antes mesmo que ele o fosse, em oposição aos Aimorés e ao rival italiano.

Tudo isso aponta para o fato de que há uma preferência pela literatura romântica em *A Violeta*, que seleciona, inclusive, os textos literários de que se vai escrever sobre.

Além disso, e interessante para o que discutimos no momento, a interpretação para essa literatura romântica é a exemplar, que é valorizada pelo modelo que imputa, em seus vários sentidos.

Assim, quando tratamos de uma romantização dos textos de notícias ou de crônicas, é a esse fator que nos remetemos.

Voltando à nossa discussão a partir de Süsskind, há ainda a outra forma de diálogo perfigurada a se tratar: que corta ao meio a linguagem da Revista, como se houvesse duas instaurações diferentes de *real* nas narrativas e a cada uma correspondesse a uma dicção diferente.

O interessante para nossa discussão é que em *A Violeta* as duas dimensões de real não se excluem, não têm pressupostos diversos. O *real* que se instaura a partir das narrativas que tematizam o passado é recortado pelo mesmo gesto de leitura romântico quando se instaura o *real* dos textos que tematizam a atualidade.

De certa maneira, Neves (1992:78)⁵⁰, ao tratar historicamente das crônicas jornalísticas do final do século XIX no Rio de Janeiro, percebeu esse mesmo movimento, e afirma que:

... Busca-se assim, de múltiplas formas, reconstruir a história, por uma releitura do passado como pela meta comum do futuro, através de um memória coletiva que se pretende “nacional” e que sublinha as discontinuidades representadas eminentemente pela implantação da forma republicana por sobre as continuidades de uma sociedade marcada por seu caráter historicamente excludente e hierarquizador.

O que logo de saída poderia ser contradição não o é, visto que o gesto que recorta um olhar ou outro é o mesmo, e o ideal de Nação que *A Violeta* deseja construir para o Mato Grosso dá voltas, mas encena o mesmo ponto de chegada em suas opções.

Seja buscando incorporar o *local* ao nacional via passado ou via presente, a Nação imaginada pela Revista se instaura a partir da afirmação de uma realização *local* de um modelo, nacional ou cosmopolita.

Quando pensamos a narrativa da Nação enquanto pedagogia e performance, seguindo a metáfora de Bhabha, há uma relação muito forte entre o que se idealiza

⁵⁰ NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do Tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In: CANDIDO, Antonio. *A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, EDUNICAMP/ Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa: 1992. p. 75-92.

como Nação e o que se idealiza como mulher na nossa Revista, e aí está um de seus traços específicos de constituição, a nosso ver.

As heroínas simbolizam a Nação, misturam-se a ela pela própria colagem de suas vidas ao espaço que as configuram. Assim é com Rosália e com Mercedes, por exemplo.

A primeira, como vínhamos dizendo, toma ao final da narrativa atitudes antes atribuídas à própria paisagem, inclusive transformando-se simbolicamente na flor que tinha uma relação com seu amor por Laurindo.

A segunda, Mercedes, também desde o início caracterizada por elementos da paisagem, não abandona seu pai doente – a *pequenina patria* - nem o seu Estado e país – a pátria maior - na ocasião da invasão de sua cidade, a pequena *villa* de Corumbá.

O narrador assim define suas emoções à invasão dos paraguaios:

Desta vez, um duplo golpe: agravava-se de momento a momento o estado do paralytico e de momento a momento aproximava-se a horda invasora dos asseclas de Solano Lopes.

Sua vila, de Corumbá, não é só a entrada para a invasão no Estado, é a entrada para a invasão do país, realizando uma figuração em miniatura do Brasil (com a mesma população *pacífica e ordeira* já caracterizada como a mato-grossense e a brasileira em outros textos da Revista), enquanto Mercedes é a figuração da mulher que é desejada para a essa pátria.

Na figura da heroína potencializa-se todo o ideal maternal e construído como natural, desejado para a Nação construída.

Um ideal contraditório e consensual, e que tem na tópica da formação da mulher uma de suas revelações em *A Violeta*: a uma pátria que é desejada na narrativa da Nação enquanto síntese do ideal nacional de beleza, pureza e criação divina, cuja paisagem se destaca como uma especificidade (tanto em se tratando de Brasil como de Mato Grosso) corresponde a construção de uma heroína como Mercedes, ao mesmo tempo culta e humilde, leal e abnegada, sábia e pura.

Mercedes representa, junto a isso, o ideal de mulher necessário para uma nova ordem social urbanizada e modernizada que se colocava às mulheres, entretanto, um ideal que se realizasse sem que se chocassem os padrões de uma sociedade conservadora.

Ela é uma das formas de entendimento para a junção daqueles dois objetivos programáticos de *A Violeta* e do Grêmio Júlia Lopes.

Ultrapassa a representação espacial à medida em que sua narrativa significa de certa maneira um *exemplum* de uma outra, a *Retomada de Corumbá*.

Quando lemos essas duas narrativas e as relacionamos, parece que as duas se ligam estruturalmente, à medida que é possível abrir uma grande chave em determinado ponto da última e lá introduzir a narração do episódio de Mercedes, como ilustração da estória.

Esse procedimento que estabelece relação de contaminação entre textos aparece entre outras narrativas da Revista – como em *A patria*, de Mary, onde a personagem mãe do soldado, aleijada, está revoltada com a Nação que lhe tira o filho, seu único arrimo na miséria e na doença, para mandá-lo servir a guerra.

Na *Chronica* de 15 de novembro de 1917, Mary narra o enredo de uma notícia *trazida pelo correio* e cujo teor dizia que as mães de uma pequena cidade de Minas invadiram a Câmara Municipal arrombando secretarias e *communicando fogo a todos*

os papéis de alistamento militar a que alli se procedia. A sugestão é de que as mães declararam guerra contra a guerra.

No mesmo texto continua a narrar um acontecido similar em Barbacena, também em Minas, e encaminha a narrativa para uma argumentação sobre a necessidade de os homens irem para a guerra e de as mulheres se expressarem em relação ao fato que lhes desagradar, expressarem seu cuidado pelos homens, seu zelo, mas aceitarem sua ida, pois *Quem é que desde o berço vem incutindo coragem, altivez, energia e bondade aos servidores da Patria? Não é a mulher?*

Já na narrativa *A patria*, o narrador selecionou o que há de mais humilde e desprovido para caracterizar a mãe do soldado jovem e garboso que ia para a guerra (tudo leva a crer que seja a Primeira Guerra Mundial): cega, aleijada e miserável. Cheia de razões para se revoltar para com o país que lhe *tira* o filho.

Mas essa mãe, que no início da narrativa é caracterizada como duplamente cega (porque fisicamente deficiente e porque *não pode encher gar onde é que a Patria está*), ao ouvir a voz do filho lhe ensinando que a pátria é sagrada e que o amor pátrio é *o mais sublime*, ergue-se, pede o perdão do filho e o deixa ir, de farda kaki, *distinto e bom em direção ao quartel*.

A voz do filho em determinado momento se descola do personagem, e se transforma numa autoridade a falar sobre a pátria para sua mãe: *Espera e a Patria lhe restituirá seu filho mais forte ,mais homem, convicto de que merece a sua benção e o seu amor*.

O que se seleciona, ao reencenar a mesma tensão? O que se seleciona, ao trocar o registro do relato?

Primeiro, a narração de cunho noticioso não tem descrição da paisagem, como em *A Patria*. Nesta, a descrição da paisagem começa pelo estado de escuridão em que

se encontra o céu (tal como a cegueira da mãe do soldado), de maneira a ir afunilando o foco, até se deter no quarto pobre da mãe miserável e doente. É algo que nos remete de imediato ao valorizado na obra de Alencar, o objeto da crítica em *O Guarany*.

Depois, o tipo de desenlace e solução para o problema é o mesmo, consensual, ligado às ações que as mães devem ter diante da ida dos seus filhos à guerra, e que estes deveriam ter para com elas, de compreensão para com os seus atos gerados pelo amor incondicional que sentem.

Na *Novella*, o que se seleciona no reencenar da mesma tensão está ligado também à ação que a narrativa de *A Retomada...* imputou para as mulheres durante a Guerra do Paraguai: não abandonando os elementos de sua família e de sua pátria.

Entre as duas há outras semelhanças de recorte, como a apresentação de datas e dos nomes de oficiais que operaram na Guerra, o maniqueísmo que divide os paraguaios e os mato-grossenses e brasileiros entre bem e mal; e ainda o fato de encenarem o mesmo episódio da história de Mato Grosso.

As heroínas dessas narrativas que tematizam a guerra direta ou indiretamente aparecem, assim, no diálogo que se estabelece entre os textos de diferentes registros, como o ideal de mulher desejado para a construção da narrativa da Nação, como portadora ou colaboradora em um tipo de solução para os problemas que se instauram.

Em muito assemelham-se essas narrativas ao ideal apostado na leitura realizada do romance *O Guarany*, de José de Alencar, e valorizado pela crítica publicada na Revista: as personagens são investidas de virtudes cristãs, se configurando como exemplares; as soluções narrativas apontam para o consenso; e as heroínas são resignadas e leais ao amor que sentem, seja no caso do amor maternal, em se tratando das narrativas sobre a revolta das mães dos soldados, ou no caso do amor filial e conjugal, tendo em vista as narrativas sobre a retomada de Corumbá.

A narrativa da Nação pensamos, é um investimento que se costura nos vários aspectos que constituem o corpo da Revista, e ainda, a especificidade de seu enfoque em *A Violeta* dar-se-á na medida em que se liga à estratégia de tutela em relação à leitora.

À medida que as heroínas são modelares, também o narrador dos textos vai se apresentar como *professoral*.

Um narrador que descreve em excesso paisagem e emoções e não dá margem ao leitor, direcionando os sentidos para o texto em sua conduta narrativa, como é o caso predominante na Revista. Há toda uma impostação de leitura para o sensível, que diz respeito, por sua vez, ao sentido dado à *elevação* cultural e moral da mulher mato-grossense.

De maneira geral, mesmo quando encena a narração nos textos mais despojados, como em *Correspondencia de D. Marta*, a conduta do narrador é tutelar, seja pelo diminutivo: *Minhas amiguinhas*; seja pelo adjetivo: *Amaveis leitoras*.

E isso se dá também nos diferentes modos de interlocução que se instauram nos vários espaços do nosso periódico, nos quais a leitora é sempre envolvida com um *nosso* ou *nossa*, e começa a ler sua Revista sempre por uma crônica que encena todos os protocolos de um editorial dirigido para o leitor, na maioria das vezes em tom oratório.

Todas essas posturas, aliadas às questões de formação de gosto e da mulher que se necessitava *forjar* para o contexto de então, enformam um modo de ler como para *tirar lição*, muito próximo do que se tratou nos textos de crítica que foram publicados na Revista.

A chave é a leitura duplamente romântica, visto que é necessário, para a leitora, identificar-se com as heroínas e com outros personagens para daquela vivência *tirar mensagens* para o seu dia-a-dia. E em *A Violeta* aparece com investidas variadas, inclusive na fluidez entre o gênero histórico e o ficcional, que mistura protocolos para a

leitora: Mercedes fez parte da Guerra? A mãe do soldado de *A Patria* seria uma das que se solidarizariam com a revolta das mães de Barbacena?

Um roteiro de leitura que se firma também a muitos finais de página, com máximas autorizadas pelas vozes de Cícero, Vitor Hugo, Garrett, Lamartine ou Goethe, tal como aquele escolhido para enfeixar a página onde se concluía a narrativa de Rosália:

O amor é como a árvore, nutre-se de si mesmo, lança profundas raízes em todo o nosso ser, e continua reverdecendo sobre um coração em ruínas.

IV. *Considerações Finais*

... *Aliás, um dos traços de sua vitalidade intermitente [da literatura do fim do século XIX e início do XX] brota bem dessa condição aflitiva que, às vezes, nos empurra para fora, outras nos recolhe para o mato.*

(Antonio Dimas)

Objetivamos nesse estudo enfocar um pouco mais detidamente a produção e circulação de *A Violeta*, o que, no nosso entender, não estava feito até então pela crítica.

Ao nos depararmos com a coleção numerosa do periódico, a ansiedade para se atingir o objetivo inicial viu-se às voltas com nossa limitação de iniciante, além das limitações temporais de uma pesquisa a se realizar a nível de mestrado.

À medida que nos aproximávamos da Revista uma certeza sempre se colocava: da necessidade de se pensar as metáforas que as mulheres do Grêmio Júlia Lopes de Almeida construíram para si e para seu universo; da necessidade de que se fizesse um estudo que buscasse - naquele exercício de perspectiva deslocada de que falamos antes - refletir como alguns sujeitos do próprio lugar chamado *sertão* enxergavam a si e a seu lugar, a partir dos modelos que construíam em seus textos.

Se as opções eram românticas, qual a leitura que se fazia do Romantismo na Revista? Qual o ideal de leitor inscrito em seus textos e em seu corpo, diante de um Mato Grosso que representava, nos textos da época, uma unidade problemática, muito mais uma realidade a se construir? Se a mulher era um de seus focos de atenção, como era figurada na Revista, diante da mulher leitora, recém-instruída, de que se havia de

formar o gosto diante de uma sociedade em sua maioria inculta e agrária, que não se devia chocar?

Essas foram questões que buscamos responder, e percebemos que as respostas dadas pelas mulheres de *A Violeta* encenavam os impasses de seu tempo de circulação e produção. E encenavam também as contradições desse tempo, à medida que o Mato Grosso imaginário que construíam em seus textos, entre mítico, lendário e cosmopolita, correspondia a um ideal de pátria também ambíguo e de longa tradição em nossa cultura e literatura.

Em *A Violeta*, esse imaginário aparece costurado ao ideal de mulher, e letrada, que o Grêmio e a Revista constroem em sua longa história e por diversas estratégias.

Um ideal de mulher também contraditório e às avessas de si mesmo, advindo de uma visão consensual, e que buscou atender de forma programática a um ideal de *elevação* e de *ilustração*, por si só já é advindo de uma carência pressentida, um ideal “compensatório das condições adversas”.

A mulher leitora que a todo tempo se quer aprisionar, flagrar, direcionar, afigura-se então a chave de interpretação desse periódico em suas intenções de intervenção direta no presente e no futuro de uma Nação – Brasil e Mato Grosso – que se precisava construir.

E assim como vem se afigurar essa leitora enquanto uma tentativa reiterada de muitas maneiras para se *elegar a condição da mulher mato-grossense ... nesta terra benedicta*, parece isso mesmo representar o tom conciliatório que se tenta dar às questões colocadas pelo Mato Grosso conciliado e conciliador dos últimos anos da República Velha.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

A VIOLETA (publicação do Grêmio Literário “Júlia Lopes de Almeida”). Cuiabá-MT. n. 1 a 333b, dezembro de 1916 a março de 1950.

ALMEIDA, Eliana de. “Discurso Religioso: Um Espaço Simbólico entre o Céu e a Terra.” Campinas, SP, 2000. 143 p. Tese (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Trad. Lólio L. de Oliveira. SP: Ática, 1989.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. SP: Ediouro, sd.

BARTHES, Roland. *A Retórica Antiga*. RJ: Vozes, 1970.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila/Eliana L. Reis e Gláucia Gonçalves. BH-MG: Editora da UFMG, 1998.

BILAC, Olavo. *Últimas Conferências e Discursos*. RJ: Francisco Alves, 1930.

BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*. SP: Cultrix, s.d.

CALHAO, Antônio Ernani Pedroso (et alii). *Imprensa Periódica Mato- Grossense. 1847-1969: Catálogo de Microfilmes Existentes no Núcleo de Documentação e Informação Histórica e Regional da UFMT*. Cuiabá-MT: Ed. Universitária, 1994.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e Cultura de 1900 a 1945”. In: *Literatura e Sociedade*. SP: Nacional, 1976.

_____. *A Crônica. O Gênero, suas Fixações e suas Transformações no Brasil*. SP, Edunicamp. RJ, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____. *Educação pela Noite e Outros Ensaios*. SP: Ática, 1989.

CARVALHO, José Murilo de. (et alii). *Sobre o Pré-Modernismo*. RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CASTELLO, J. A. “A Análise de Periódicos na Literatura Brasileira”. In: *Lanterna Verde e o Modernismo*. SP: IEB-USP, 1970.

CHARTIER, Roger. “Do Livro à Leitura”. In: *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. Rio: Estação Liberdade, s.d.

DIMAS, Antonio. *Tempos Eufóricos. Análise da Revista Kosmos (1904-1909)*. São Paulo: Ática, 1983.

ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*. SP: Companhia das Letras, 1994.

FRANCHETTI, Paulo. *Olavo Bilac e a Unidade do Brasil Republicano*. [on line] 1998. Disponível: <http://www.unicamp.br/~Franchet/bilac/htm> [capturado em 04/02/03]

GÁRATE, Miriam V. *Civilização e Barbárie n’Os Sertões. Entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. SP: FAPESP/Mercado das Letras, 2001.

LAJOLO & ZILBERMAN, Marisa e Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. SP: Ática, 1998.

LEVIN, Orna Messer. *As Figurações do Dândi: Um Estudo sobre a Obra de João do Rio*. Campinas, SP: Edunicamp, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil. Um Diagnóstico para a (N)ação*. SP: Editora da Unesp, 1999.

MAGALHÃES, Hilda G. Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso. Século XX*. Cuiabá-MT: UNICEN Publicações, 2001.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. SP: Edusp, 1993.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. Série Corpo e Alma do Brasil. SP: Difel, 1979.

MINÉ, Elza. *Páginas Flutuantes. Eça de Queiroz e o Jornalismo no Século XIX*. SP: Ateliê Editorial, 2000.

MOLIÈRE. *Escola de Mulheres*. Trad. Millôr Fernandes. SP: Círculo do Livro, s.d.

NEEDELL, Geoffrey. *Belle Époque Tropical. Sociedade e Cultura de Elite no RJ na Virada do Século*. Trad. Celso Nogueira. SP: Cia. das Letras, 1993.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Leitura*. SP: Pontes, 1985.

PIZARRO, Ana (org.). *América Latina. Palavra, Literatura e Cultura. Vol. II: Emancipação do Discurso*. SP: Memorial, Campinas: Edunicamp, 1994.

PÓVOAS, Lenine. *Síntese da História de Mato Grosso*. Cuiabá-MT: Resenha Editora, 1992.

_____. *História da Cultura Mato-Grossense*. Cuiabá-MT: IGH-MT, 1994.

RIO, João do. *O Momento Literário*. RJ: Garnier, s.d.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. Trad. Sérgio Milliet. SP: Bertran Brasil, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP: Brasiliense, 1999.

____ (org.). “Introdução. O Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso.” In: *História da Vida Privada no Brasil. República: Da Belle Époque à Era do Rádio*. SP: Companhia das Letras, 1998.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP: Companhia das Letras, 1990.

____. *Cinematógrafo de Letras. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. SP: Companhia das Letras, 1987.

APÊNDICES

Chronica

Mary

A chronista vae com os amaveis leitores analysar o que ella chama temporada festiva para depois poder dizer com elles – Cuiabá diverte-se!

Realmente nós nos achamos em uma epoca de diversões que bem raras vezes tem tido precedentes no nosso meio.

Vejamos pois:

Não havia desaparecido ainda dos nossos ouvidos o echo da bellissima vóz de Mme. Komor, nem a impressão do distincto sarau litero-musical que em seu proprio beneficio tinha organizado o “Gremio Julia Lopes”, quando a 2ª partida dansante do “Myosotis Club” veio eclypsal-os.

Seguidamente, no dia 14, o Secretario do Interior offerecia em Palacio o grande banquete seguido de soirée, ao dr. Interventor Federal em despedida, e immediatamente na noite de 15 os distinctissimos Voluntarios Especiaes, recebiam o grande numero de senhoritas para o seu esplendido “Sarau Kaki”, cujas recordações saudosas gravaram-se no espirito das gentis patricias.

Já se annunciava então um outro festival do “Gremio Julia Lopes”, em beneficio da Cruz Vermelha Portugueza.

Essa festa transcorrida no dia 21 foi mais um triumpho alcançado pelo nosso modesto Gremio.

Deu a nota a esse sarau litero-musical, o traje de enfermeiras que adoptaram para essa noite as associadas que assim trajadas venderam flores aos presentes.

Nessa noite annunciavam-se nossas diversões: Uma Companhia Theatral Portugueza chegada nesse mesmo dia marcava para o dia 23 o seu 1º espetaculo levando a “Tomada da Bastilha”.

Esse facto merece especial menção, pois é a primeira vez que uma Companhia Theatral Portugueza se exhibe nessa capital.

A falta de um palco nos era prejudicial. Ha pouco aproveitando o pequeno palco do “Parisien” os nossos jovens conterraneos representaram para experiencia do genero theatral um drama e algumas comedias.

Acrescentando a tudo isso as projecções dos films das fabricas afamadas, todos os domingos no Parisien, temos feito o apanhado do que devemos chamar “temporada festiva”.

Realmente Cuiabá diverte-se.

(A Violeta 17: 1 e 2, de 30 de agosto de 1917)

Chronica

Mary

Um dos assumptos que actualmente impressionam a população cuiabana, que já começava novamente a dormir o sonno burguez de cidade sem vida nem attractivos, é agora o colorido kaki das fardas dos voluntarios e os exercicios militares dos mesmos.

Na rua não se dão dous passos que se não tenha de corresponder ao gracioso cumprimento de estylo, de um garboso voluntario que insensivelmente nos deixa a contemplal-o intimamente satisfeitas, emquanto elle lá vae compenetrado e orgulhoso dentro do seu fardamento kaki.

Nós as moças gostamos de vel-os assim, porque nelles está a nossa defesa erguida, altaneira, triumphante; mas, as pobres mães, agitam-se nervosamente ao notarem a farda reluzir illuminando a physionomia dos filhos.

É que ellas, mais previdentes que nós, não pensam só na belleza e na victoria, levam o pensamento até o quadro horroroso dum campo de batalha, e a Europa debatendo-se nesse cahos de luto e de sangue fal-as scismar...

Que querem?

A mocidade não tem felizmente a deslustrar-lhe, a frieza da experiencia, para sofrer onde vê só ardor e enthusiasmo!...

É justo pois, que o orgulho da farda que se estampa na physionomia do voluntario infiltre-se tambem em nós, as moças, que nelle contemplamos a nossa defesa erguida, altaneira e triumphante.

(A Violeta 15: 1, de 31 de julho de 1917)

Chronica (2^a parte)

Mary

(...)

A insurreição do heroico povo francez logrando no dia 14 de Julho de 1789 pôr termo com a “Queda da Bastilha” ao jugo a que os nobres, desde Aubriot, o sujeitavam durante 4 seculos, é um facto queo mundo respeita e admira sendo o “14 de Julho” uma data universal.

O Brazil novo e forte approvou com enthusiasmo esse gesto dere volta, e a prova foi a que deu a 7 de Setembro de 1822.

O velho e vetusto castello erguido em Paris sobre poderoso alicerce, cahiu demolido aos pés dos insurgidos, ao mesmo tempo que cahia para o mundo a cortina que obscurecia a liberdade do povo na reivindicção dos seus direitos.

É nessa data que o “Gremio Julia Lopes” espera levar a festa em seu proprio beneficio.

Commemorando essa data patriotica, cuja gloria foi obtida pelo preço de sangue, ao mesmo tempo que uma outra benefica e pacifica, só desejamos que o triumpho a alcançar seja immenso como o foi outróra para o povo francez o 14 de Julho de 1789.

(A Violeta 13: 1 e 2, de 08 de julho de 1917)

A Patria

de Mary

Noite morna e escura, embora no ceu luissem piscas, multidão de estrelas, e mais esbatida quasi sem contorno, como n'um polvilhamento de luz, a via-lactea se desdobrasse suave e pallida.

O mez de Abril doce e calmo, o portador das tardes suggestivas e das noites tentadoras havia começado.

Cuiabá estava na sua hora morta, pois ao silencio evocador do crepusculo, succede-se um mutismo inquebrantavel tornado lugubre até pelo brilhar das candeias esparsas que procuram num tantalismo forte, pobres facções de luz, a chegar, unir as suas acanhadas chammas numa confraternisação do claro.

A velha cidade dos bandeirantes dormia pois nessa hora morna e escura, enquanto no ceu as piscas estrellas velavam e a via-lactea desfalecia.

Num quarto miseravel, estreito e acanhado onde uma mesa, um colchão e uma banquetta eram os moveis unicos e de serventia multipla, uma mulher desgrehada e em farrapos, de joelhos numa attitude dolorosa de supplica, soluçava amargamente.

Sobre o chão de barro duro alisado pelo tempo, as pernas descarnadas, se dobrando inertes cobertas por farrapos d'uma saia de algodão, o corpo magro e prumo, deitando para o ar os pobres braços nús, esqueleticos e angulosos não se podia calcular que alli se achava uma mulher ainda moça.

O tecto esburacado abria para o ceu, brechas claras lembrando o sorriso alvar das bocas desdentadas, e a luz mortiça de uma lamparina aquarellava de amarelo e fumo o quadro lugubre que a noite apenumbra.

A infortunada se desesperava porque o seu arrimo, o unico filho que Deus lhe déra fora chamado para servir a Patria, e ella a pobra, a incapaz, de lutar com os reveses da vida porque desconhecia toda e qualquer parcella da educação e do sentimento e da instrucção, se debatia no horror daquella desdita.

De quando em vez nos olhos fundos, negros e terriveis lusia um relampago de dor e de raiva, e do peito rugia uma blasphemia:

“Oh! A patria! O que é a patria?! Acaso será mãe mais amante que eu?

Será tambem mais necessitada?...”

A patria!...a patria não existe! Esse é o nome bonito com que os impiedosos procuram roubar os filhos de suas mães. – Eu não a amo não posso amar essa patria porque levou meu filho, o amparo único da minha fraquesa .”

Nesse momento a porta carcomida e suja abriu-se e um garboso jovem fardado de kaki a passos vagarosos se aproximou da infeliz que pasmada, lerda, olhava agora o extinguir do morrão da lamparina.

“Mamãe! A Patria é sagrada, não falle assim... pobre mamãe que não pode encherger onde é que a Patria está; e carinhosamente tomando aquellas mãos encarquilhadas e ossudas beijou-as com respeito e effusão, depois levando-as ao coração que pulsava com violência:

A Patria vive aqui, aqui ella é nobre, é grande e poderosa. Para ella todos os sacrificios e todos os martirios são pequenos; o amor patrio é mais sublime, querida velhinha, que todos os outros amores porque é desinteressado e unico!

Não mamãe, não falle mais assim! Procure amar tambem essa nobre mãe, generosa e grande que é a nossa Patria nas suas orações de sempre junte de hoje em diante o nome de Brazil pedindo a Deus por elle e pedindo a elle por si.

Espera e a Patria lhe restituirá seu filho mais forte, mais homem, convicto de que merece a sua bênção e o seu amor...”

Ahi a mãe ergueu-se. O rosto tinha ainda uma forte expressão de melancholia mas, na bocca clareava-lhe um sorriso.

_ Sim meu filho não a maldigo mais! A ceguinha poz-se a ver um bocadinho de luz....

Venero-a e admiro o dominio vasto da Patria no coração dos filhos.

Perdôa e vae! Não a amo ainda,mas, ame-a sempre assim que por ti virei a amal-a e adoral-a.

E o garboso soldado enxugando uma lagrima la se foi distincto e bom em direção ao quartel.

(A Violeta 29: 3 e 4, de 23 de março de 1918)

Album da Violeta

Qual diversão que prefere?

*Assistir a uma palestra littero-
-musico-theatral*

A dança

Qual o passeio favorito?

*Ao Coxipó, num excellente
cavallo.*

*O campestre, nas
manhãs primaveris.*

*Julga que há ou não felicidade
no casamento?*

*Não sei... porem o coração diz-me
que há quando entre os nubentes
existe perfeita affeição.*

*Creio que há, quando
os nubentes se amam
verdadeiramente.*

Qual a arte favorita?

A poesia.

A música.

*Qual o auctor predilecto na
prosa e na poesia?*

*Na poesia aprecio immensamente
Olavo Bilac no "O caçador de es-
meraldas". Na prosa admiro Eça
de Queiroz.*

*Alexandre Herculano
na prosa e Olavo
Bilac na poesia.*

Qual a côr que prefere?

Azul celeste

*Branca, por symboli-
zar a candura.*

O perfume que lhe agrada?

O da murta.

O das rosas.

A cidade onde deseja viver?

Nesta que é a minha.

Nesta bella Cuyabá.

O que deseja para o futuro?

Viajar muito.

Dar um passeio á capital do paiz.

O que quer que aconteça para si?

Viver bastante para ter perfeito conhecimento da vida.

Todas as felicidades possíveis.

Como gosta de passar as horas de recreio?

Colleccionando poesias.

Lendo.

Qual a verdadeira vocação?

Cultivar flores.

Ser violinista.

(Maria Izabel)

(Anna Izabel)

(A Violeta 51: 4, de 26 de junho de 1919)

Carta

A nossa companheira de redacção , Srta. Maria Dimpina Lobo, recebeu da digna patrícia D. Julia Lopes de Almeida a carta que publicamos, e cuja leitura instructiva, útil e proveitosa recommendamos especialmente as nossas jovens leitoras.

Minha bôa amiga

21 de janeiro de 1919

Li com immenso júbilo as suas palavras e muito agradeço ás minhas boas amigas do Grêmio, a inserção do meu retrato no ultimo numero da Violeta e o carinho com que nela se referem ao meu nome.

A idea da fundação da Escola a que alude na sua carta è felicíssima e espero que contribua grandemente para a felicidade futura da familia cuyabana. Se desde o principio eka não poder ser estabelecida de um modo absolutamente completo e perfeito, porque para isso seria preciso uma sèrie de estudos e de observações preliminares de algum modo lentas, terá entretanto iniciado um sistema moderno de educação utilissimo, e que tem dado excelentes resultados nos países que o adotaram.

É provavel que ja tenha o seu programa organizado entretanto suponho que para principiar bastar-lhe-hia o seguinte, se se trata como imagino, de uma Escola Domestica, isto è uma escola de meninas e moças que já tenham conhecimento de instrucção primaria e não de uma escola profissional sò para meninas pobres, como ha algumas no Brazil.

- Higiene – noções sobre saúde, asseio, habitos (hora de sono), trabalho, exercicio, sport, etc.) alimentação, tratamento de seu corpo e de sua casa, afabilidade e serenidade de maneiras etc.

- Ginástica sueca – Desenho – Musica (cantos, còros, higiene da voz).

- Jardinagem – Pomicultura – Horticultura – Não há nenhum inconveniente que as moças aprendam a cultivar a terra e a fazer inxertias para melhorarem fructos dos seus pomares e as flores dos seus jardins. Envio um livro útil nesse sentido. São exercicios esses que fazem bem à saúde e embelesam os logares em que vivemos. No Brazil è esta uma propaganda em que a mulher deve ser incansavel, porque nenhuma outra lhe pode ser mais util.

- Puericultura – Este assunto deve merecer o maximo carinho da directora, pois que os cuidados dispensados as crianças desde o primeiro dia do seu nascimento são a melhor garantia da sua saúde e da felicidade dos Paes. Nòs todos sabemos quanto entre nós é descurada a educação da primeira infância razão pela qual devemos insistir em esclarecer nesse sentido as futuras mães.

- Costura – Córte de vestidos e de roupas brancas para uso de homens, senhoras e crianças; feitas à máquina e a mão. Pontos de marca, bordados a branco, e rendas de vários sistemas, concerto de roupas velhas, serzir meias, remendar etc.

- Noções de Química – Tintura de roupas, desinfecções, lavagens, fabricação de sabão, oleos caseiros etc.

- Cosinha – Arte culinária e modo de manter a cosinha apuradamente limpa. Ensino pratico e teòrico.

- Lavar – Lavar roupa branca; rendas; sedas; lãs. Engomar e passar.

- Economia Domestica – Escrituração em ordem, notas diarias, assentamentos de despesas, verificação de contas e de recibos, conhecimento dos preços do mercado, modo de comprar etc.

Aula de enfermeiras.

Envio-lhe por este mesmo correio alguns livros que espero lhe possam ser úteis, entre eles vae um Ementario da Familia por ser uma obra metodica e unica do seu genero. Estou as suas ordens para tudo o que precisar de mim, lamentando apenas não ter conhecimento de um trabalho especial no caso para lhe mandar já.

Queira a minha amiga com todas as suas collegas do “Gremio” receber carinhosos cumprimentos da muito grata e admra.

Julia Lopes de Almeida.

P.S. Como sabe, as Escolas Domesticas na Europa são frequentadas por meninas e moças de todas as classes. As ricas como as pobres vão procurar no seu ensinamento a pratica que as esclareça pelo governo da sua futura casa.

(A Violeta 45: 4 e 5, de 20 de fevereiro de 1919)

Rosalia

Conto de Lair

A' S.E.D.M.

Num leito estreito e lodoso, apertado entre as barrancas, corre o Aricá. De um e do outro lado, estende-se a matta magestosa, estrellada de babassús.

A tarde vai cahindo. Hora lithurgica das Ave Marias, em que o sol antes de accultar-se, avermelha os macissos da chapada, e as frondes das arvores, á distancia, adquirem os matizes da seda o as variantes do velludo. Alem, uma queimada levanta a nuvem disforme de fumaça quente e asfixiante, fendida pelo vôo espiralado do gavião.

Obumbra-se o dia. O silencio vai se aconchegando lentamente entre os ramos a gesticular angustias. Um Martin pescador, cançado de espelhar-se nas aguas turvas do Aricá, lança um grito e afasta-se, ora roçando o peito nas aguas inquietas, ora galopando os ares, como se vencesse invisiveis obstaculos, acompanhando sempre o caminho tortuoso e brilhante do rio – Só um João de Barros trabalha ainda. Com indiscriptivel maestria, está construindo na forquilha do jatobá, seu palacio nupcial, Desce ao barranco, procura a passos elegantes a argilla adherente. Amolda-a com o bico. Ergue de vez em quando a esbelta cabecinha e gira-a em redor eternamente vigilante. Carrega depois um novo adobe para liga-lo ás paredes em adiantada construcção. Pedreiro de azas, corta com o bico as saliencias internas e externas; architecto cantor, lança para o alto a curva harmoniosa, de uma cupola romana. E quando os tres rebordos inclinados cobrem a cella, levanta uma parede transversal, que guarda e defende o thalamo gentil. E no fundo do ninho bem ao seguro dos ventos e das chuvas, João de Barros atira uma almofada de palhas finissimas e delicada penugem.

E canta, sempre canta; sorri e coreado pela fiel companheira, cahe numa gargalhada estrondosa, que escandaliza os habitantes da selva...

Um caitetú, intrigado com as manifestações de uma felicidade que não comprehende nem intenta alcançar, levanta interrogativamente, o inundo focinho. O ladrão das searas alheias, o bohemio das mattas e capoeiras, nada entende dessa felicidade do trabalho honesto e do amor correspondido.

Quado em Setembro o bosque se pintar de branco e de rosa, de viola e de escarlate, para celebrar todas as bodas e todos os amores, João de Barros orgulhoso e satisfeito, sorrirá desde a porta entreaberta do seu gentil bungalow.

Mas a noite não tarda. O crepusculo empardece. Genios invisiveis andam dependurando gazes de luto, entre os ramos silenciosos. A jahó reclama a presença do bohemio companheiro. Pirilampos irriquietos riscam fosforos minusculos e pallidos. No caminho distigue-se o zigaguear do curiangú, e no espelho do Aricá tremeluzem as primeiras estrellinhas.

Abrindo com a cabeça passagem entre as folhas, e sustentando entre os braços o corpo, desfallecido de um jovem cavalleiro, ao parecer moribundo, surge Rosalia, a filha do capataz. Tem as olheiras roxas de pranto, e leva na bocca uma parasita quase desfeita. Donde vem a mais gentil cabocla das margens do Aricá?

.
.

A poucos passos do rio, sob um docel de verdura, eternamente agitado por uma aragem inquieta, a sabia natureza, tecera o mais gracioso caramanchão... As suas paredes verde escuras estavam construídas com os tijolos movediços das folhas de uma madre-silva. Tem como tecto um rendilhado de flores, espigas alvas e cremes quotidianamente visitadas e beijadas por todos os fabricantes, do mel embriagador e selvagem.

Alli entôa o sabiá seus psalmos mais doridos; alli geme a tola suas plangentes monodias; alli constroe a patativa, seu berço mais gentil; alli desabrocham orchideas, mais sedosas que as carnes de um recém-nascido, mais roxas que as vestes de um prelado.

Eram duas horas, quando Rosalia, aproveitando o mormaço, que trazia numa sesta forçada o capataz e a camaradagem, sahira das casas, rumo ao caramanchão florido.

Lá tudo era sombra paz e silencio. Um beijaflor, symbolo innocente de um desejo criminoso que satisfeito se afasta, fugira rumo ao Aricá. Nessa hora as aguas tinham a cor acerada de um feio punhal toledano.

Rosalia penetra, abrindo o verde cortinado da tenra galharia. O caramanchão estava deserto. Dá um signal convencional. Ninguem lhe responde...

Tira então do seio, o espelinho redondo que comprara ao ultimo mascate. De um lado traz a oleografia de S. Antonio, o segura mecenas de todas as namoradas, do outro o vidro polido, onde ella bebia a consciencia da sua mocidade, a certeza absoluta da sua graça, e porque não dizê-lo? O licor embriagante, da sua vaidade feminil...

Rosalia tem 16 annos. Não é alta mas muito bem desenvolvida. Nos seus olhos grandes e negros, o amor, cacique vigilante, atiçava nas noites da duvida, a fogueira das esperanças. Sobre as suas faces torradas pelos agostos mattogrossenses, o sangue puro e sadio, deixava o matiz das terras vermelhas de um cafezal. E era a sua bocca tão graciosa, humida e pequena, que, cantavam os violeiros nos animados cururús olhando-a, nascia-lhes no peito, o rosicler das auroras tropicaes O certo era que, mais de um colibri beijara-a na sua rede, tomando-a por uma flor...

A filha do capataz d'aquellas duas fazendas, cortadas pelo Aricá, era orfã de mãe. Gloria e alegria do velho Octacilio de Oliveira, roubara-lhe ao nascer a mais santa e carinhosa das companheiras.

Rosalia cresceu assim ignara dos afagos maternos. Só conheceu as caricias do sol cuiabano. Só ganhou os beijos das petalas silvestres com que enflorava a sua negra cabelleira. Sua melhor amiga foi a lua, surgindo dilatada por detraz do cerrado, ou nimbando de prata a frente dos buritis.

Aprende a cantar com as colleiras e os canarios. Seu primeiro peccado de vaidade, foi no espelho das aguas do remanso dormido da immensa bahia, coalhada de camalotes. Seu unico livro de rezas e de estudo, foi a grande biblia da natureza. Seus unicos brincos, os aneis de uma cabelleira negra como as azas de um anú, cahindo-lhe graciosamente sobre os seios nubeis, em redor do seu collo alabastrino.

O espelho da lagoa funda, ensinou-lhe a ser sincera; mas a palmeira cuiabana fizera-a orgulhosa, desse orgulho que não offende, mas que não perdoa...

A palmeira é soberba. Se outra arvore a superar na altura, se outro gigante estiver mais perto do ceu, das nuvens e daluz; se inutilmente se esforçar por dominá-lo, a palmeira dobra a frente, chora envergonhada, e morre de paixão.

Mas Rosalia sabia rezar. A velha Conceição, ensinara-lhe a louvar a claridade da hora em que nascem as auroras, e a abençoara lua e as estrellas, na hora merencorea, em que voltam as trocazes aos seus ninhos.

E diante de uma Virgem Auxiliadora, que um missionario deixara-lhe como lembrança da primeira communhão, Rosalia, atirava quando Maio floria, o ramilhete das boninas selvagens, e diante dessa mãe do ceu, derramara muitas vezes, essas lagrimas de angustia, que somente um regaço materno é digno de albergar.

Dava a gentil cabocla o ultimo tic, a um anel da sua preciosa cabelleira, quando ouviu os passos de um cavalleiro que se aproximava. Era o soberbo alazão do Laurindo, filho unico do rico proprietario d'aquellas terras e dono absoluto da alma e do coração, da menina.

(A Violeta 141: 9 e 10, de 31 de outubro de 1926)

Laurindo traz um enigmatico sorriso nos labios orgulhosos. Boleando elegantemente a perna revestida do impeccavel culotte caki e pernas vermelhas desce do cavallo, que ahi fica a procura de alguma delicada graminea.

- Boas, Rosalia. Demorei?

- Não, fez carinhosamente a jovem, escondendo o espelhinho. Aqui, Laurindo, e Rosalia mostrava-lhe, o logar mais prazenteiro do caramanchão.

Quem indiscretamente observasse os olhares d'aquellas duas mocidades notaria o doloroso contraste.

Um amor puro brilha nas pupilas de Rosalia. Crescem e se illuminam, quando Laurindo promette um futuro honrado e feliz. Mas quando o jovem falla em voltar á cidade, para terminar o seu curso de Direito, Rosalia não domina o pranto, como se a mão cruel de uma feiticeira, derramasse nas suas pupillas, o succo acre das plantas envenenadas.

Que importava a ella esse pedaço de papel, chamado diploma e adquirido a custa de mais um anno de ausencia?...

Para Laurindo, porem, aquelle amor de Rosalia não passa de uma nova aventura. Novella mentirosa escripta nas areias do Aricá, as primeiras chuvas de Dezembro, haviam de apaga-la. Triste comedia cujo ultimo acto seria a traição e o negro esquecimento. Que importava á Laurindo, que a sua barquinha baloiçasse um dia n'aquella tranquilla enseada, se quando soprassem os ventos das ambições, havia de nortear o leme para outras ilhas encantadas?...

Só as flores da verde madresilva, conhecem os segredos d'aquelle amor de um dia. Só a roxa parasita protesta pelo beijo traidor d'aquelle homem... Só o vento da tarde, vai chorando a negra felonía de Laurindo....

Só o fiel e prudente João de Barros, critica e zomba das loucas cegueiras de Rosalia.

O jovem Academico, fazendo-se mais serio, mostrou a menina uma carta de São Paulo. Sua mãe estava a morte, e precisava vel-a. Não podia deixa-la morrer, sem dar-lhe o ultimo abraço filial.

Uma punhalada não seria mais dolorosa para Rosalia. Um tremor invade-lhe o corpo e dos seus olhos espantados, brotam duas fontes de diamantes.

- Não chores meu bem, disse Laurindo, depositando naquella fronte morena um beijo respeitoso. Minha ausencia será breve. Sabes que te adoro e te pertenco, como esta flor pertence a esta orchidea.

Rosalia olhou para a roxa parasita. Arrancou-a com todo o cuidado. Beijou-a religiosamente e offerecendo-a a Laurindo diz entre soluços;

- *É a flor da saudade. Guarda-a. Suas pétalas lembrar-te-hão a sagrada promessa e o meu amor profundo que, só ha de morrer, quando Rosalia morra.*

- *Romantica! Disse o jovem academico. Para lembrar-me das tuas pupillas negras, não preciso dessa flor que cedo muchará.*

Amassou a bella parasita e abriu a cortina da frondosa madresilva para atirar bem longe a flor desfeita, symbolo então do seu amor meteorico, mas que podia tornar-se o ferrão de um remorso eterno.

Lançou porem um grito lacinante. Uma nuvem agoniosa passou-lhe pelos olhos. Dois coagulos obscuros de sangue negrejam na sua mão direita, e alli, horrivel, com a lingua bipartida de fora, dois olhinhos de crystal, a ponta do rabinho agitando-se como a ameaça de um azorrague e fazendo um rumor que tinha algo de zombeteira gargalhada e muito do sarcasmo da sorte, aparece a cascavel assassina e maldita.

Rosalia, numa reação magnifica de coragem e de amor feminino, atirou-se sobre Laurindo, segurou-lhe a mão direita entre os seus braços roliços, e com um impulso de generosidade christã, poz os seus labios vermelhos e humidos, sobre a nauseabunda ferida e chupou, chupou... Parecia uma criança faminta junto ao seio materno, um colibri volitante, junto á flor olorosa. Nunca o garimpeiro procurou diamantes com a sofreguidão de Rosalia, ao querer extrair o veneno fatal. E como Deus quis, mais enfraquecida ella pelo esforço e pelo aneio, do que Laurindo pelo toxico, arrastou o seu noivo até a fazenda.

E morreria naquella noite o elegante academico, se na fazenda do Aricá não achasse tres maravilhosos esculapios; Octacilio de Oliveira, com a sua purga de lagarto; a negra Conceição, com as suas benzeduras, e Rosalia com os seus cuidados, as suas lagrimas e suas preces á Auxiliadora dos Christãos.

Titaica foi a lucta com a morte. Laurindo ficou desfigurado. Chegou quasi a perder a vista. Uma altissima febre queimava-lhe o corpo todo, e os dedos amarrotados, mais pareciam garras de ferro, do que estremidades humanas.

Assim passavam os dias, assim passavam as noites. Os astros surgiam silenciosos no horizonte, descreviam suas orbitas misteriosas, e mudos se diluiam na claridade da aurora. As horas em lenta procissão funebre, tornaram-se insuportaveis. Octacilio exgotou a sua paciencia. A negra Conceição chegou a duvidar das suas thaumaturgas benzeduras. Somente Rosalia crê e espera, reza e trabalha, vigia e chora, e como se temesse que os negros presagios entrassem no quarto de Laurindo, não, abandona a sua cabeceira, ara do seu sublime holocausto.

Porque uma tarde, olhando-a muito profundamente, com um sorriso macabro que punha de manifesto seus raros, prolongados e mal seguros dentes, a Conceição dissera-lhe depois de apertar os labios flacidos, e traçar no espaço um largo gesto negativo:

- Menina, não acredite em promessas de rapaz...

Saberia alguma cousa a negra Conceição?

.

Mas Laurindo sarou.

- “Essa purga de lagarto não nega, disse o capataz. É um perigo pra sarar.”

- “Benzedura é que é”, disse a Conceição.

Rosalia attribuia o milagre ás suas lagrimas e ás suas preces fervorosas á Virgem Auxiliadora.

Só Laurindo continuava sceptico. Sarara porque sim. Não comprehendia como neste mundo de Deus, ainda houvesse tamanha ignorancia. Porque elle, quasi doutor, vivia emancipado de todas as religiões, completamente absorvido na adoração de si mesmo, eternamente de joelhos a queimar incenso no altar do proprio eu.

E apenas lho permittiram as forças, embarcou para Cuiabá, rumo a S. Paulo. Levava n'alma um mundo de illusões, que lhe absorviam a mentalidade.

Mas quando ao cahir das tardes scismarentas, surgia ao longe no immenso pantanal, o exercito alinhado dos carandzaes, e as garças meditavam melancolicamente junto ao rio, as lembranças saudosas do Aricá conquistavam o dominio.

(A Violeta 142: 9-11, de 25 de dezembro de 1926)

Revivia então os passeios ao caramanchão florido. Revia as graças silvestres de Rosalia, e mais do que tudo demorava-se com enlevo naquellas scenas de suprema dedicação.

Uma tarde, ja perto de Corumbá perguntou-se com espanto e humilhação, se elle talvez não estava apaixonado, por aquella patricia sertaneja. Não faltava mais nada!!...

- "Qual"; fez atirando ao rio, um resto de cigarro, vai casar com camarada, que idiotas não faltam no sertão."

· · · · ·
·

Laurindo está em S. Paulo. Passam-se os dias e elle nada de escrever.

O verde caramanchão ja não assiste aos colloquios amorosos, e um aspecto selvagem vai lhe carregando as tintas rusticas.

Um mez ja se foi. O calor de Agosto, queimou as pastagens de esmeralda.

As garças emigraram rumo aos pantanaes. O sol estua nas charnecas. As queimadas asfixiam o ambiente e Laurindo não escreve, e Rosalia espera inutilmente, por uma palavra de saudade. Passa horas inteiras contemplando o Aricá, como se o rio que lhe revelou sua belleza, algo pudesse revelar-lhe, do amado distante e silencioso.

Voltam as chuvas. Negros nubarrões dominam os horizontes. Nas noites eternas, o vento furibundo despedaça a ramaria. Faisca medonhamente o raio, ribomba o trovão, e pouco depois ouve-se o lento e doloroso cahir de algum gigante na matta. E quando amanhece, o tenue chovisco, parece um prolongado e amargurado pranto. Rosalia, sentada a beira do fogo, a cabeça entre as mãos, contempla aquellas chammas, como se ellas algo pudessem revelar-lhe, do amado distante e silencioso.

As aguas crescem. As bahias alagam. Voltam as garças brancas. Os camalotes navegam lentamente, com a sua eterna bandeira de tristeza. E Laurindo não escreve... Mas quando chega novamente a quadra dos ninhos e dos canticos, e a passarada

escandaliza o matto, e o matto atira sobre os seus membros nùs, um chale de flores, Octacilio de Oliveira, recebe um correio.

Abre a carta e soletrando-a vagorosamente fica sciente que Laurindo casou em S. Paulo e que deseja passar no Aricá a sua lua de mel. Dava ordem tambem, para que lhe arranjasse convenientemente a morada.

A alma orgulhosa de Rosalia, não suportou a revolta do seu sangue. Entrou chorando no seu quarto, e cahiu na rede, entregando-se aos mais loucos e absurdos devaneios. E quando a sua razão conseguia alguma pequenina vantagem sobre o seu sentimento exaltado, Rosalia se perguntava, mordendo o avental, porque Laurindo não se ficava em S. Paulo, com mulher, diploma e tudo, e porque havia de profanar esses logares, que foram teatro dos seus santos amores e das suas honestas promessas...

E com um estranho sorriso nos labios resequidos pela febre, correu até o caramanchão; arrancou alguns ramos da roxa parasita, e veio segura-la junto a branca janella do quarto de Laurindo. Voltou depois ao caramanchão, testemunha discreta de tantas horas felizes e de tantas doiradas esperanças e entregou-se a uma obra de inutil vandalismo. Cortou a madresilva, arrancou a trepadeira e pisou com orgulhosa crueldade os destroços daquelle aconchego querido.

- “Não, até alli Laurindo não chegaria. Esse logar era sagrado. Alli jurára um dia ser-lhe fiel, e alli dera-lhe a vida, na tarde daquelle ultimo encontro”.

Seguiu depois para o Aricá. Estava horrivel com aquella feição afeiada pelo odio e aquelles olhos esbugalhados e immoveis. Abeirou-se resolutamente do rio. João de Barros trabalhava na construção de um novo ninho. E cantava, cantava...

Ao outro dia, o velho Octacilio, depois de uma noite de angustias e apreensões, foi achar o cadaver de sua filha, descansando para sempre, sobre a areia do Aricá.

.

Fazia justamente tres mezes de casado naquella noite de Agosto em que Laurindo chegou á fazenda. E nesse breve lapso de tres mezes tivera a prova experimental, apodictica e inconcussa da sua infelicidade conjugal. Enganara-se... Sem ser elle mesmo um homem muito serio, já não suportava mais a requintada leviandade de D. Amelia, a sua flamante metade.

Aquella mulherzinha muito pintada, com poucas roupas no corpo, menos affectos n'alma e nenhum juizo na cabeça, trazia Laurindo num continuo supplicio. Essa noite esperou anciosamente a madrugada, para rever num mar de claridade, o scenario dos seus melhores dias. A sombra de Rosalia rondara-lhe o espirito. E quando os gallos amiudaram pela ultima vez, e a primeira linha de ouro e de sangue surgia no horizonte, Laurindo já estava na janella, respirando a grandes sorvos o oxigenio dos campos. Como tudo aquillo fallava de um passado immortal!... Uma saudade suavissima enterneceu-lhe o coração!..

- “Se Rosalia vivesse... Ella sabia o nome de todas aquellas plantas, e os segredos de todas aquellas flores. Se vivesse Rosalia... Nada faltava naquella fazenda, ah! mas como tudo estava mudado... Faltava Rosalia, faltava a harmonia de sua voz, faltava a luz dos seus olhares, faltava o sorriso da sua bocca pequenina, e mais do que tudo, faltava a sua alma, a sua intelligencia, a sua dedicação suprema...

(...)

drugador impenitente acertou a passar junto da janella de Laurindo.

- “Bons dias Dr. Dormiu bem?”

- “Obrigado seu Octacilio, Estava espiando a madrugada. Em S. Paulo não se veem estas coisas.

Octacilio cumprimiu os dentes para reter o pranto, e dissimulando não dar as suas palavras, maior importancia.

- “Dr. , disse. Já espiou essa parasita? Foi a Rosalia. E riu tristemente o velho. A menina dizia que o Dr. Gostava muito dessa flor.”

E sem esperar mais nada, Octacilio afastou-se. Tinha fallado demais. Lá na cozinha, deu larga margem ao pranto mais amargo.

Como estava amollecido o velho capataz! Desde a morte de Rosalia, seu coração de aroeira, tornara-se um palmito de manteiga...

Laurindo olhou espantado a bella parasita. Ahi! na sua janella, bem ao seu lado, a orchidea tropical, abria a sua corolla isomorfa, roxa como a veste de um prelado, tenra como as carnes de um recém-nascido, pontilhada de manchas pretas, como a consciencia de todo mortal. Seria uma vingança?

Do fundo da corolla, Rosalia olhava mansamente, e os labios da flor diziam bem baixinho e num tom de infinita saudade;

Sim, Laurindo, Sou eu...

O amor é como a arvore, nutre-se de si mesmo, lança profundas raizes em todo o nosso ser, e e contima sempre reverdecendo sobre um coração em ruinas.

Victor Hugo

(A Violeta 143: 6 e 7, de 30 de janeiro de 1927)

Noticiario

Patria e Bilac

Ainda resoa agradavelmente aos nossos ouvidos a bellissima conferencia que, sobre este patriotico thema, a nossa talentosa patricia D. Andradina de Oliveira realisou a 20 do corrente, perante numerosa e selecta assistencia, no cine Parisien.

Às 21 horas precisamente surgiu na tela o retrato do grande e immortal Bilac, que foi saudado com uma vibrante salva de palmas.

Um grupo de gentis meninas cantou inequivocamente o hymno á bandeira, que foi ouvido religiosamente em pè pelo auditorio.

A seguir, a notavel conferenciada, iniciou a sua importante conferencia, que foi feita perante a nossa bandeira, e durante quasi 2 horas prendeu a attenção geral.

Não cabe nos estreitos limites destas columnas uma reprodução fiel de tudo o que ouvimos, apenas citaremos os principais topicos della.

1º Descreve se a belleza do pavilhão nacional.

2º a emoção que se sente vendo-o tremular em terra estranha.

3º Descreve-se ou define o que é a patria: lar, terra, céo, historia, lendas, tradições, reliquias, arte, sciencias, lingua, etc.

4º Diz do estado precario do Brazil ante o monstruoso conflicto européo, com milhões de analphabetos, sem escolas profissionaes e de educação moral e physica.

5º Falla do levantamento herculeo de Bilac em pról da portentosa patria e da sua fé immensa.

Relembra os seus serviços prestados a patria combatendo o analphabetismo, a escravidão, propagando a Republica, trabalhando pela educação de infancia pelo desenvolvimento physico da raça brazileira e se tornando um dos mais arodoros architectos da litteratura portugueza.

6º Innumera os males que cahiram sobre a nossa patria e que são os mesmos que esmagaram outras, correndo outros organismos sociaes e descreve toda a grandeza da patria augusta, a maravilhosa natureza brazileira: a Bahia da Guanabara, o Amazonas, o Paraná, o Paraguay, o mar, as cataractas, as montanhas, as ilhas, o pampa, a flora estupenda, as florestas inegalaveis, a fauna riquissima, em fim a pedraria preciosa dos escriptorios patrios.

Orgulha-se da natureza brazileira e sente como Bilac a grandeza da patria, e convencida, como elle, de que o Brazil é a terra mais esplendorosa, vem com a historia desde as caravellas de Cabral até o governo de Epitacio Pessoa.

7º Falla do apello sublime do poeta á mocidade brazileira salienta os beneficios da caserna moderna, remodelada, saneada, orientada.

8º Conta do entusiasmo da ocidade, acudindo ao apello do vate, atravessando a caserna, cantando os hymnos, vestindo a nobre farda de soldados. Diz da nova vitalidade reanimando o povo brazileiro. Falla das linhas de Tiro, dos batalhões de escoteiros, da Liga da Defesa Nacional, da campanha cerrada contra o analphabetismo, da criação das escolas profissionaes; das ligas "prò saneamento" do território brazileiro, das sociedades sportivas para o vigor da raça. Diz da acção do Ministerio da Agricultura impulsionando a lavoura, creando escolas agricolas, fundando colonias nacionaes, encaminhando a juventude desvalida para os patronatos agricolas.

Refere-se a acção dos Estados brasileiros secundando a obra magistral de Bilac, do entusiasmo da mulher brasileira, acudindo ao gesto patriótico do poeta.

Falla de Ruy no centenario de Tucuman deslumbrando com o seu verbo patente a Argentina e assombrando o mundo com a sua maravilhosa oração a maior e mais soberba do seculo XX.

Termina concitando os brasileiros a se unirem, a trabalharem pela patria tendo, como um estimulo perenne a obra magistral do poeta.

Fecha conferencia com um apello ás mães brasileiras para que eduquem esmeradamente seus filhos, para que o caracter nacional não agonise de novo.

Eis em ligeiros traços o que foi a patriótica conferencia da festejada patricia no dia 20 do corrente.

Esta redacção agradece-lhe penhorada a gentileza do convite e formula sinceros votos de constantes triumphos.

(A Violeta 57: 9 e 10, de 24 de setembro de 1919)

Impressões de Viagem

Lizeron

Minha querida Alzira.

Como as andorinhas que ao verem chegar o verão voltam saudosas em busca de seus ninhos, também eu, minha querida, após quatro mezes de incessante folga nessa bella capital carioca, volto em busca do meu lar querido, onde me esperam abraços e beijos dos meus manos e as doces caricias de meus paes.

Ha meia hora, ja, que deixei o borburinho da cidade e, máo grado meu, tenho ainda minh'alma a vagar pelos logares que mais vivas recordações me deixaram. Ora ella voa á decantada praia do Leme, a fazer montões de areia por detraz dos quaes muitas vezes me entrincheirei, para escapar ás descargas de areia que me atiravam as companheiras; ora ella celere voa á poetica Tijuca, onde se queda a scismar nos reflexos polychromos do sol, nas águas da cascatinha.

E, para me escapar a estas chiméras vans que me perseguem é que te escolhi para minha confidente, bôa amiguinha, certa de que melhor escolha não poderia fazer.

Confiante na tua discricção, é que deixo transparecer nestas poucas linhas, toda a saudade que de minh'alma começa a transbordar.

E aproveitando ainda da sua correspondencia, passo a te contar algumas das minhas impressões do Rio á bella Paulicéia.

...

Estamos em pleno campo! Sopra uma viração que a todos delicia. Um cheiro de folhas humidas também se faz sentir.

Todos os passageiros debruçam-se ás janelinhas dos carros, para gosarem do bello panorama que se descortina ás nossas vistas. Nem tú imaginas quantas bellezas há em tudo isto, bôa amiguinha!

Agora o alegre borborinho das estações; meia hora depois, estamos novamente em meio das verdejantes campinas, ora contemplando o arroio que desliza brandamente, ora admirando a magestosa belleza dum horizonte sem mancha que me extasia! E o comboio, sempre bufando, desliza, colleando através das mattas, como uma sucury gigante.

(...)

Uma fila de casas fartamente illuminada já passou, outra mais... mais outra... já se vê o relógio da torre!...

Eis-me em S. Paulo! Adeus Alzira, muitas caricias e beijos te envia a Lizeron.

(A Violeta 10: 4 e 5, de 30 de abril de 1917)

Cuiabaninha

(A.)

*No silencio que envolve a tarde chic
Só se escuta o mavioso tique-tique
De um sapatinho breve,
Que de leve
Pisa a Avenida...*

*E a figurinha debil de boneca passa,
Esbelta e esgalga,
De elegancia fidalga.
De uma pluma que esvoaça...*

*Do crepusculo roseo de sua face
Há cores que o Astro-Rei desejaria
Reproduzir na hora da Ave-Maria,
Antes que se ocultasse
Na orla verde do mar, enlanguecida.*

*De cada lado do seu rosto
Uma beleza se retorce,
E voluptuosa se contorce,
Figurando a inversão
De um raro ponto de interrogação
Muito bem posto.*

*E a moreninha é tão bonita,
Original, tão “não sei como”,
Que tudo palpita
Quando ela passa!*

*Se a visse Paris tão bem vestida,
Na Avenida,
Á Vênus ... não dava o pomo.*

*Ao lado meu, em frente ao Pathé,
Os ALMOFADINHAS insolentes
Enrstavam o olhar por traz das lentes,
Boquiabriam-se até,
Conquistados logo pelas graças helenicas
Dessa moça desconhecida
Que fazia Avenida.*

*Mas, meu Deus. Essa moça é Fulaninha
Tua amiguinha,
- Sussurra-me em surdina o coração,
Saltando de emoção...*

'E é verdade!', vendo-a meus olhos falam...
Os almofadas todos se calam
Porque a moça me avistou
Entre a turba elegante,
E parou um instante
Para falar commigo...

Um moço meu amigo,
Que alli tambem estava,
E que esta scena toda apreciava,
Então me perguntou
Quem era a senhorinha.

E eu, mostrando a meiga figurinha,
Que levemnte se afastava,
Disse orgulhoso, cô'a vóz ufana:
É cuiabaninha...

Rio, Julho de 1924.

(A Violeta 125: 4 e 5, de 30 de maio de 1925)

Conto de Mary

Como garças em repouso alvejavam sobre o coradouro nessa clara manhã de Dezembro as peças de roupa que Mercedes na agilidade gracil dos dezessete annos ia pouco a pouco ensaboando.

Madrugadora habitual não se deixaria vencer pela caricia macia dos lençóes, não porque fosse inacessivel á lassidão que essas manhãs tropicaes sabem communicar aos nossos memvros, mas porque acima das sensações sybaritas de conforto e bem estar, nella pairava bem alto o sentimento do dever.

_ Lá na casinha, mamãe preparava o café, enquanto no quarto, solitario e enfermo, papae maguadamente recordava seu perdido vogor quando, por manhãs lavadas como esta, sahia com os seus apetrechos de pintor em busca do contacto vivo com a natureza, que elle emotivamente comprehendia e magistralmente na tela interpretava.

Não, como ficar sonhadora e indifferente quando a dor e a miseria battiam a porta do seu lar ainda há pouco risonho e feliz?!

Filha única, fetiche dos seus, tivera educação superior á commumente dada ás moças do seu meio.

Crescera internada num collegio de freiras em Assumpção do Paraguay, acto que muitos motejos provocara contra os seus paes – “não fosse o louco Antonio Joaquim querer filha doutora”. –

Mercedes há dous annos voltara instruida e habil, educada e bôa, a rever sua familia extremecida, seu lar, canto por canto lembrado, seus amigos e comparsas nos folguedos infantis, sua amada e linda Corumbá.

...

Tudo acolhera-a festivamente à volta e, um anno todo se passara realizando fielmente a vida placida e feliz que idealizara por vezes ao entardecer melancolico no Convento.

Nessas sobretardes magnificas em que a palheta magistral do sol tinge de purpura, laranja e violeta as nuvens magestosas e erradias, e, de gradação em gradação, vae tocando de cinza a augusta hora vesperal; nesses momentos de silencio e paz a alma busca a Deus e em corollario vibra sob as emoções santas e verdadeiras.

Assim, Mercedes invadida da misteriosa e singular doçura que o angelus e o diliculo da tarde lhe proporcionavam, deixava o coração pulsar saudoso pelos entes que lá longe, tocados pela mesma onda mystica tambem nella pensavam...

_ Esse anno passara-se! Mas! Perguntava-se a miudo a jovem:

Seria sempre assim?

Conhecendo tão pouco o mundo, Mercedes adivinhava porem as decepções e os desenganos que elle guarda e temia o futuro, qual se elle fôra monstruosa mão abatendo-se sobre a sua cabeça gentil e sonhadora.

Natureza vibratil, alma avida de luz, Mercedes encontrara entre as piedosas Freiras o ambiente natural e propicio ao seu desenvolvimento moral e espiritual, tornando-se o escriptorio de bellas virtudes e de nobrezas raras...

_ Seria sempre assim?...

Sua mãe, a suave D. Emilia, chofrando a essa dôr soube encontrar na ardente crença religiosa o filão inexgotavel de fé, resignação e esperança que a amparou contra tão rude attrito.

E ella, a linda flôr corumbaense, a Mercedes pensativa, acceitara estoicamente a situação.

Sem lagrimas, sem lamentos, atirou-se corajosamente ao trabalho – Não tivera o seu amado pae, presciencia do futuro quando a fizera instruir-se?

– Nada estava perdido desde que alli se achava ella, para com o seu labor manter aquelle lar já agora entristecido e pobre!

Tornou-se professora de musica, bordados e disciplinas e achava ainda tempo, após as lides domesticas, para ler e coser as roupas caseiras.

...

– Corriam os ultimos dias do anno de 1864. Era o amanhecer de 28 de Dezembro aquelle em que Mercedes ia pouco a pouco marchetando o coradouro de peças alvas que brilhavam num tom azulino ao ouro do sol nascente.

Repentinamente o sino da igrejinha poz-se a vibrar em rebate assustador; ao mesmo tempo que um movimento desusado começou pelas ruas àquella hora matinal: pessoas passavam apressada, janellas e portas se abriam com estrepito, vozes em diapasões diversos eram sublinhadas de exclamações de espanto e angustia.

D. Leocadia, a visinha da frente, entrara a correr e num só fôlego, com a voz alterada foi gritando:

- Emilia, Mercedes, que desgraça!

O Jaurúacaba de ancorar e traz a alrmante noticia de que os paraguayos, em duas possantes collunas, invadiram o nosso territorio e em marchas forçadas se dirigem para cá.

Que há de ser de nós, Virgem Santissima – dizia a pobre suffocada – como poderemos supportar a invasão?...

Um gemido angustioso e forte partiu do quarto fronteiro onde Antonio Joaquim, na acuidade propria dos invalidos, tudo acabara de ouvir.

Correm assustadas mãe e filha encontrando o enfermo convulsionado: as feições contrahidas, o olhar vitreo e feroz.

Uma febre cerebral começara a lavrar aquella organização combalida e uma nova rajada vem, na furia selvagem do aniquillamento, varrer a ultima provisão de energia e fé, lentamente accumuladas pelas duas creaturas, já como que habituadas á triste situação.

Desta vez um duplo golpe: aggravava-se de momento a momento o estado do paralytico e de momento a momento approximava-se a horda invasora dos asseclas de Solano Lopes.

...

Ordenado o abandono de Corumbá ao inimigo, começou a retirada precipitada e memoravel.

O panico contagiando aquella população ordeira e pacifica, deu lugar a tropelias e alvoroços entre os que, no instincto de conservação, preparavam a fuga sem

esquecer os seus haveres que procuravam acobertar do estrangeiro oppressor, abrindo e cavando os mais difficeis esconderijos.

Poucos, bem poucos dos habitantes não deixaram a villa. Entre esses Mercedes e sua mãe por força das circunstancias, pois _ como deixarem-n'a levando o doente n'aquelle estado?! _ tinham que assistir inermes e horrorizadas ás scenas brutaes do saque e da depredação...

Na umbrosidade d'aquella tragedia sente Mercedes quazi sossobrar-lhe o animo spartano, mas num esforço, que era um supremo arranço de energia, conseguiu fazer-se mais serena. Procurando tomar as providencias que a situação urgentemente requeria, conseguiu entre os retirantes pequena provisão de remedios e viveres para os dias negros que approximavam.

Em tres dias consummou-se a deserção e Corumbá apresentava o lugubre aspecto das cidades mortas. Nesse ambiente de solidão e tristeza Mercedes sentia o coração abrir-se ás reminiscencias felizes de um passado ainda proximo mas paradoxalmente longinquo pelo abysmo que a guerra viera interpôr.

Foi em Bella Vista, numa festa militar em honra do Gal. Mitre que ella o conhecera.

Achava-se a passeio com os paes na villa homonyma do lado brasileiro quando, a convite do Comte. do Destacamento paraguayoy, foram assistir à referida festa.

Foi alli que conhecera o Tte. Cordoba, aquelle que já considerava seu noivo, visto haver para isso a promessa d'elle e a acquiescencia dos seus paes, que viam na união desse par, uma esperança de ventura para todos elles.

Mas, a guerra, essa infernal criação da ambição e do egoismo, estalando entre os dous povos vinha ferir em cheio aquelle alcandorado sonho de amor.

Já muitas vezes provada pela dor, Mercedes mais uma vez cedia seus angelicos direitos á força do destino.

Faria a renuncia desse amor.

Tambem, nada mais esperando ou querendo do mundo, procuraria na paz do Claustro a felicidade que embalde buscara...

O sol desaparecia tristonho naquella tarde de 2 de janeiro de 1865.

As forças paraguayas por agua e terra em numero de oito mil homens adestrados e aguerridos, tinham como um vendaval, desencadeado o terror, o lucto e a miseria entre as populações fronteiriças.

Na sua marcha invasora, as barreiras que Porto Carrero e Antonio João lhes oppuzeram, de uma grandeza moral imperecivel, materialmente nada podiam contra o impeto com que se arrancavam.

Na villa, até a pouco silenciosa e morta, um chacoalhar de armas, passos, vozerios, denunciaram a entrada do inimigo.

Por toda parte a soldadesca desenfreada, constatado o abandono, se atirava aos actos degradantes do saque e da pilhagem.

Antonio Joaquim, no seu quarto, onde o silencio só era interrompido pelo pranto manso das duas mulheres rendia sua alma ao Creador e ia sem lembrar-se que deixava aquelles dois entes queridos, sós, immensamente abandonados, no ambiente extranho que a guerra creara alli em Corumbá.

A magestade d'aquelle quadro de dôr suffocava os impetos de cobiça e capacidade de alguns soldados que na casa entravam e, as duas mulheres abysmadas na grande magua, nem se apercebiam do que em roda se passava.

O Tte. Cordoba, como todo o enamorado, quis sentir a presença invisível de Mercedes, ao menos olhando a casa em habitara, pois julgava-a então a salvo de qualquer emergencia.

Encontrando a casa aberta entrara, não sem um estremecimento, e..... não se descreve o espanto, a aflição, a agonia que o assaltaram antre o tragico espetaculo. Sem poder siquer fazer um gesto, pallido e mudo, estacou-se ante o portal do quarto funebre...

Transcorreram-se minutos como seculos até que Mercedes levantando a cabeça encontrou o seu olhar.

Sem reflectir, vendo diante de si o ser amado, no momento em que mais necessitava de carinho, consolo e protecção, correu ao seu encontro e buscou amparo entre os seus braços.

Momento fugaz, hiato passageiro da sua memoria. Ao mesmo instante veio-lhe á mente a lembrança que diante de si se achava um inimigo da sua patria, e, afastando-se, e encarando-o tristemente, disse-lhe, sem emphase:

- Vê o senhor que tudo foi destruido . Aparte as suas vistas deste infortunio e não queira macular com a sua presença a santidade desse logar.

- Mas, como, querida Mercedes! Agora mais do que nunca precisas do meu apoio. É necessario salvaguardar a tua pureza e a tua innocencia. Dá-me o direito que tanto anhélo e que o bom Deus mesmo quer santificar guiando os meus passos a este logar. Vou chamar o senhor Cura e elle dir-te-á se existe crime diante de Deus na união que te proponho.

E apressado, temendo que com os minutos voassem as suas gratas esperanças, foi o Tte. procurar o sacerdote que immediatamente o acompanhou.

Ouviu Mercedes em confissão e depois alçando ao ceu seu doce olhar cheio das graças divinas, assim fallou:

Minha filha! a verdadeira patria não tem fronteiras. Ella irmana e iguala todos os homens. É a patria celeste, a unica verdadeira, porque na sua formação não cooperaram os vis instinctos dos homens mas, os santos e verdadeiros principios de Deus. Aceita a solução que se te apresenta, crendo que ella é dimanada da Divina Sabedoria que vem afinal pôr cobro às tuas maguas e soffrimentos.

Emquanto assim fallava o bom sacerdote, D. Emilia mansamente approximara-se e viéra collocar nas mãos do noivo as mãos da filha.

Do seu ataude o rosto do morto parecia sorrir...

(A Violeta 140, sp., de 24 de dezembro de 1926)

A Retomada de Corumbá

Magnolia

O Dictador paraguayo Francisco Solano Lopes, n'um sonho de ambição, tentou apoderar-se do Brasil, para melhor estender os seus dominios por todos os paizes da America do Sul.

Nação ainda nova, poderosa mais pelo genio de seus filhos do que pela força das suas armas, o Brasil não estava preparado para a lucta.

Mas, a nossa patria, governada por um monarcha sabio e justo não podia passar despercebida a affronta lançada pelo Dictador e que veio offender os nossos brios de povo civilisado.

O Brasil que, quando colonia, soube resistir aos ataques dos hollandezes vencendo-os n'aquella guerra terrivel que por espaço de 37 annos talou seus campos ainda virgens; patria de Phellipe dos Santos e de Tiradentes que pela liberdade não hesitaram mesmo diante do sacrificio supremo da vida, e de José Bonifácio que, graças á luz fulgurante do seu talento, soube trabalhar para quebrar a cadeia que nos prendia á Metropole, terra que serviu de berço a tantos martyres e onde viram a luz do dia de tantos gentios, patria emfim de um povo livre e independente, não podia tolerar o egoismo de um homem como Solano Lopes.

E era a esse mesmo povo, que nunca supportou as injurias dos estrangeiros ou o jugo dos potentados, que o Dictador atirára a affronta, prendendo, nas aguas do Rio Paraguay, um navio brasileiro, encarcerando seus passageiros e fazendo invadir pelas suas tropas, duas provincias do Imperio.

Era a esse monarcha mais pae do que Soberano que competia lavar com o sangue dos seus irmãos, a nodoa que maculava a bandeira auri-verde da nossa terra.

Não era occasião de lucta.

O bom monarcha, mais literatto do que guerreiro, procurava ellevar, pela sua illustração, a nação que era sua patria e que tão sabiamente dirigia.

Na rutila constellação de escriptores patricios, brilhavam verdadeiros genios, que transpondo o limite dos oceanos, iam reflectir as suas luzes no seio das sociedades litterarias da Europa culta.

Em compensação, o exercito brasileiro era insufficiente para conter as aguerridas e disciplinadas tropas do inimigo: além disso, luctas internas tinham se extinguido havia pouco, graças á bravura do Duque de Caxias.

Mas, não faltava ao brasileiro coragem para a lucta; não havia exercito o sufficiente, havia em compensação bravura, lealdade e heroismo.

Cada um d'aquelles recrutas, tirados do seio dos sertões de onde nunca haviam sahido, valia mais do que um soldado do Dictador; o soldado guerreava por ambição e por fanatismo pelo chefe; o recruta na ignorancia do seu viver rude, sabia que defendia a terra que era sua patria pelo nascimento e pelo coração, porque era o solo que o seu arado rasgava, o seu suor fertilizava e a benção dos seus paes santificava.

Defender a patria ameaçada era livrar o lar sacro santo onde viviam a esposa amada e os filhinhos queridos, defendel-os era uma necessidade.

Aquelles que vencessem, trariam ao lar, a palma da victoria, os que morressem levariam como ultimo suspiro, a certeza de terem cumprido um dever.

E o Brasil, após cinco annos de luctas, soube erguer-se triumphante e altivo sobre os escombros da guerra mostrando ao mundo inteiro que a bravura dos seus filhos o salvara da marcha de nação vencida.

....

A provincia de Matto-Grosso, separada da Côrte pela dificuldade das vias de comunicação, começara emfim a progredir.

Estabelecida a navegação do Paraguay e seus affluentes o commercio tomou novo incremento, e pelas margens verdes dos rios, começaram a se elevar as habitações onde o trabalho activo dava conforto e paz.

Entretanto foi Matto-Grosso escolhido como ponto de partida dos desvarios do Dictador.

Nos calabouços de Humaytá gemia qual criminoso, o Coronel Carneiro de Campos nomeado presidente de Provincia, e preso, a bordo do vapor “Marquez de Olinda”, antes de nenhuma declaração de guerra.

A 14 de Dezembro de 1864, partiram da Republica do Paraguay, duas forças poderosas.

Uma, sahida de Assumpção, compunha-se de 3200 homens sob as ordens do General Vicente Barrios, devia atacar o Forte de Coimbra e apoderar-se de Corumbá.

A essa competia a invasão fluvial.

Outra, de 5000 homens, ao mando do Coronel Resquim, sahiu da Villa da Concepcion e transpondo a fronteira do Apa devia aquartellar-se em Miranda.

Nenhuma resistencia seria podia offerecer-se aos invasores.

A 27 de Dezembro recebeu a reduzida guarnição do Forte os primeiros ataques dos inimigos. O Coronel Porto Carrero que commandava a guarnição, fez prodigios de heroismo.

Ao seu lado animando-o na lucta, luctando mesmo com a abnegação do heroismo, estava a esposa, despresando o perigo, encorajando os soldados, fabricando com o auxilio das suas roupas e com a de seus filhos, os cartuchos que repelliam os invasores.

Mas a resistencia por mais tempo era impossivel; e na noite de 28 de Dezembro, quando no espaço infinito do ceo começavam a brilhar as primeiras estrellas, o Coronel Porto Carrero, reunindo os companheiros d'aquella epopea, retirou-se silenciosamente abandonando o Forte.

Enquanto o Anhambay sulcava as aguas calmas do Paraguay, o bravo militar, ao lado dos seus irmãos de armas, baptisados como elle pelo sacrificio, devia levar n'alma a grata satisfação de ter cumprido o seu dever, de ter defendido com abnegação o posto que lhe fora confiado.

Desembarcados por completo, os paraguayos, a 03 de Janeiro de 1865, apoderaram-se da villa de Corumbá.

Poucos eram os habitantes que restavam na villa; a maior parte tinha fugido em igarités, fugindo da opressão da soldadesca invasora.

Ás familias restantes fez o general Barrios sofrer os mais dolorosos castigos. Aprisionando os homens, fazia uma tyrania, em todo caso desculpavel visto se tratar de guerra; mas escravizando as mulheres, enviando as creanças de presente aos influentes da Republica Paraguaya, o General Barrios revelou-se mais monstro do que homem.

Essa opressão durou quasi tres annos.

A 2 de Fevereiro de 1867, chegou do Rio de Janeiro por via terrestre o Dr. José Vieira de Couto Magalhães nomeado Presidente da Provincia.

Este novo Presidente, veio com a missão de organizar um batalhão de voluntarios para a defesa da Provincia.

Organizado um contingente, foi o seu commando confiado a Antonio Maria Coêlho que immediatamente se offereceu para atacar a praça de Corumbá e libertal-a do jugo dos invasores.

A 15 de Maio foi Antonio Maria Coêlho nomeado Tenente Coronel em commissão, seguindo logo para Corumbá.

Grande era o entusiasmo que reinava no acampamento.

Pelas aguas calmas e tranquillias do rio as canôas deslisavam, levando aquelles homens que iam se atirar a lucta, cujos resultados a ninguem era dado prever. Mas, iam bater-se pela liberdade da terra natal; - essa esperança os animava.

Desembarcando a 12 de Junho ás 6 horas da tarde, com muita precaução, combinaram o ataque para o dia 13 ás duas horas da tarde. Renhido foi o combate que durou quatro horas.

A victoria foi favoravel as nossas armas.

Tinha terminado o supplicio que os paraguayos inflingiram aos nossos irmãos.

O inimigo fugiu apavorado pelas mattas deixando na villa 27 prisioneiros.

As nossas armas tiveram de lamentar a perda do Capitão Cunha e Cruz, do sargento Manoel Antonio do Pinho e de seis praças, ficando feridos 20 soldados e o Alferes Fellipe Cuiabano.

A 24 de Junho chegaram a Corumbá os socorros necessarios, trazidos pelo 2º Batalhão de Voluntarios sob o commando do Major Costa.

Só foram encontrados na villa mulheres e creanças porque os homens foram fuzilados por ordem de Barrios.

A esses bravos que ainda vivem, a esses heroes de 13 de Junho, rendamos um preito de homenagem sincera.

No tumulto que encerra os frios restos d'aquelles que já evolaram para a eterna mansão, depositemos as flôres colhidas nos nossos corações, flores que levam nas petalas coloridas e perfumadas o rocio das lagrimas da nossa gratidão e da nossa profunda veneração.

(A Violeta 12: 3 a 5, de 15 de junho de 1917)

Chronica

Arinapi

O Brazil, do Amazonas ao Prata, está em festas!

É hoje a data centenaria de quando passou a figurar Nação livre a terra que Cabral descobrira.

No Rio, na bella cidade que o Guanabara banha, as harmonias dessa terra encantadora casam-se hoje com aquellas que a civilisação nos trouxe, fazendo-a digna cidade, para receber tão illustres hospedes, como os que, actualmente, vizitam a Capital brazileira.

S. Paulo, Estado que feliz recebeu o brado da Independencia, não menos festivo, reveste-se de galas que, como as do Rio podem ser soberbas, filhas que são da civilisação hodierna.

Matto-Grosso, não como os outros Estados da União, onde o desenvolvimento industrial, actor primo do progresso, é menor, tambem festivo, reúne os seus elementos essenciaes para commemorar a grande data.

As notas melodiosas dos hymnos, os harpejos sonoros dos violinos, a voz plangente da flauta, tudo está a attestar que a civilisação, si bem que não conseguiu formar um Carlos Gomes, mas tambem encontra em Matto-Grosso verdadeiros adeptos.

E materialmente fallando, volvamos os nossos pensamentos a esse seculo que se passou com o tempo e vemos, penetrando as mattas de leste, arrojados viajores – qual se pratica ainda nestes invios sertões de nossa terra – cansados sob o sol tropical da estação quente, não tendo como abrigar-se de chuvas que são nessa época abundantes, vencendo legoas e legoas, vadeando rios, afrontando perigos, até que, depois de mais de quatro mezes aqui chegaram com a grata nova da Independencia.

Hoje, graças á tenacidade incomparavel de abnegados filhos da grande patria, do mais humilde soldado ou operario até o General Rondon, muitos dos quaes no campo da lucta succumbiram, temos uma linha telegraphica que nos põe em rapida communicação com os outros centros mais civilisados.

Não houvera outro motivo para nos orgulharmos, esse só bastava, esse só seria sufficiente para nos considerarmos felizes e acompanharmos o Brazil em sua alegria, nesta data festiva.

O que era a antiga capitania, de soberbas mattas colossaes e ricas pastagens, e o que é Matto-Grosso de então com o seu Sul sempre florescente, não direi eu e sim todos os que conhecem o rapido progresso que advem da creação da linha ferrea, Itapura – Corumbá.

Mas, enquanto o Sul marcha a passos largos, Cuiabá, maximé quando a secca diminue e as aguas do rio que a banha, retardando as viagens fluviaes, Cuiabá tem a vida cada vez mais ameaçada de uma morte lenta, qual Villa Bella, a primeira capital mattogrossense.

Precisamos luctar!

.....

Queiras Brazil, patria querida, receber da mulher mattogrossense, por intermedio de uma das mais humildes filhas deste Estado, os votos que fazemos pela tua sempre crescente prosperidade.

Eu te saúdo na pessoa de José Bonifacio de Andrade e Silva, eu te saúdo na memoria immortal dos martyres da tua independencia!

Eu te saúdo na pessoa de Pedro I que, mesmo sob os perigos de uma politica para elle incerta, com o seu brado “Independencia ou Morte” quis salvar a nossa patria de um qualquer aventureiro.

Emfim te saúdo na memoria veneranda do nosso segundo imperador, muito moço, dizendo energicamente a quem lhe dizia da resolução da Constituinte que declarou a sua maioria – “quero já”, que foi como se dissesse – sou moço mas a minha patria de mim precisa! E mais tarde, bem velho, sem uma queixa sinão as saudades, porque via por certo naquele seu modo de proceder a salvação da patria.

.....

A ti tambem Cuiabá, berço meu natal, pela coparticipação que tens da alegria nacional nesta data centenaria e festiva, tambem os nossos votos de franco progresso afim de te levatares deste moroso entorpecimento em que vives,

(A Violeta 97: 1-3, de 07 de setembro de 1922)

13 de Maio

Genir

A data que entusiasticamente commemoramos, faz vibrar de uma maneira a mais sublime, fibra por fibra dos nossos corações propensos para a grandeza e para a gloria, porque nella sorriu fagueira e voluptuosa, colorindo triumphalmente toda a natura de rosas e verdores e empregando-se dos mais actrios perfumes, a aurora rutila, a sonhada aurora da liberdade para uma raça escravizada e oprimida.

A liberdade, esse pharol radiante e adorado, essa sublime pedra de toque que nos permite reconhecer o grao de civilização de um povo surgiu a treze de Maio para os filhos das africanas regiões como surgia para o brasileiro com todo o seu esplendor o sete de setembro de 1822.

O século dezenove foi o seculo das liberdades, e por conseguinte foi muito bem chamado o seculo das luzes.

Estavamos já em pleno seculo dezenove, a campanha abolicionista já tinha começado, dois milhões de victimas da deshumana escravidão ainda gemiam plangentemente sob o jugo nefasto de senhorios despotas.

Actuava ainda no espirito dos povos aquelle regimen barbaro que permittia ao homem tolher a liberdade e a auctoridade do homem, dando ao senhor o direito de vida e da venda ou morte sobre os seus escravos.

É horripilante caros leitores, é horripilante o desvendar da téla que nos pinta os horrores e os martyrios da escravidão nas suas côres naturaes!...

Eu quizera para mostrar-vos o quanto é sublime o treze de Maio, relatar-vos aqui os supplicios por que passaram os negros e que resumiu brilhantemente nestes versos, o magestoso e sentimental poéta dos escravos:

*“Senhores! Basta a desgraça
De não Ter patria nem lar
De ter honra e ser vendida
De ter alma e nunca amar!
Hoje em meu sangue a America se nutre.
Condor que transformara-se em abutre.
Ave da escravidão!”*

Eis amaveis leitores, as vozes angustiadas e ao mesmo tempo ameaçadoras que das plagas africanas o siroko trazia aos nossos ouvidos.

O sentimento de ser a ultima nação em que dominava a escravatura desenvolveu-se de uma maneira assustadora desde os principios do anno de 1879.

O ensino superior, inffluindo no espirito dos jovens, produzia os mais lisonjeiros fructos, e abriu um horisonte luminoso aos velhos.

A magistratura empregava todo o seu ardor, e o pulpito além de não ser mudo nem indifferente era incançavel.

Não poderei fallar sobre as consequencias do abolicionismo sem primeiro invocar a figura empolgante de André Rebouças, que consoante as palavras imparciaes que Joaquim Nabuco deixou no livro de sua formação, não brilhou no seu tempo no maximo do seu fulgor, porque a distancia em que elle se destacava era muito mais consideravel que a dos outros.

Todo o estudo, todas as pesquisas, todos os esforços empregados por André Rebouças, só traduziam a emancipação dos escravos, o mais sublime e o único seu ideal.

Ao lado deste no pantheon formoso da libertação da escravatura, figuram com esplendor raras vezes atingidos os vultos épicos de José Patrocínio, o primeiro patriarca do abolicionismo, que representa o espirito revolucionario, Antonio Prado e João Alfredo trabalhando de braços dados com José do Patrocínio fizeram com que a campanha abolicionista não degenerasse em uma guerra encarnecida de raça contra raça, ou de duas facções politicas; pois fomentavam nesse tempo o elemento conservador e o elemento liberal.

O exercito agitava-se: a imprensa propagava a idéa do abolicionismo, e o movimento começava com o pronunciamento de Jeronymo Sodré na camara em 1879.

Izabel, a augusta princeza vendo que as mais potentes forças actuando no mesmo sentido dariam a liberdade como resultante, e mais ainda tendo a chamma do patriotismo a escaldar-lhe o coração generoso, febriciante de emoção sancionou a lei do abolicionismo nas sorridentes plagas illuminadas profusamente pelo clarão do cruzeiro do sul.

Não havia mais senhores, não havia mais escravos.

Foi isto a treze de Maio de 1888, após uma rosea alvorada que foi saudada pela harmoniosa musica dos alados cantores, e pelos delirantes gritos e hosannas da negrada redimida.

Hontem, tristes, sem lar e sem patria esperavam a qualquer momento estalarem nas doloridas costas, os tostados rebenques do severo senhorio; hoje, por entre os sorrisos e cantarolar insanno demandam frementes às sonhadas paragens acariciadas pelos ardentes sopros do siroko devastador.

Salve 13 de Maio!

(A Violeta 11: sp., de 22 de maio de 1917)

A Primeira Missa

Magnolia

Quando o interior do Brasil foi desvendado aos olhos maravilhados do mundo pela bravura dos paulistas ousados e emprehendedores e que as primeiras povoações surgiram no meio das florestas virgens, em cada um d'aquelles agrupamentos de lares civilizados, erguia-se uma capellinha e do seu campanario branco a voz alegre de um sino no seu bimbalar sonoro falava aos dos crentes e á voz mysteriosa da selva fecunda annunciando as horas consagradas ao culto de Deus.

Seguindo os passos da bandeira, o sacerdote caminhava ensinando áquellas sociedades nascentes palavras consoladoras que o meigo Jesus de Nazareth deixára na terra.

Em cada povoação, dominando os lares, um cruzeiro abria os seus braços, como symbolo da Religião de paz e de amôr que os missionarios pregavam.

O bandeirante, quando no silencio profundo da selva magestosa via o descambar do sol no occaso onde as nuvens de oiro e purpura se acastelavam, tirava o rustico chapéo de couro, e junto das minas, dobrava os joelhos murmurando uma prece áquelle Deus misericordioso que velava por elle e pela familia tão querida e tão distante.

A Religião foi o sustentaculo desses homens atravéz das florestas em busca de ambiciosas aventuras.

...
Quando ás margens poeticas do Coxipó se fixou a primeira povoação do homem civilizado, a primeira cruz feita de pesado madeiro fôra tambem erigida na terra.

Tres annos passaram.

Grande quantidade de ouro extrahido assegurava a abundancia na povoação.

No meio das varzeas ondulantes, ranchos solidos foram construidos em substituição ás palhoças de uacoris.

Então entre os povoadores da Forquilha, formou-se a idéa consoladora de construirem uma capellinha modesta dedicada à Virgem Mãe, sob cujo manto protector elles se abrigavam e as suas vigalias se fructificavam.

No alto de uma collina verdejante, foi construida uma egrejinha dedicada a Nossa Senhora da Penha, onde a 21 de fevereiro de 1721, frei Jeronymo Botelho resou a primeira missa.

Não era um templo magestoso, nem poderia ser; era uma capella singella, construida de palhas, mas que attestava na sua modesta architettura, o poder supremo da fé que animava o espirito dos bandeirantes.

No modesto altar onde a imagem da Virgem surgia aureolada pelos esplendores da pureza e da bondade foram depositadas flôres agrestes, colhidas n'aquellas varzeas verdejantes onde as borboletas voavam em doidas brincadeiras.

Em frente a imagem sacrosanta de Christo Crucificado, o sacerdote orava, recolhido e crente.

Não se ouvia a voz de um orgão a argumentar a solemnidade d'aquelle acto.

Mas, dos jequitibás e das palmeiras verdejantes, o bando alegre das aves modulava os seus cantos que iam se harmonisar numa cadencia maviosa ao doce murmurio do rio, que ali perto, no seu leito de pedras, rolava cantante.

E os bandeirantes ajoelhados e commovidos, offereceram a Deus o sacrificio d'aquella primeira missa que se celebrava na pequenina capella offerecida á Virgem Mãe sob cujo manto protector e amigo se abrigavam e as suas vigalias se fructificavam.

(A Violeta 6: 5 e 6, de 28 de fevereiro de 1917)

A Republica era o dourado sonho do povo brasileiro.

Nem podia ser outra a fôrma de governo adoptada em um paiz como este, cujos filhos descendem do indio bravo, valente, impavido, do portuguez audaz e corajoso daquelles tempos em que atiravam-se destemidos, os portuguezes, a incognitos mares em busca de novas aventuras, do portuguez do tempo em que no dizer de Camillo Castello Branco “ Portugal era tão portuguez .”

A indole mesmo do povo brasileiro fazia-lhe sentir demasiado pesado o jugo da Metropole, pois elle queria viver em uma patria livre, gozar das riquezas que lhe oferecia a Natureza, elle que tinha o direito incontestavel de chamar esta bem fadada e invejavel terra – minha patria.

Lucta renhida travaram os indios contra os homens brancos que lhes vinham roubar a terra; mas o terror das armas de fogo, o agrado em que cahiam alguns chefes e indios das tribus, já fazendo os casamentos de suas filhas com os portuguezes já servindo-se de objectos de usos europeos que lhes eram fornecidos, fizeram com que muitas tribus se rendessem, firmando no Brazil o dominio portuguez.

Houve, em nossa cara patria, desde os tempos coloniaes, uma terra onde bem se fazia sentir o poder da vontade popular.

Era Pernambuco, donde sahiram sempre solennes protestos contra os que desejavam implantar o despotismo no Brasil.

Cinco lustros fazia que o proto martyr da Republica, o heroico Tiradentes, havia cedido o seu sangue em troca das frustradas idéas emancipadoras, nascidas em Minas em 1789, e já Pernambuco, representado pelos mais dignos dos seus filhos prepara-se para repellir com energia de então o predomínio que alguns portuguezes, senhores no governo lhe queriam impor, mostrando que, se em 1808 um povo recebera em festas o rei de Bragança, esse mesmo povo se revoltaria se quizessem sobre elle exercer um predomínio brutal.

Foi em 1817 que Domingos José Martins, negociante de Pernambuco, educado na Inglaterra dum modo todo partidario de ideas liberaes, desassombradamente pregava a idéa republicana, encontrando sempre sympathias, mórmente na classe militar, que sempre se conservou e se manteve com alevantados ideais.

O governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro manda prender os liberaes a 6 de Março, e si os civis foram presos sem reluctancia, tal não aconteceu com o aprisionamento dos militares: o capitão Barbosa Lima bem caro pagou a reprehensão que lançára á face dos officiaes quando estes eram entregues a prisão, pois o capitão João de Barros o atravessou com uma espada sem que este acto merecesse a menor censura dos outros officiaes.

Os prisioneiros foram postos em liberdade e parecia que a Republica triumphára.

Organisaram um governo provisório sendo seus membros Domingos Theotônio Jorge, o padre João Ribeiro Pessoa, o proprietário José Corrêa Araújo e Domingos José Martins, sendo nomeado ministro do interior o padre Miguel Joaquim d’Almeida, conhecido por padre Miguelinho.

Parahyba, Rio Grande do Norte, Alagoas adheriram á causa de Pernambuco.

Na Bahia é preso e fusilado o notavel liberalista Padre José Ribeiro de Abreu Lima, o bravo padre Roma.

Embora com alevantadas idéas, embora abraçassem uma causa justa, embora defendessem a terra que os viu nascer, ainda desta vez foi mais potente o poder do mais forte, e os brasileiros viram demolir a sua Republica, sendo Pernambuco então Theatro de sangue e de horror.

A força portugueza era maior, o medo de perder o precioso thesouro a impelliu a toda sorte de desatinos, e, vencedores, fazem pagar com a vida os principaes chefes afim de se realizar, como disseram antes, quando triumphou da conspiração mineira: “ não mais haver nesta terra ideas de liberdade.”

Assim é que entre outros são condemnados á morte: Domingos Theotonio Jorge, Domingos José Martins, João de Barros Lima e os padres Tenorio e Miguel de Almeida.

Não chegou somente até a sentença de morte o odio dos vencedores, que praticaram com outros de quem talvez tivessem piedade, toda a sorte de vinganças, as quaes fizeram ainda mais forte accentuar o desejo de liberdade, que felizmente se fez ecoar no Brazil cinco annos depois, para mais tarde levantar-se a arvore frondosa da Republica Brasileira da Ammerica do Sul.

Agora que nesse Estado, outr’ora theatro de tantas barbaridades pela causa da Republica, festejam o centenario desse acontecimento, temos do Instituto Archeologico Geographico de Pernambuco um telegramma convidando o nosso Estado para festejar com os outros, essa data republicana, pois que “o movimento republicano do norte muito influiu para a nossa independencia politica de 1822, unamo-nos ás honras prestadas aos destemidos republicanos do ‘Leão do Norte’, tambem as nossas manifestações civicas de patriotismo, que justa e dignamente lhes estão sendo preparadas.

É desta união que nasce a força sufficiente para levantar bem alto o nosso Paiz grandioso e rico. Como mais bemfadada pela Natureza não póde existir outra terra.

(A Violeta 6: 2 e 3, de 28 de fevereiro de 1917)

O Guarany
Dolores

Fundador, por assim dizer, da nossa litteratura, foi Alencar quem mais decantou nas cordas nas cordas suaves da sua lyra a belleza verdadeiramente grandiosa da nossa natureza ainda quasi virgem, e a doce poesia da vida dos primitivos habitantes das nossas selvas.

Vivendo na epoca em que o romantismo resplandecia creado pela alma inspiradora de Goethe na Alemanha, de Walter Scott na Inglaterra, Alencar que tinha no cerebro toda a inspiração com que Deus fadára a brazileia terra, que sabia modular em phrases amenas os cantos das nossas aves maviosas, Alencar soube cultivar com esmero o romantismo.

O brazileiro não tinha como lá na velha Europa, a Edade Media, essa phase da Evolução social em que as lendas eram frequentes.

A vida ás vezes placida, ás vezes tumultuosa que levava o selvagem; a sua linguagem cheia de um lyrismo encantador, as scenas da vida rude primitiva, impressionavam profundamente a alma grandiosa de Alencar.

Estudando de perto o indio, elle fez desse typo desprezado pelo branco um ser justo, calmo, que o desejo de vingança levava ao mal.

Foi então que em seu cerebro incandescente, onde as idéas se succediam, nasceu o “Guarany ,” a mais bella producção do grande litterato, a obra prima das lettras patrias no seculo passado.

- Quando se lê o Guarany, a alma eleva-se.

Desde as suas primeiras paginas, desde as scenas grandiosas cujo theatro é a natureza em toda a sua magnificencia, até as paginas em que o egoismo, os desejos brutaes da vingança, se patenteam nitidamente, a admiração se manifesta, ao mesmo tempo que o respeito faz com que curvemos a frente ante a memoria d’aquelle que com o buril de mestre sabia cinzelar as mais suaves phrases.

- Pery, na sua ingenuidade de selvicola, apaixona-se pela virgem loira como o sol, tão differente das mulheres da sua raça.

Guerreiro mais forte entre os guerreiros da sua tribu, capaz de subjugar nas selvas a onça terrivel e implacavel, sente-se fraco, impotente quando está ao lado de Cecy.

Filho do Sól, o desprezaria si elle se tornasse mais loiro que os cabellos de sua senhora; amando a lua como a deusa protectora dos campos e das colheitas, Pery a odiaria si ella dissesse ser mais branca que a face de sua senhora; nascido enfim sob o esplendor infinito do céu, odial-o-ia si elle se mostrasse mais azul do que os lindos olhos de Cecy.

E aquella paixão creada e desenvolvida n’alma inculta do selvagem, desconhecia o ciume; por Alvaro, noivo de Cecy, Pery daria, si fosse preciso, a vida!

Mas, no Guarany não é só o amor de Pery que nos encanta; é principalmente o desenrolar das scenas, ás vezes de heroismo, as vezes de ambição que nos fascina.

Aquella tempestade descripta com todos os detalhes; o castigo ao aventureiro ousado que roubára o segredo de Roberio Dias; a ambição que se estampou nitidamente n’alma de Frei Angelo de Luca fazendo logo com que elle trocasse as sagradas vestes de sacerdote pelas do aventureiro Loredano, elle que ao penetrar nas selvas era um apostolo de Christo, tornou-se pela ambição o ministro de Satanaz.

O contraste entre o italiano e o selvicola é immenso; aquelle desde que apparece, assemelha-se ao genio do mal; este ao anjo do bem, livrando Cecy da morte e dos perigos desde que a viu.

Depois, quando o anjo do exterminio estendeu as suas geladas azas sobre o retiro calmo do velho fidalgo Pery foi quasi um Deus.

Luctando lá fóra contra as aggressões dos Aymorés; vigiando a revolta dos aventureiros, Pery conseguiu por algum tempo sustentar a situação; e quando viu que as suas forças eram impotentes não trepidou em deixar-se aprisionar pelos Aymorés, para, no terrível momento em que a tanga penna lhe desfechasse o golpe mortal, elle envenenar-se, para o seu corpo que ia servir de resto aos inimigos, levar-lhes a morte cruel e implacavel.

Todas as passagens dessa obra monumental são sublimes: a morte de Alvaro, o suicidio louco de Isabel, o castigo do italiano que renegára a veste de sacerdote; todas aquellas passagens, Alencar soube cinzelar como inspirado que fôra.

A ultima parte do romance, aquelle capitulo “Christão”, é verdadeiramente sublime.

O velho fidalgo vendo a impossibilidade de salvar-se, entrega ao indio o thesouro que elle tinha de mais precioso – a sua meiga Cecilia, e o baptisa em nome do Christo.

E quando faz saltar o paiol com um tiro, afim de com a explosão livrar-se da deshonra, o seu heroismo é sublime ao mesmo tempo que é grande a dedicação e a confiança do indio.

- O epilogo é enternecedor. Cecy desperta e ao saber do triste fim que tiveram os seus, busca na prece o balsamo suave para os seus martyrios e a gratidão lhe enche a alma de doce resignação.

E quando o Parnahyba, em cujas margens se abrigaram Pery e Cecy, assoberba-se e transborda produzindo aquella terrivel innundação, o indio que luctára com a traição, com os Aymorés, com o veneno tenta n’um esforço supremo, luctar com as aguas, salvando-se, QUAL TAMANDARÉ SALVÁRA A RAÇA NO LEQUE VERDEJANTE DA PALMEIRA.

(A Violeta 6: 6-9, de 28 de fevereiro de 1917)

Chronica

Arinapi

Mas um livro vem enriquecer a litteratura patricia, graças á dedicação incansavel da nossa mui querida escriptora D. Julia Lopes de Almeida.

“Jornadas no meu País” é o nome com que foi baptisado o novo irmãosinho da “Intrusa”, do “Correio da Roça”.

Grande, já, é a prole litteraria da insigne escriptora, de cujo talento sou pequenina para dizer e cuja critica não está ao alcance da minha mediocre, senão inferior mesmo, capacidade intellectual.

Fallo das “Jornadas no meu País” com o mesmo entusiasmo com que elogiaria as soberbas riquezas naturaes de que é prodiga e exuberante esta minha Terra, prodigalidade que se estende e até domina, como que reflectindo ou echoando, em algumas intelligencias que jamais se cãnçam de produzir, como seja a da nossa illustre patrona.

Fallo e fallo para vós, patricias minhas, gentis meninos brasileiros; que esta é uma obra que podeis ter com agrado e proveito sempre em vossas mãos.

Ah! Eu jamais tive a felicidade de fazer uma viagem fóra do meu berço natal, mas com que prazer li essas paginas tão instructivas e que eram aos meus olhos uma paisagem encantadora; o descortinar das bellezas sem fim que causam o encanto do viajor, nesta extensa zona que apresenta o littoral do Brazil do Guanabara ao Rio Grande.

“Há muitos annos, díz a escriptora, que me mordida o desejo de ir veranear pelas terras do sul.

O Rio Grande, pelo interesse da sua vida social, costumes típicos, climas de extremos e paisagens vagas e livres, seduzia-me a imaginação de tal modo que, por varias vezes, projectei viagens que successivamente adiei até que um dia com menos preparos antecedentes, tomei uma resolução e um taxi que me levou á porta da agencia da costeira e em dois minutos tudo ficou decidido.

- O primeiro paquete?

- O Itaberá, amanhã.

- Bom?

- Um dos melhores da companhia.

- Nesse caso, uma passagem para Porto Alegre.

.....
E assim, nessa linguagem tão encantadora e tão pura, ella faz a sua descripção, do Rio até a terra dos pampas.

O que, porém nunca imaginou a auctora é que em propicia occasião fez-me ella conhecer mais ou menos physicamente, em sua salinha agasalhada, D.D. Julieta e Revocata de Mello, cujo talento e aprimorada educação eu já tivera a felicidade de conhecer.

É esta a nobre tarefa dos bons escriptores, espalhar conhecimentos, engrandecer a patria, instruir deleitando e fazer da mocidade o que o lavrador faz do campo que deseja fertil – preparal-a por meio de conhecimentos reaes para ser o amigo e o defensor da terra patricia.

E D. Julia é a escriptora para a juventude, com o mesmo zelo com que escreveu “Nossa Lingua” em seu interessante livro “Historia da nossa terra” com essa mesma habilidade de quem advoga uma causa justa, hoje, mostra ella com pormenores colhidos com perspicacia aqui e acolá, uma grande parte da nossa rica patria.

O seu trabalho está feito; e elle bem merece que saibamos aproveitá-lo

(logo abaixo é transcrito longo trecho de “Jonadas no meu País”, a obra comentada. O trecho se refere à chegada da protagonista na casa de Donas Julieta e Revocata de Melo, duas irmãs escritoras).

(A Violeta 82: 1-3, de 18 de julho de 1921)

Poesia Feminina

Gil

A poesia feminina no Brasil abrange toda uma vasta escala de sensibilidade e toda uma variada chromatização psychica que vai desde o mysticismo quasi extra-terreno de Auta de Souza até o erotismo ardente e insopitado de Gilka Machado.

Dentro do vasto cyclo que fica entre essas duas concepções estheticas tão diversas, se abrigam, se enquadram, se classificam as innumeras vocações artisticas femininas da poesia nacional.

E não será dos menos brilhantes e honrosos, por certo, o lugar occupado por Lola de Oliveira, a joven e inspirada artista das Esmeraldas (3ª edição, S. Paulo, 1925) e das Amethystas (6ª edição, S. Paulo, 1925), que exornam a nossa modesta meza de trabalho.

Não são, como se deprehende, obras novas, sahidas da fôrma, mas a sua recém publicação em novas edições faculta-nos dizer algo sem pretenções de critica, acerca do talento literario de Lola – a meiga poetiza que, durante algum tempo, nos deu o prazer de sua convivencia em nosso meio.

Queremos desde logo fazer reshir aquella secção “Aos mattogrossenses” em que vibram as emoções que em seu espirito d’escól deixaram as scênas e paisagens de nossa terra natal.

Vale aqui transcripto, como valioso indice da sua impressionabilidade artistica, este lindo soneto “Cuiabá”, que é dos melhores da serie referida:

CUIABÁ

*Lá, no seio da selva verdejante,
Num pedaço de terra solitaria,
Banhada pelo sol fulvo e cantante,
Existe uma cidade legendaria.*

*É a bella Cuyabá bicentenária,
Que tem o pedestal de ouro offuscante,
Onde chegou o bravo bandeirante,
Em busca da riqueza extraordinaria.*

*Ó Cuyabá, das lendas brasileiras,
Foste o sonho de gloria das bandeiras!
- Eldorado de luz e de bonança!*

*O teu futuro está prophetisado.
Foste a cidade do ouro no passado!
És a Cidade Verde da esperança!*

No mesmo genero, posto que menos vibrante é aquele soneto “As garças” em que a artista vê a beleza da alma humana ás vezes negra, nessa lucta insana, si fosse, sempre, branca como as garças!

.....

Magistral, com im grandioso effeito parnasiano aquelle “Rio Iguassú”, não lhe ficando atraz em belleza “O umbú”, e “O pampa” – sonetos ricos em sonoridades e nos quaes palpita a alma heroica e agitada do gaúcho das coxilhas.

Lêde commigo este último, que vale todo um poema synphonico admiravel:

O PAMPA

*É lá, no extremo sul, que se estende a campina,
Requeimada de sol nos dias de verão;
E envolta no lençol da geada crystalina
Nas manhãs hibernaes de forte cerração.*

*Desabrocha a planura em trevos e bonina
Na alacre primavera, a magica estação.
E no outono sorri a alfombra esmeraldina,
Ao doce perpassar da leve viração.*

*Faça frio ou calor, passa, a todo momento,
No fogoso corcel, o pala branco ao vento,
O gaúcho feliz, alegrando as coxilhas.*

*Pampa da minha terra, onde sopra o pampeiro,
Foste e sempre serás o orgulho brasileiro!
Guardas o coração dos bravos farroupilhas!*

Não é, porem, só nessa nota regional que reside o talento poetico de Lola de Oliveira. Lyrica, com uma suavidade que envia, por vezes, a Musa suggestiva de Virginia Victorino ella sabe planger o plectro da melancolia com a mesma maestria com que desfere as cordas do alaúde do amor patrio.

Este “Soneto” é eloquente attestado de sua emotividade profundamente feminina:

SONETO

*D'aqui a muitos annos... muitos annos,
Quando da vida não brilhar a aurora,
E esses teus olhos, que são dois arcanos,
Perderem essa luz fascinadora,*

*Talvez, um dia, ao leres os meus versos,
Descoloridos, tristes e dispersos,
Volvas á quadra adolescente e franca...*

*E há de fulgir a lagrima saudosa
- Gotta de orvalho sobre velha rosa –
Entre as rugas da tua face branca!*

Como esse são joias de sentimentalismo “A uma creança”, “Amor de mãe”, “Amor”, “Crepusculo”, e tantos outros. Sobre lyrica, Lola é também pensadora, revestindo-se de um cunho philosophico os “sonetos”: “A morte”, “Felicidade” que vêm nas “Esmeraldas”.

Preoccupa-a - e é nisso accentuadamente mulher – o grande problema da Maternidade.

“Bocca de monja fal-a exclaimar contristada:

“Ó monja, a tua bocca macerada, seria, mais, por Deus, santificada, si beijasses a bocca do teu filho!

Mais adiante pensa

“ na ventura dos velhinhos que fazem da familia o seu altar, e alegres dias passam a contar Historias da Carocha aos seus netinhos. O seu éstro vibrante e impulsivo tem – e é natural – contradições, como as tem a alma humana, sobretudo a de uma mulher moça... e que faz versos.

Aqui no soneto “A lagrima” ella se revela uma descrente, ao dizer:

“Quando os olhos fechamos para o Nada” e, mais adiante eil-a na Prece a exorar a Nossa Senhora, a Padroeira do seu mez” e em cujas mãos depõe o seu destino.

Quanto á forma nada deixam a desejar estes dois livros de versos, em que a autora cultiva como mesmo bom gosto e savoir faire os versos soltos, o soneto, as redondilhas e o alexandrino impecavel – o mais alto grau da perfeição poetica.

As letras femininas brasileiras estão de parabens com a impressão das “Esmeraldas” e “Amethystas” e nós só podemos desejar encerrando esta ligeira referencia, que os “Rubis” e outras pedras preciosas venham brevemente compor o escriptorio scintillante que o talento literario de Lola vai entretecendo com tamanha arte e tão delicada sensibilidade.

Cuyabá; jan. 1926.

(A Violeta 133: 4-6, de 28 de março de 1926)

O Ultimo Dia de Juracy
Esora

O dia era de Junho, secco, poeirento, nublado, dia em que saudosas recordações nos invadem a alma.

Um manto branco nebuloso, encobria o lindo azul do céu.

Rajadas de impetuoso vento, frio de sul a norte, subitamente varriam os vastos campos, alteando grossas nuvens de pó ao cimo das colinas azuladas, esparzindo continuamente um aroma agradável que se desprendia das florestas e das moitas de capim silvestre, que o fogo, em breve, devoraria na sua furia devastadora.

A vegetação rasteira, crestada pelo frio acachapava-se toda e os velhos arvoredos gemiam açoitados pelos vendavaes.

As perdizes fugitivas em bandos esvoaçavam timidas pelas capoeiras escuras emquanto o sabiá cantava tristemente no pico da velha embaubeira, chorando talvez a ausencia do seu único consolo – o filhinho que mãos perversas dalli lhe haviam retirado e a languida jurity em doloridos ais parecia chamar com insistencia o inseparavel companheiro, que a bala do caçador, havia arrancado de junto de si.

Cercada de troncos de cernes, altos e carcomidos, enroscados de parasitas roxas pendiam os cachos, destacava-se ao longo da planicie os ranchos cobertos de sapé, da velha aldeia da quasi extincta tribu, da bella Juracy.

... ..

Era ao cahir da tarde!

Nem um sorriso ao menos do rei dos astros, assistia o agonizar do dia.

Que tristonha paisagem!

Tudo, até a própria natureza, parecia tomar parte naquella nostalgia profunda que se manifestava por um silencio tumular.

Não mais feriam os nossos ouvidos os altissonantes rumores festivaes, tão freqüentes, n'aquella taba!

Não mais o magico troar da innubia e nem o mysterioso som do maracá!...

Nem mais o clamor estridente e frenetico do bacurucú, que outrora fazia vibrar n'aquella aldeia o entusiasmo da velha tribu, festa essa que a graciosa Juracy radiante de bellesa, ostentava o seu lindo avental de pennas coloridas!...

A aldeia toda parecia abandonada e um gemer lugubre, profundo e enternecedor, escutava-se no meio d'aquelle silencio. Era Juracy, a linda cabocla de olhos rasgados e cabelos d'ebano, a graça e o alvoroço d'aquella aldeia nas bellas noitadas de folguedo, ora distribuindo o esplendido cauim, ora dansando toda dengosa e insinuante, que estendida num couro de jaguar; pallida e de olhos encovados, toda envolta em pelles, despedia-se por entre lugubres soluços aos seus queridos, das suas florestas amenas, dos seus riachos murmurantes e dos seus ruidosos folgares d'outrora.

O velho pagé e toda a tribu accorriam célebres, semblantes alterados, ao lugar em que succumbia a querida filha de Jaracary, inditosa Juracy.

Reconhecendo a aproximação de seus ultimos momentos, a bella india, olhos semi-cerrados banhados em lagrimas, exclamava:

Adeus nuvens, lenções immaculados do meu noivado!...

Adeus aves errantes, queridas companheiras das minhas peregrinações!...

Adeus florestas e regatos, a tua Juracy é morta!...

E estremecendo-se convulsamente, cerrou os olhos como que adormecida.

Ai! nunca mais ella, com o encanto dos meus olhos e a melodia da sua voz, dizia o regato sombrio, a deslizar mansamente!...

Ai! nunca mais ella, com a sua graça fascinante a fazer côro com os cantores que infestam os meus bosques oppulentos, dizia a floresta sussurrante!...

E a aldeia toda, a chorar e a chorar, parecia responder:

Ai! Juracy é morta!...

(A Violeta 7: 8-10, de 23 de março de 1917)

Chronica

Magnolia

Hoje, a nossa risonha capital desperta, radiante, para commemorar, entre as notas vibrantes de hymnos festivos, a data gloriosa do segundo centenario da descoberta de Matto-Grosso.

Faz hoje duzentos annos que, pela primeira vez, o homem civilizado lançou na nossa terra a base da primeira povoação.

Tudo até então jazia desconhecido; e na paz solemne das florestas seculares só se ouviam o cantar plangente das aves, o uivar das feras e o grito rouco do aborigene rude, na sua primitiva ignorancia de homem selvagem.

Já dois seculos haviam passado depois que as náus lusitanas, desviando a rota que os levava ás Indias, tinham aportado ás terras brasileiras e já todo o immenso littoral que o Atlantico banha, achava-se povoado e colonizado.

Só o centro permanecia desconhecido.

Foi então que a ambição do ouro, dominando a raça já brasileira, destimida e brava, levou os homens á conquista do interior do Brazil.

Povo valoroso, phalange abençoada essa, dos heroicos paulistas conquistadores dos sertões!

Viajando ao accaso, sem destino, atravessando rios caudalosos e encachoeirados, trilhando caminhos invios, veio o bando de Paschoal Moreira Cabral acampar-se á beira do Coxipó, plantando em pobres palhoças feitas dos leques das jussarás, a primeira povoação de civilizados e levantando a cruz bemdicta, symbolo da fé ardente que os guiava e da doce Religião do Amor e do bem, que Jesus de Nazareth deixou na terra.

Em breve foi abandonada a primeira povoação e os bandeirantes vieram para as “Novas Minas” descobertas por Miguel Subtil.

O nome foi logo mudado para Cuyabá, e há duzentos annos a nossa cidade guarda todas as recordações do que foi o trabalho do nosso povo na suprema conquista da perfeição e do progresso.

Dorme em seu seio as cinzas sagradas dos primeiros povoadores: em seus arredores as escavações profundas ainda mostram a riqueza exuberante que encerravam os seus veios de ouro fulgido.

Foi daqui que partiram as explorações arriscadas, muitas das quaes não conseguiram ver realisados os seus desejos de conquista.

Dois seculos! Muito temos feito, mas ainda nos resta muito que fazer.

Nesse periodo, tem-se transformado em cidades, partes das primitivas florestas.

O homem selvagem vae sendo trazido ao convivio da civilisação.

Mas, nem todo o sertão, foi desvendado; ainda é preciso que o povo que habita esta grande porção da Patria Brasileira, se uma na realização de um só ideal que é o progresso da terra onde, pela primeira vez, abrimos os olhos à luz da vida e onde prendemos a alma nos élos de amor por tudo que nos rodeia e que nos conforta.

E, ao envez do odio que suffoca e mata todas as nobres affeições do coração, das intrigas que envenenam e que transformam em lodaçal de vicios as fontes puras de onde podem nascer todo o progresso da nossa terra, é de mistér pregarmos o amor pelo trabalho e a pureza dos costumes, ensinando ás gerações que se formam o que a Patria espera do trabalho de seus filhos.

Agora está a capital ameaçada de uma mudança para o Sul do Estado, onde o progresso é cada vez mais rápido devido a rápida comunicação com o centro do Paiz.

Não é a primeira vez que fallamos contra essa mudança.

O progresso do Sul foi impulsionado pela estrada de ferro. Que eram essas localidades que hoje ameaçam a nossa Cuiabá, antes que o silvo agudo da locomotiva rasgasse o sertão onde jaziam quasi decadentes ou de onde surgiram algumas?

Si é certo que é muito difficil a comunicação com o centro, cumpre que o esforço dos filhos desta terra se faça sentir, afim de que essas communicações se tornem mais rapidas.

Com a somma avultada que se dispndesse com a installação da Capital em qualquer localidade do Sul, poderá ser construida uma Estrada de Ferro que, ligando Cuiabá, a Campo Grande resolveria esse problema que ameaça de morte, não só uma cidade que pelo seu passado não pode, não pode retrogradar, como tambem a mais vasta e rica porção do Estado, que é o Norte em sua maior extensão inexplorado, onde entretanto existem nucleos de povoações já bem adiantadas.

Com a primeira estrada de ferro viria para Cuyabá, o progresso que muitos espiritos pessimistas dizem já não existir nesta cidade.

Marginando os trilhos surgiriam as povoações, as còlonias estrangeiras e com ellas viriam o aperfeiçoamento das artes, das industrias e da agricultura, que são as fontes seguras da riqueza de um povo.

Será tambem a vida para as povoações que Candido Mariano, o novo bandeirante do seculo XX, semeou pelas ricas regiões do Norte.

Cuiabá é bem o coração de Matto-Grosso como Matto-Grosso é o coração do Brazil mysterioso e forte como bem disse a notavel escriptora Julia Lopes.

E como esse orgão na machina humana, escondido no peito alimenta o organismo, dando-lhe toda a energia vital, assim tambem nossa cidade é o centro da vida do Estado, como o Estado será o vasto celleiro onde poderão alimentar se milhões e milhões de habitantes.

E a nossa legendaria “Cidade Verde” risonha como a Esperança, será por todos que nella se aportarem o que tem sido até agora – o sólo carinhoso e farto, que jamais deixou de devolver em benções e prosperidades os sacrificios do trabalho honesto e constante.

Unamo nos todos em pról da conquista dos beneficios que trarão incalculaveis progressos ao nosso Estado porque da união nasce a força e da lucta a victoria.

E coroado o trabalho daquelles que ora se esforçam para dotar Cuiabá, dos modernos melhoramentos quaes sejam a electricidade, que logo nos dará luz e facil viação; o saneamento, a arborisação e então veremos que Cuiabá, com a vida propria que tem, será brevemente uma cidade digna de ser a Capital do nosso Estado, o mais rico da Federação Brasileira.

Refulgindo então por entre as galas de sua primavera eterna, a nossa gloriosa Cuiabá, verde como a Esperança e risonha como os sonhos dos poetas, viverá atravez das gerações vindouras, encerrando sempre em seu seio as promessas de paz e de fartura a todos que a procurarem, inspirando a lyra dos poetas cujos arpejos se traduzirão em hymnos que cantarão sempre a sua gloria, pois ella encerra para nós, doces recordações do passado como bem disse o mavioso poeta da “Cidade Verde”:

“Tens o que há de mais sagrado e terno

o tumulto materno
E esses cabelos brancos de meu pai!

(A Violeta 47: sp., de 08 de abril de 1919)